O HOMEM QUE ERA QUINTA-FEIRA

Um Pesadelo

G. K. CHESTERTON

T

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

O HOMEM QUE ERA QUINTA-FEIRA

Um Pesadelo

G. K. Chesterton

Tradução: Gustavo Guimarães

Título original: *The Man Who Was Thursday: A Nightmare*

© 2021 Dying Tree Books

facebook.com/DyingTreeBooks

Sumário

UM CONTO SELVAGEM, MALUCO, HILÁRIO E PROFUNDAMENTE INSTIGADOR

O HOMEM QUE ERA QUINTA-FEIRA
CAPÍTULO I: OS DOIS POETAS DE SAFFRON PARK
CAPÍTULO II: O SEGREDO DE GABRIEL SYME
CAPÍTULO III: O HOMEM QUE ERA QUINTA-FEIRA
CAPÍTULO IV: A HISTÓRIA DE UM DETETIVE
CAPÍTULO V: O FESTIM DO MEDO
CAPÍTULO VI: A REVELAÇÃO
CAPÍTULO VII: A CONDUTA INEXPLICÁVEL DO PROFESSOR DE WORMS
CAPÍTULO VIII: O PROFESSOR EXPLICA
CAPÍTULO IX: O HOMEM DE ÓCULOS
CAPÍTULO X: O DUELO
CAPÍTULO XI: OS CRIMINOSOS PERSEGUEM A POLÍCIA
CAPÍTULO XII: O MUNDO EM ANARQUIA
CAPÍTULO XIII: A PERSEGUIÇÃO AO PRESIDENTE
CAPÍTULO XIV: OS SEIS FILÓSOFOS
CAPÍTULO XV: O ACUSADOR

O Autor

UM CONTO SELVAGEM, MALUCO, HILÁRIO E PROFUNDAMENTE INSTIGADOR

É muito difícil classificar O HOMEM QUE ERA QUINTA-FEIRA. É possível dizer que é uma emocionante história de aventura de criminosos, assassinos e policiais brilhantes; mas era de se esperar que o autor dos contos do Padre Brown contasse uma história de detetive como ninguém. Nesse nível, portanto, O HOMEM QUE ERA QUINTA-FEIRA tem um sucesso soberbo; se nada mais, é um magnífico tour-de-force de escrita de suspense.

No entanto, o leitor logo descobrirá que é muito mais do que isso. Levado ao longo da corrida turbulenta da narrativa pelo maravilhoso estilo espirituoso de Chesterton, ele logo verá que está sendo carregado para águas muito mais profundas do que havia planejado; e o desfecho totalmente imprevisível provará para o leitor moderno, como para milhares de outros desde 1908, quando o livro foi publicado pela primeira vez, uma experiência inevitável e comovente, à medida que os investigadores finalmente descobrem quem Domingo é.

Para Edmund Clerihew Bentley

Uma nuvem pairava sobre a mente dos homens e o tempo se lamentava,
Sim, uma nuvem doentia sobre a alma quando éramos meninos.
A ciência anunciava a não existência e a arte admirava a decadência;
O mundo era velho e acabou: mas você e eu éramos felizes.
Em torno de nós em uma ordem estranha, seus vícios aleijados vieram —
Luxúria que havia perdido seu riso, medo que havia perdido sua vergonha.
Como a fechadura branca de Whistler, que iluminava nossa escuridão sem objetivo,
Homens exibiam suas próprias penas branca com o orgulho de uma pluma.
A vida era uma mosca que desaparecia e a morte um zangão que picava;
O mundo era realmente muito antigo quando você e eu éramos jovens.
Eles distorceram até o pecado decente em formas que não tinham nome:
Os homens tinham vergonha da honra; mas nós não tínhamos.
Fracos se fôssemos e tolos, não assim falhamos, não assim;
Quando aquele Baal negro bloqueou os céus, ele não recebeu louvores de nós.

Éramos crianças — nossas fortalezas de areia eram tão fracas quanto nós,
No alto, nós as empilhávamos para quebrar aquele mar amargo.
Tolos como éramos heterogêneos, todos barulhentos e absurdos,
Quando todos os sinos das igrejas silenciaram, nosso boné e sinos foram ouvidos.

Não totalmente desprotegida mantivemos a fortaleza, nossas pequenas bandeiras desenroladas;
Alguns gigantes trabalharam naquela nuvem para retirá-la do mundo.
Reencontro o livro que encontramos, sinto a hora que emite
Longe de Paumanok em sua forma de peixe, alguns gritos de coisas mais limpas;
E o Cravo Verde secava, como nos incêndios florestais que avançavam,
Rugia ao vento de todo o mundo dez milhões de folhas de relva;
Ou sensato, doce e repentino como um pássaro canta na chuva —
A verdade de Tusitala falou e o prazer saiu da dor.
Sim, fresco e claro e repentino como um pássaro canta no céu,
Dunedin falou com Samoa, e escuridão até o dia.
Mas éramos jovens; vivemos para ver Deus quebrar seus amargos encantos.
Deus e a boa República voltam cavalgando em armaduras:
Vimos a Cidade de Mansoul, mesmo enquanto ela balançava, aliviada —
Bem-aventurados aqueles que não viram, mas sendo cegos, acreditaram.

Este é um conto daqueles velhos medos, mesmo daqueles infernos vazios,

E ninguém, mas você deve entender a verdade que ele conta —
De que deuses colossais de vergonha poderiam intimidar os homens e ainda assim cair,
De que demônios enormes esconderam as estrelas, mas caíram com um clarão de pistola.
As dúvidas que eram tão fáceis de perseguir, tão terríveis de resistir —
Ah, quem compreenderá senão você; sim, quem entenderá?
As dúvidas que nos guiavam durante a noite enquanto nós dois conversávamos,
E o dia havia rompido nas ruas antes mesmo de irromper no cérebro.
Entre nós, pela paz de Deus, essa verdade agora pode ser dita;
Sim, há força em criar raízes e boa em envelhecer.
Finalmente encontramos coisas comuns, casamento e um credo,
E posso escrever com segurança agora, e você pode ler com segurança.

G.K.C.

O HOMEM QUE ERA QUINTA-FEIRA

Um Pesadelo

CAPÍTULO I

OS DOIS POETAS DE SAFFRON PARK

O subúrbio de Saffron Park ficava no lado do pôr do sol de Londres, tão vermelho e irregular como uma nuvem ao ocaso. Foi totalmente construído com tijolos brilhantes; seu horizonte era fantástico e até mesmo sua planta baixa era incrível. Fora a explosão de um construtor especulativo, levemente tingido de arte, que chamou sua arquitetura às vezes de Elizabetana e às vezes de rainha Ana, aparentemente com a impressão de que as duas soberanas eram idênticas. Era descrito com alguma justiça como uma colônia artística, embora nunca de forma definível produzisse qualquer arte. Mas embora suas pretensões de ser um centro intelectual fossem um pouco vagas, suas pretensões de ser um lugar agradável eram bastante indiscutíveis. O estranho que olhasse pela primeira vez para as pitorescas casas vermelhas só podia pensar em quão estranhamente moldadas deveriam ser as pessoas que se encaixavam nelas. Nem quando conhecia o povo, ficava desapontado a esse respeito. O lugar não era apenas agradável, mas perfeito, se uma vez pudesse considerá-lo não como um engano, mas como um sonho. Mesmo que as pessoas não fossem “artistas”, o todo era artístico. Aquele jovem de longos cabelos ruivos e rosto atrevido — aquele jovem não era realmente um poeta; mas certamente ele era um poema. Aquele velho cavalheiro com a barba branca e selvagem e o chapéu branco selvagem — aquele venerável

trapaceiro não era realmente um filósofo; mas pelo menos ele era a causa da filosofia em outros. Aquele cavalheiro científico careca, a cabeça de ovo e o pescoço nu de pássaro não tinham nenhum direito real aos ares de ciência que ele presumia. Ele não havia descoberto nada de novo na biologia; mas que criatura biológica ele poderia ter descoberto mais singular do que ele mesmo? Assim, e somente assim, todo o lugar tinha devidamente de ser considerado; tinha de ser considerado não tanto como uma oficina para artistas, mas como uma obra de arte frágil, senão acabada. Um homem que entrasse em sua atmosfera social se sentia como se tivesse entrado em uma comédia escrita.

Sobretudo, essa irrealidade atraente caía sobre ele ao anoitecer, quando os telhados extravagantes estavam escuros contra a luz do sol e toda a aldeia insana parecia tão separada quanto uma nuvem à deriva. Isso também era fortemente verdadeiro nas muitas noites de festa local, quando os pequenos jardins eram frequentemente iluminados e as grandes lanternas chinesas brilhavam nas árvores anãs como frutos ferozes e monstruosos. E isso fora mais forte em uma noite em particular, ainda vagamente lembrada na localidade, da qual o poeta de cabelos ruivos era o herói. Não foi de forma alguma a única noite da qual ele fora o herói. Em muitas noites, quem passava por seu pequeno quintal podia ouvir sua voz alta e didática ditando a lei aos homens e, em particular, às mulheres. A atitude das mulheres nesses casos era de fato um dos paradoxos do lugar. A maioria das mulheres era do tipo vagamente chamadas de emancipadas e professavam algum protesto contra a supremacia masculina. No entanto, essas novas mulheres sempre fariam a um homem o elogio extravagante que nenhuma mulher comum jamais lhe fazia: ouvir enquanto ele falava. E o Sr. Lucian Gregory, o poeta ruivo, era realmente (em certo sentido) um homem que valia a pena ouvir, mesmo que só se risse no final. Ele

expressava a velha cantilena da ilegalidade da arte e da arte da ilegalidade com um certo frescor impudente que proporcionava pelo menos um prazer momentâneo. Foi ajudado até certo ponto pela cativante estranheza de sua aparência, que ele trabalhou, como diz a frase, com todo o seu valor. Seu cabelo ruivo escuro repartido ao meio era literalmente como o de uma mulher, e se curvava nos cachos lentos de uma virgem em uma imagem pré-rafaelita. De dentro desse oval quase santo, entretanto, seu rosto se projetava repentinamente largo e brutal, o queixo se projetava com uma expressão de desprezo londrino. Essa combinação ao mesmo tempo fazia cócegas e aterrorizava os nervos de uma população neurótica. Ele parecia uma blasfêmia ambulante, uma mistura de anjo com macaco.

Aquela noite em particular, se não for lembrada por nada mais, será lembrada por seu estranho pôr do sol. Parecia o fim do mundo. Todo o céu parecia coberto por uma plumagem bastante viva e palpável; você só poderia dizer que o céu estava cheio de penas, e de penas que quase roçavam o rosto. Em toda a maior parte da cúpula, elas eram cinza, com os tons mais estranhos de violeta e malva e um rosa anormal ou verde pálido; mas, para o oeste, tudo ultrapassava a descrição, transparente e ardente, e as últimas plumas em brasa cobriam o sol como algo bom demais para ser visto. O todo estava tão perto da terra, que não expressava nada além de um violento segredo. O próprio empíreo parecia um segredo. Expressava aquela esplêndida pequenez que é a alma do patriotismo local. O próprio céu parecia pequeno.

Eu digo que há alguns habitantes que podem se lembrar daquela noite, mesmo que apenas por aquele céu opressor. Há outros que podem lembrar-se porque marcou a primeira aparição do segundo poeta de Saffron Park. Por muito tempo, o revolucionário ruivo reinou sem rival; foi na noite do pôr-do-sol que sua solidão terminou repentinamente. O novo poeta, que se apresentou pelo

nome de Gabriel Syme, era um mortal de aparência muito dócil, com uma barba clara e pontiaguda e cabelos louros desbotados. Mas crescia a impressão de que ele era menos manso do que parecia. Ele sinalizou sua entrada discordando do poeta estabelecido, Gregory, sobre toda a natureza da poesia. Disse que ele, Syme, era um poeta da lei, um poeta da ordem; não, ele disse que era um poeta da respeitabilidade. Então, todo o Saffron Park o olhou como se ele tivesse caído naquele momento daquele céu impossível.

De fato, Sr. Lucian Gregory, o poeta anárquico, conectou os dois eventos.

“Pode muito bem ser”, disse ele, em sua maneira lírica repentina, “pode muito bem ser em uma noite de nuvens e cores cruéis que se produz sobre a Terra o presságio de um poeta respeitável. Você diz que é um poeta da lei; Eu digo que você é uma contradição em termos. Só me pergunto se não houve cometas e terremotos na noite em que você apareceu neste jardim.”

O homem de mansos olhos azuis e barba clara e pontuda suportou esses trovões com uma certa solenidade submissa. A terceira parte do grupo, a irmã de Gregory, Rosamond, que tinha as tranças ruivas do irmão, mas um rosto mais gentil por baixo delas, riu com uma mistura de admiração e desaprovação que costumava dar ao oráculo da família.

Gregory retomou em alto humor oratório.

“Um artista é idêntico a um anarquista”, exclamou. “Você pode transpor as palavras para qualquer lugar. Um anarquista é um artista. O homem que joga uma bomba é um artista, porque ele prefere um grande momento a tudo. Ele vê o quanto mais valioso é uma explosão de luz forte, um toque de perfeição estrondosa, do que meros corpos comuns de alguns policiais disformes. Um artista desconsidera todos os governos, abole todas as convenções. O poeta se deleita em desordem apenas. Se

não fosse assim, a coisa mais poética do mundo seria o metrô."

"Assim é", disse o Sr. Syme.

"Absurdo!", disse Gregory, que era muito racional quando qualquer outra pessoa tentava o paradoxo. "Por que todos os passageiros e maquinistas dos trens parecem tão tristes e cansados, tão tristes e tão cansados? Eu vou te contar. É porque eles sabem que o trem está indo bem. É porque sabem que em qualquer lugar que pegaram uma passagem para determinado lugar, eles chegarão. É porque depois de passarem pela Sloane Square eles sabem que a próxima estação deve ser Victoria, e nada além de Victoria. Ah, seu êxtase selvagem! Ah, seus olhos como estrelas e seus almas novamente no Éden, se a próxima estação fosse inexplicavelmente Baker Street!"

"É você que não é poético", respondeu o poeta Syme. "Se o que você diz dos passageiros é verdade, eles só podem ser tão prosaicos quanto a sua poesia. O raro e estranho é acertar o alvo; o grosseiro e óbvio é não perceber. Achamos que é épico quando um homem com uma flecha selvagem atinge um pássaro distante. Não é também épico quando um homem com uma maquina selvagem atinge uma estação distante? O caos é monótono; porque no caos o trem pode realmente ir a qualquer lugar, para Baker Street ou para Bagdá. Mas o homem é um mágico, e toda a sua magia está nisso, que ele diz Victoria, e eis! é Victoria. Não, pegue seus livros de mera poesia e prosa; deixe-me ler uma tabela de tempo, com lágrimas de orgulho. Leve o seu Byron, que comemora as derrotas do homem; dê-me Bradshaw, que comemora suas vitórias. Dê-me Bradshaw, eu digo!"

"Você deve ir?", perguntou Gregory sarcasticamente.

"Eu lhe digo", continuou Syme com paixão, "que toda vez que um trem chega, sinto que ele quebrou baterias de sitiantes e que aquele homem venceu uma batalha contra o caos. Você diz com desprezo que, quando alguém sai de

Sloane Square, deve ir para Victoria. Eu digo que se poderiam fazer mil coisas em vez disso, e que sempre que vou lá, tenho a sensação de escapar por um fio. E quando ouço o guarda gritar a palavra ‘Victoria’, não é uma palavra sem sentido. É para mim o grito de um arauto anunciando conquista. É para mim de fato ‘Victoria’; é a vitória de Adão.”

Gregory abanou a pesada cabeça ruiva com um sorriso lento e triste.

“E mesmo assim”, disse, “nós poetas sempre fazemos a pergunta: ‘E o que é Victoria agora que você chegou lá?’ Você acha que Victoria é como a Nova Jerusalém. Sabemos que a Nova Jerusalém será apenas como Victoria. Sim, o poeta ficará descontente até nas ruas do céu. O poeta está sempre em revolta.”

“De novo”, disse Syme com irritação, “o que há de poético em estar em revolta? Você também pode dizer que é poético estar enjoado. Estar doente é uma revolta. Estar doente e ser rebelde pode ser salutar em certas ocasiões desesperadas; mas sou enforcado se conseguir ver por que são poéticas. Revolta em abstrato é... revoltante. É mero vômito.”

A rapariga estremeceu por um instante ao ouvir a palavra desagradável, mas Syme estava demasiado entusiasmado para lhe dar atenção.

“As coisas estão indo bem”, disse ele, “isto é poético! Nossa digestão, por exemplo, indo sagrada e silenciosamente bem, essa é a base de toda poesia. Sim, a coisa mais poética, mais poética do que as flores, mais poética do que as estrelas... a coisa mais poética do mundo é não estar doente.”

“Realmente”, disse Gregory arrogantemente, “os exemplos que você escolher...”

“Desculpe-me”, interviu Syme sombriamente, “esqueci que havíamos abolido todas as convenções.”

Pela primeira vez, uma mancha vermelha apareceu na testa de Gregory.

“Você não espera que eu”, disse ele, "revolucione a sociedade neste gramado?”

Syme olhou diretamente em seus olhos e sorriu docemente.

“Não, eu não”, respondeu; “mas suponho que se você fosse sério sobre seu anarquismo, é exatamente isso o que faria.”

Os grandes olhos de touro de Gregory piscaram de repente como os de um leão zangado, e quase se poderia imaginar que sua crina vermelha se levantasse.

“Você não acha, então”, disse ele em uma voz perigosa, “que estou falando sério sobre meu anarquismo?”

“Devo implorar o seu perdão?”, disse Syme.

“Não estou falando sério sobre o meu anarquismo?” gritou Gregory, com os punhos cerrados.

“Meu querido amigo!”, disse Syme, e afastou-se.

Com surpresa, mas com um prazer curioso, ele encontrou Rosamond Gregory ainda em sua companhia.

“Sr. Syme”, disse ela, “as pessoas que falam como você e meu irmão costumam ser sinceras no que dizem? Está falando sério agora?”

Syme sorriu.

“Você?”, ele perguntou.

“O que você quer dizer?”, perguntou a garota, com olhos sérios.

“Minha querida Srta. Gregory”, disse Syme gentilmente, “há muitos tipos de sinceridade e falta de sinceridade. Quando você diz ‘obrigado’ pelo sal, você quer dizer o que diz? Não. Quando você diz ‘o mundo é redondo’, você quer dizer o que diz? Não. É verdade, mas você não quer dizer isso. Agora, às vezes um homem como seu irmão realmente descobre algo que quer dizer. Pode ser apenas uma meia verdade, uma quarta verdade, uma décima verdade; mas

então ele diz mais do que pretende — por pura força de sentido.”

Ela estava olhando para ele sob as sobrancelhas niveladas; seu rosto estava sério e franco, e havia caído sobre ele a sombra daquela responsabilidade irracional que está no fundo da mulher mais frívola, o relógio materno que é tão velho quanto o mundo.

“Ele é realmente um anarquista, então?”, ela perguntou.

“Só nesse sentido estou falando”, respondeu Syme; “ou se você preferir, nesse absurdo.”

Ela juntou as sobrancelhas largas e disse abruptamente:

“Ele usaria realmente — bombas ou esse tipo de coisa?”

Syme soltou uma grande gargalhada, que parecia grande demais para a sua figura esguia e um tanto correta.

“Bom Deus, não!” ele disse, “isso tem que ser feito anonimamente.”

E com isso os cantos de sua boca se abriram em um sorriso, e ela pensou com um prazer simultâneo no absurdo de Gregory e em sua segurança.

Syme foi com ela até uma cadeira no canto do jardim e continuou a expressar suas opiniões. Pois era um homem sincero e, apesar de seus ares superficiais e graças, no fundo era humilde. E é sempre o homem humilde que fala demais; o homem orgulhoso se observa atentamente. Ele defendeu a respeitabilidade com violência e exagero. Apaixonou-se pelo elogio à limpeza e à propriedade. O tempo todo, ele cheirava a lilases. Certa vez, ouviu muito fracamente, em alguma rua distante, um harmônio começar a tocar, e pareceu-lhe que suas palavras heroicas estavam se movendo para uma melodia minúscula vinda de baixo ou de fora do mundo.

Ele olhou e falou para o cabelo ruivo e o rosto divertido da garota pelo que pareceram alguns minutos; e então, sentindo que os grupos em tal lugar deveriam se misturar, pôs-se de pé. Para seu espanto, encontrou todo o jardim vazio. Todo mundo tinha ido há muito tempo, e fez o mesmo

com um pedido de desculpas um tanto apressado. Saiu com uma sensação de que bebera champanhe e lhe subira à cabeça, que não conseguiu explicar depois. Nos eventos selvagens que se seguiram, aquela menina não teve nenhuma parte; ele nunca mais a viu até o fim de toda essa história. E, no entanto, de uma forma indescritível, ela ocorria-lhe como um motivo musical em todas as suas loucas aventuras seguintes, e a glória de seu estranho cabelo corria como um fio vermelho por aquelas tapeçarias escuras e mal desenhadas da noite. Pois o que se seguiu foi tão improvável que poderia muito bem ter sido um sonho.

Quando Syme saiu para a rua iluminada pelas estrelas, encontrou-a momentaneamente vazia. Então percebeu (de uma forma estranha) que o silêncio era mais um silêncio vivo do que morto. Do lado de fora da porta havia um poste de luz, cujo brilho dourava as folhas da árvore que se curvava sobre a cerca atrás dele. Na cerca a trinta centímetros do poste estava uma figura quase tão rígida e imóvel quanto o próprio poste. O chapéu alto e a sobrecasaca comprida eram pretos; o rosto, em uma sombra abrupta, estava quase tão escuro. Apenas uma franja de cabelo flamejante contra a luz, e também algo agressivo na atitude, proclamava que era o poeta Gregory. Ele tinha a aparência de um bravo mascarado esperando com a espada na mão por seu inimigo.

Fez uma espécie de saudação duvidosa, que Syme retribuiu de forma mais formal.

“Eu estava esperando por você”, disse Gregory. “Posso ter uma conversa momentânea?”

“Certamente. Sobre o quê?”, perguntou Syme numa espécie de espanto débil.

Gregory golpeou com sua bengala o poste e depois a árvore.

“Sobre *isto* e *aquilo*”, disse ele; “sobre ordem e anarquia. Existe sua ordem preciosa, aquela lâmpada magra de ferro,

feia e estéril; e existe anarquia, rica, viva, reproduzindo-se — existe anarquia, esplêndida em verde e ouro.”

“Mesmo assim”, respondeu Syme pacientemente, “no momento você só vê a árvore à luz da lâmpada. Eu me pergunto quando você veria a lâmpada à luz da árvore.” Então, após uma pausa, ele disse: “Mas posso perguntar se você está parado aqui no escuro apenas para retomar nossa pequena discussão?”

“Não”, vociferou Gregory, em uma voz que ecoava na rua, “eu não estou aqui para retomar nossa discussão, mas para encerrá-la para sempre.”

O silêncio voltou a cair e Syme, embora não entendesse nada, ouviu instintivamente o que estava acontecendo. Gregory começou com uma voz suave e um sorriso bastante desconcertante.

“Sr. Syme”, disse ele, “esta noite o senhor conseguiu fazer algo notável. Você fez algo comigo que nenhum homem nascido de mulher jamais conseguiu fazer antes.”

“Deveras?”

“Agora eu me lembro”, retomou Gregory pensativo, “outra pessoa conseguiu fazer isso. O capitão de um navio a vapor (se bem me lembro) em Southend. Você me irritou.”

“Lamento muito”, respondeu Syme com gravidade.

“Temo que minha fúria e seu insulto sejam chocantes demais para serem apagados, mesmo com um pedido de desculpas”, disse Gregory muito calmamente. “Nenhum duelo poderia eliminá-lo. Se eu o golpeasse e você caísse morto, não poderia eliminá-lo. Só há uma maneira pela qual esse insulto pode ser apagado, e esse é o caminho que eu escolho. Eu vou, com o possível sacrifício de minha vida e honra, te *provar* que você estava errado no que disse.”

“No que eu disse?”

“Você disse que eu não era sério sobre ser um anarquista.”

“Existem graus de seriedade”, respondeu Syme. “Nunca duvidei de que você fosse perfeitamente sincero nesse

sentido, de que achava que valia a pena dizer o que disse, que achava que um paradoxo poderia despertar os homens para uma verdade negligenciada.”

Gregory o olhou fixamente e dolorosamente.

“E em nenhum outro sentido”, perguntou ele, “você me acha sério? Você me acha um *flâneur* que deixa cair verdades ocasionais. Você não acha que em um sentido mais profundo, mais mortal, eu estou falando sério?”

Syme bateu violentamente com a bengala nas pedras da estrada.

“Sério!” ele gritou. “Meu Deus! Essa rua é séria? Essas malditas lanternas chinesas são sérias? O todo é sério? Alguém vem aqui e fala um monte de tolices, e talvez algum bom senso também, mas eu deveria pensar muito pouco em um homem que não mantém algo no fundo de sua vida que fosse mais sério do que toda essa conversa — algo mais sério, seja religião ou apenas bebedeira.”

“Muito bem”, disse Gregory, e seu rosto obscurecendo, “você verá algo mais sério do que bebedeira ou religião.”

Syme esperou com seu habitual ar de brandura até que Gregory voltou a abrir os lábios.

“Você acabou de falar em ter uma religião. É realmente verdade que você tem uma?”

“Oh”, disse Syme com um sorriso radiante, “agora somos todos católicos.”

“Então, posso pedir-lhe que jure por quaisquer deuses ou santos que sua religião envolva, que você *não* revelará a nenhum filho de Adão o que agora vou lhe dizer, e especialmente à polícia? Você pode jurar! tome sobre si esta abnegação terrível, se você consentir em sobrecarregar sua alma com um voto que nunca deveria fazer e um conhecimento com o qual você nunca deveria sonhar, eu prometo a você em troca...”

“O que me promete em troca?”, perguntou Syme, enquanto o outro fazia uma pausa.

“Eu prometo a você uma noite muito divertida.”

Syme tirou de repente o chapéu.

“Sua oferta”, disse ele, “é idiota demais para ser recusada. Você diz que um poeta é sempre um anarquista. Eu discordo; mas espero que pelo menos ele seja sempre um esportista. Permita-me, aqui e agora, jurar como um cristão, e lhe prometer como um bom camarada e companheiro de arte, que não relatarei nada disso, seja o que for, à polícia. E agora, em nome de Colney Hatch, o que é?”

“Eu acho”, disse Gregory, com plácida irrelevância, “que tomaremos uma carruagem.”

Ele deu dois longos assobios, e uma carruagem veio barulhenta pela estrada. Os dois entraram em silêncio. Gregory deu o endereço de um obscuro bar na margem do rio Chiswick. A carruagem se afastou novamente e, nele, aqueles dois fantásticos deixaram sua cidade fantástica.

CAPÍTULO II

O SEGREDO DE GABRIEL SYME

A carruagem parou diante de uma cervejaria particularmente sombria e gordurosa, para a qual Gregory conduziu rapidamente seu companheiro. Eles se sentaram a uma mesa de madeira toda manchada e com uma perna de madeira, em uma espécie de salão-bar fechado e escuro. O salão era tão pequeno e escuro que muito pouco se podia ver do atendente que foi convocado, além de uma vaga e escura impressão de algo volumoso e barbudo.

“Quer comer um pouco?”, perguntou Gregory educadamente. “O *pâte de foie gras* não é bom aqui, mas posso recomendar o jogo.”

Syme recebeu o comentário com impassibilidade, imaginando que fosse uma piada. Aceitando a veia de humor, disse ele, com uma indiferença educada:

“Oh, traga-me um pouco de maionese de lagosta.”

Para seu espanto indescritível, o homem apenas disse: “Certamente, senhor!” e aparentemente foi buscá-la.

“O que você vai beber?”, retomou Gregory, com o mesmo ar descuidado, mas apologético. “Só vou *querer* um *crême de menthe*; eu já jantei. Mas o champanhe é realmente confiável. Deixe-me começar com meia garrafa de Pommery, pelo menos.”

“Obrigado!”, disse o imóvel Syme. “Você é muito bom.”

Suas novas tentativas de conversação, um tanto desorganizadas em si mesmas, foram interrompidas,

finalmente, como por um raio, com o aparecimento real da lagosta. Syme provou-a e achou-a particularmente boa. Então, de repente, começou a comer com grande rapidez e apetite.

“Desculpe-me se me divirto bastante obviamente!”, ele disse a Gregory, sorrindo. “Não costumo ter a sorte de ter um sonho como este. É uma novidade para mim um pesadelo levar a uma lagosta. Geralmente é o contrário.”

“Você não está dormindo, eu lhe asseguro”, disse Gregory. “Você está, pelo contrário, perto do mais atual e estimulante momento de sua existência. Ah, aí vem o seu champanhe! Admito que possa haver uma ligeira desproporção, digamos, entre as disposições internas deste excelente hotel e o seu exterior simples e despretensioso. Mas isso é todo o nosso pudor. Somos os homens mais modestos que já viveram na terra.”

“E quem somos *nós*?” perguntou Syme, esvaziando a taça de champanhe.

“É muito simples”, respondeu Gregory. “*Nós* somos os anarquistas sérios, em quem você não acredita.”

“Oh!” disse Syme brevemente. “Vocês se dão bem com bebidas.”

“Sim, levamos tudo a sério”, respondeu Gregory.

Então, após uma pausa, ele acrescentou:

“Se em alguns momentos esta mesa começar a virar um pouco, não a atribua às suas investidas no champanhe. Eu não desejo que você cometa uma injustiça.”

“Bem, se não estou bêbado, estou louco”, respondeu Syme com uma calma perfeita; “mas eu acredito que posso me comportar como um cavalheiro em qualquer condição. Posso fumar?”

“Certamente!”, disse Gregory, mostrando uma caixa de charutos. “Experimente um dos meus.”

Syme pegou o charuto, cortou a ponta com o corta-charutos do bolso do colete, meteu-o na boca, acendeu-o lentamente e deixou escapar uma longa nuvem de

fumo. Não é pouco para seu crédito que ele executou esses ritos com tanta compostura, pois quase antes de iniciá-los, a mesa a que estava sentado começara a girar, primeiro lentamente, e depois rapidamente, como em uma sessão espírita insana.

“Você não deve se importar”, disse Gregory; “é uma espécie de parafuso.”

“É mesmo”, disse Syme placidamente, “uma espécie de parafuso. Que simples!”

No momento seguinte, a fumaça de seu charuto, que vinha flutuando pela sala em curvas serpenteantes, subiu direto como se saísse de uma chaminé de fábrica, e os dois, com suas cadeiras e mesa, dispararam através do chão como se a terra tivesse os engolido. Eles desceram sacudindo uma espécie de chaminé ruidosa tão rápido quanto um elevador desgovernado, e chegaram com um solavanco abrupto. Mas quando Gregory escancarou um par de portas e deixou entrar uma luz vermelha subterrânea, Syme ainda estava fumando com uma perna jogada sobre a outra e não tinha ficado um cabelo solto.

Gregory o conduziu por uma passagem baixa e abobadada, no final da qual estava a luz vermelha. Era uma enorme lanterna carmesim, quase do tamanho de uma lareira, fixada sobre uma pequena mas pesada porta de ferro. Na porta havia uma espécie de escotilha ou grade e Gregory bateu cinco vezes. Uma voz pesada com sotaque estrangeiro perguntou quem ele era. A isso ele deu uma resposta mais ou menos inesperada, “Sr. Joseph Chamberlain.” As pesadas dobradiças começaram a se mover; era obviamente algum tipo de senha.

Dentro da porta, a passagem brilhava como se fosse forrada com uma rede de aço. Com um segundo olhar, Syme viu que o padrão cintilante era na verdade composto de fileiras e mais fileiras de rifles e revólveres, amontoados ou interligados, muito próximos.

“Devo pedir-lhe que me perdoe todas essas formalidades”, disse Gregory; “temos que ser muito rígidos aqui.”

“Oh, não se desculpe”, disse Syme. “Eu conheço sua paixão pela lei e ordem”, e penetrou na passagem alinhada com as armas de aço. Com seu cabelo comprido e claro e sobrecasaca bastante afetada, ele parecia uma figura singularmente frágil e fantasiosa enquanto caminhava por aquela brilhante avenida da morte.

Eles passaram por várias dessas passagens e chegaram finalmente a uma estranha câmara de aço com paredes curvas, de formato quase esférico, mas apresentando, com suas fileiras de bancos, algo como um teatro de conferências científicas. Não havia rifles ou pistolas neste aposento, mas em volta das paredes estavam penduradas formas mais duvidosas e terríveis, coisas que pareciam bulbos de plantas de ferro ou ovos de pássaros de ferro. Eram bombas, e a própria sala parecia o interior de uma bomba. Syme jogou a cinza do charuto contra a parede e entrou.

“E agora, meu caro Sr. Syme”, disse Gregory, jogando-se de forma expansiva no banco sob a bomba maior, “agora estamos bem aconchegados, então vamos conversar direito. Agora, nenhuma palavra humana pode dar a você qualquer noção de por que eu trouxe você aqui. Foi uma daquelas emoções bastante arbitrárias, como pular de um penhasco ou se apaixonar. Basta dizer que você era um sujeito inexprimivelmente irritante e, para fazer justiça, você ainda é. Eu quebraria vinte juramentos de sigilo pelo prazer de derrubá-lo em uma estaca. Esse jeito de acender um charuto faria um padre quebrar o selo da confissão. Bem, você disse que tinha certeza de que eu não era um anarquista sério. Este lugar lhe parece sério?”

“Parece ter uma moral por trás de toda a sua alegria”, concordou Syme; “mas posso lhe fazer duas perguntas? Não precisa ter medo de me dar informações, porque, como

você se lembra, muito sabiamente me extorquiu a promessa de não contar à polícia, promessa que certamente cumprirei. Portanto, é por mera curiosidade que faço minhas perguntas. Em primeiro lugar, do que se trata realmente? A que você se opõe? Você quer abolir o governo?”

“Queremos abolir Deus!”, disse Gregory, abrindo uns olhos de fanático. “Não queremos apenas perturbar alguns despotismos e regulamentos policiais; esse tipo de anarquismo existe, mas é um mero ramo do não conformismo. Cavamos mais fundo e explodimos vocês mais alto. Queremos negar todas essas distinções arbitrárias de vício e virtude, honra e traição, sobre as quais meros rebeldes se baseiam. Os tolos sentimentalistas da Revolução Francesa falavam dos direitos do homem! Odiamos os direitos como odiamos os erros. Abolimos o direito e o errado.”

“E o direito e o esquerdo”, disse Syme com uma ansiedade simples, “espero que você também. São muito mais problemáticas para mim.”

“Você falou de uma segunda pergunta”, retrucou Gregory.

“Com todo o prazer!”, resumiu Syme. “Em todos os seus atos e ambientes atuais, há uma tentativa científica de sigilo. Tenho uma tia que morava em uma loja, mas esta é a primeira vez que encontro pessoas vivendo de preferência sob uma taverna. Você tem uma pesada porta de ferro. Você não pode passar sem submeter-se à humilhação de se autodenominar Sr. Chamberlain. Você se cerca de instrumentos de aço que tornam o lugar, se assim posso dizer, mais impressionante do que caseiro. Posso perguntar por que, depois de se dar ao trabalho de se barricar nas entranhas da terra, vocês então exibem todo o seu segredo, falando sobre anarquismo para todas as mulheres tolas em Saffron Park?”

Gregory sorriu.

“A resposta é simples”, disse ele. “Eu disse que era um anarquista sério e você não acreditou em mim. Eles também *não* acreditaram. A menos que eu os trouxesse para esta sala infernal, eles não acreditariam em mim.”

Syme fumou pensativo e olhou-o com interesse. Gregory continuou:

“A história da coisa pode diverti-lo”, disse ele. “Quando me tornei um dos Novos Anarquistas, tentei todos os tipos de disfarces respeitáveis. Eu me vesti como um bispo. Eu li tudo sobre os bispos em nossos panfletos anarquistas, em *Superstição, o Vampiro* e os *Sacerdotes de Rapina*. Desses, eu certamente entendi que os bispos são estranhos e velhos terríveis escondendo um segredo cruel da humanidade. Eu estava mal informado. Quando, em minha primeira aparição com polainas episcopais em uma sala de visitas, gritei com voz de trovão: ‘Abaixo! abaixo! razão humana presunçosa!’, eles descobriram de alguma forma que eu não era bispo. Fui capturado imediatamente. Então me passei por milionário; mas defendi o Capital com tanta inteligência que um tolo poderia ver que eu era muito pobre. Em seguida tentei ser um major. Ora, eu também sou um humanitário, mas tenho, espero, amplitude intelectual suficiente para entender a posição daqueles que, como Nietzsche, admiram a violência — a orgulhosa e louca guerra da Natureza e tudo aquilo, você sabe. Eu me joguei no major. Saquei minha espada e agitei constantemente. Gritei ‘Sangue!’ distraidamente, como um homem pedindo vinho. Eu costumava dizer: ‘Deixe os fracos morrerem; é a lei.’ Bem, bem, parece que os grandes não fazem isso. Fui preso novamente. Por fim, fui em desespero ao Presidente do Conselho Central Anarquista, que é o maior homem da Europa.”

“Qual é o nome dele?” perguntou Syme.

“Você não o conhece”, respondeu Gregory. “Essa é a sua grandeza. César e Napoleão colocaram todo o seu gênio para serem ouvidos, e *foram* ouvidos. Ele coloca todo o seu

gênio para não ser ouvido, e não é ouvido. Mas você não pode ficar cinco minutos na sala com ele sem sentir que César e Napoleão seriam crianças em suas mãos."

Ele ficou em silêncio e até pálido por um momento, e então retomou:

"Porém sempre que ele dá um conselho, é sempre algo tão surpreendente como um epigrama, mas tão prático quanto o Banco da Inglaterra. Eu perguntei a ele: 'Que disfarce me esconderá do mundo? O que posso encontrar mais respeitável do que bispos e majores?' Ele me olhou com seu rosto grande, mas indecifrável. 'Você quer um disfarce seguro, não é? Quer um disfarce que te faça parecer inofensivo; um disfarce em que ninguém jamais procuraria uma bomba?' Eu balancei a cabeça. Ele de repente ergueu sua voz de leão. 'Ora, então, vista-se de *anarquista*, seu idiota!' ele rugiu tão alto que a sala tremeu. 'Ninguém nunca vai esperar que você faça qualquer coisa perigosa então.' E me deu as costas largas sem dizer mais nada. Segui seu conselho e nunca me arrependi. Preguei sangue e assassinato para aquelas mulheres dia e noite, e — por Deus! — elas me deixaram conduzir seus carrinhos de criança."

Syme ficou sentado a observá-lo com algum respeito nos seus grandes olhos azuis.

"Você me acolheu", disse ele. "É realmente uma esquiva inteligente."

Então, após uma pausa, acrescentou:

"Como você chama este seu tremendo presidente?"

"Geralmente o chamamos de Domingo", respondeu Gregory com simplicidade. "Veja, há sete membros do Conselho Central Anarquista, e eles têm os nomes dos dias da semana. Ele é chamado de Domingo, por alguns de seus admiradores de Domingo Sangrento. É curioso que você mencionasse o assunto, porque na mesma noite em que você apareceu (se assim posso expressar), é a noite em que nossa filial em Londres, que se reúne nesta sala, tem de

eleger seu próprio substituto para preencher uma vaga no Conselho. O cavalheiro que já há algum tempo ocupou, com decoro e aplausos gerais, a parte difícil de Quinta-feira, morreu de repente. Consequentemente, convocamos uma reunião esta noite para eleger um sucessor."

Gregory se levantou e caminhou pela sala com uma espécie de constrangimento sorridente.

"Eu sinto de alguma forma como se você fosse minha mãe, Syme", continuou casualmente. "Sinto que posso confidenciar qualquer coisa a você, como você prometeu não contar a ninguém. Na verdade, eu irei confidenciar a você algo que não diria em tantas palavras aos anarquistas que estarão na sala em cerca de dez minutos. Vamos, é claro, passar por uma forma de eleição; mas não me importo de dizer que é praticamente certo qual será o resultado." Ele olhou para baixo por um momento modestamente. "É quase uma coisa estabelecida que eu seja Quinta-feira."

"Meu querido amigo." disse Syme cordialmente: "Dou-lhe os parabéns. Uma excelente carreira!"

Gregory sorriu em reprovação e atravessou a sala, falando rapidamente.

"Na verdade, tudo está pronto para mim nesta mesa", disse ele, "e a cerimônia provavelmente será a mais curta possível."

Syme também se aproximou da mesa e encontrou sobre ela uma bengala que, ao ser examinada, revelou ser uma espada, um grande revólver Colt, um pacote de sanduíches e um formidável frasco de conhaque. Sobre a cadeira, ao lado da mesa, estava jogada uma capa ou capote de aparência pesada.

"Eu só tenho que terminar a forma de eleição", continuou Gregory animado, "então eu pego esta capa e a bengala, coloco essas outras coisas no bolso, saio por uma porta nesta caverna, que se abre para o rio, onde há um rebocador a vapor já esperando por mim, e então — então

— oh, a alegria selvagem de ser Quinta-feira!” E ele juntou as mãos.

Syme, que se sentou mais uma vez com o seu langor insolente habitual, pôs-se de pé com um ar invulgar de hesitação.

“Por que”, ele perguntou vagamente, “eu acho que você é um sujeito bastante decente? Por que eu positivamente gosto de você, Gregory?” Ele parou por um momento, e então acrescentou com uma espécie de nova curiosidade, “é pela razão de você ser um idiota?”

Houve um silêncio pensativo novamente, e então ele exclamou:

“Bem, dane-se tudo! Esta é a situação mais engraçada em que já estive na minha vida e vou agir de acordo. Gregory, eu lhe fiz uma promessa antes de vir para este lugar. Essa promessa eu manteria sob tortura. Você me daria, para minha própria segurança, uma pequena promessa do mesmo tipo?”

“Uma promessa?” perguntou Gregory, pensativo.

“Sim”, disse Syme muito sério, “uma promessa. Jurei diante de Deus que não contaria o seu segredo à polícia. Você jura pela humanidade, ou qualquer outra coisa em que acredite, que não contará meu segredo aos anarquistas?”

“Seu segredo?”, perguntou Gregory o encarando. “Você tem um segredo?”

“Sim”, disse Syme, “tenho um segredo.” Em seguida, após uma pausa, “Você vai jurar?”

Gregory olhou para ele gravemente por alguns momentos, e então disse abruptamente:

“Você deve ter me enfeitiçado, mas sinto uma curiosidade furiosa por você. Sim, juro que não vou contar aos anarquistas nada do que você me disser. Mas fique atento, pois eles estarão aqui em alguns minutos.”

Syme pôs-se de pé lentamente e enfiou as mãos compridas e brancas nos bolsos das calças compridas e cinzentas. Quase ao mesmo tempo, ouviu-se cinco batidas

na grade externa, proclamando a chegada do primeiro dos conspiradores.

“Bem”, disse Syme lentamente, “não sei como lhe dizer a verdade mais rapidamente do que dizendo que seu meio de se vestir como um poeta sem objetivo não se limita a você ou a seu presidente. Há algum tempo que conhecemos esse método na Scotland Yard.”

Gregory tentou saltar em linha reta, mas oscilou por três vezes.

“O que você disse?” ele perguntou com uma voz desumana.

“Sim”, disse Syme simplesmente, “sou um detetive da polícia. Mas acho que ouvi seus amigos chegando.”

Da porta veio um murmúrio de “Sr. Joseph Chamberlain.” Foi repetido duas e três vezes, e depois trinta vezes, e a multidão de Josephs Chamberlains (um pensamento solene) pôde ser ouvida pisoteando o corredor.

CAPÍTULO III

O HOMEM QUE ERA QUINTA-FEIRA

Antes que um dos novos rostos pudesse aparecer na porta, a surpresa atordoada de Gregory desaparecera. Ele estava ao lado da mesa e saltou rugindo como um animal selvagem. Ele pegou o revólver Colt e mirou em Syme. Syme não vacilou, mas ergueu a mão pálida e educada.

“Não seja um homem tão bobo”, disse ele, com a dignidade efeminada de um cura. “Você não vê que não é necessário? Você não vê que nós dois estamos no mesmo barco? Sim, e muito enjoados.”

Gregory não conseguia falar, mas também não conseguia disparar, e observou a questão.

“Você não vê que fizemos xeque-mate um ao outro?”, exclamou Syme. “Eu não posso dizer à polícia que você é um anarquista. Você não pode dizer aos anarquistas que eu sou um policial. Eu só posso te vigiar, sabendo o que tu és; você só pode me observar, sabendo o que sou. Resumindo, é um duelo intelectual solitário, minha cabeça contra a sua. Sou um policial privado do auxilio da polícia. Você, meu pobre amigo, é um anarquista privado do auxilio daquela lei e organização que é tão essencial para a anarquia. A única diferença solitária está a seu favor. Você não está cercado por policiais curiosos; Está cercado por anarquistas curiosos. Não posso traí-lo, mas posso trair a

mim mesmo. Venha, venha! espere e veja. Vou fazer isso muito bem."

Gregory baixou a pistola lentamente, ainda olhando para Syme como se ele fosse um monstro marinho.

"Eu não acredito na imortalidade", disse ele por fim, "mas se, depois de tudo isso, você quebrasse sua palavra, Deus faria um inferno só para você, a uivar para sempre."

"Não vou quebrar minha palavra", disse Syme severamente, "nem você vai quebrar a sua. Eis os seus amigos."

A multidão dos anarquistas entrou na sala pesadamente, com um andar desleixado e um tanto cansado; entretanto um homenzinho, de barba preta e óculos — um homem um tanto parecido com o Sr. Tim Healy — se afastou e avançou com alguns papéis nas mãos.

"Camarada Gregory", disse ele, "suponho que este homem seja um delegado?"

Gregory, pego de surpresa, olhou para baixo e murmurou o nome de Syme; mas Syme respondeu quase atrevidamente:

"Fico feliz em ver que seu portão está bem guardado para dificultar a presença de qualquer pessoa que não seja um delegado."

A sobrancelha do homenzinho de barba preta ainda estava contraída com algo parecido com suspeita.

"Que ramo você representa?", ele perguntou bruscamente.

"Eu dificilmente chamaria de ramo", disse Syme, rindo; "Eu deveria chamá-lo no mínimo de uma raiz."

"O que você quer dizer?"

"O fato é", disse Syme serenamente, "a verdade é que sou um sabatista. Fui enviado aqui especialmente para ver se você mostra a devida observância de Domingo."

O homenzinho deixou cair um de seus papéis e uma centelha de medo percorreu todos os rostos do grupo. Evidentemente, o terrível Presidente, cujo nome era

Domingo, às vezes enviava esses embaixadores irregulares para essas reuniões de congêneres.

“Bem, camarada”, disse o homem com os papéis após uma pausa, “suponho que seria melhor dar-lhe um lugar na reunião?”

“Se você pedir meu conselho como amigo”, disse Syme com severa benevolência, “acho ser isso o melhor.”

Quando Gregory ouviu o diálogo perigoso terminar, com uma segurança repentina para seu rival, ele se levantou abruptamente e caminhou pelo chão em pensamentos dolorosos. Estava, de fato, em uma agonia de diplomacia. Estava claro que o atrevimento inspirado de Syme provavelmente o tiraria de todos os dilemas meramente acidentais. Pouco se esperava disso. Ele próprio não podia trair Syme, em parte por honra, mas em parte também porque, se o traísse e por alguma razão não o destruísse, o Syme que escapasse seria um Syme livre de qualquer obrigação de sigilo, um Syme que simplesmente caminharia até a delegacia mais próxima. Afinal, era apenas uma discussão de uma noite, e apenas um detetive que saberia daquilo. Ele revelaria o mínimo possível de seus planos naquela noite e, em seguida, deixaria Syme partir e correria o risco.

Ele caminhou até o grupo de anarquistas, que já estava se distribuindo pelos bancos.

“Acho que é hora de começarmos”, disse ele; “o rebocador a vapor já está esperando no rio. Proponho que o camarada Buttons tome a cadeira.”

Sendo aprovado por braços levantados, o homenzinho com os papéis deslizou para a cadeira presidencial.

“Camaradas”, começou ele, com a precisão de um tiro, “nosso encontro esta noite é importante, embora não precise ser longo. Esta filial sempre teve a honra de eleger os Quintas-feiras para o Conselho da Europa Central. Nós elegemos muitos e esplêndidos Quintas-feiras. Todos lamentamos o triste falecimento do heroico operário que

ocupou o cargo até a semana passada. Como sabem, os seus serviços à causa foram consideráveis. Ele organizou o grande golpe de dinamite de Brighton que, em circunstâncias mais felizes, deveria ter matado todos no cais. Como você também sabe, sua morte foi tão abnegada quanto sua vida, pois ele morreu por causa de sua fé em uma mistura higiênica de giz e água como substituto do leite, bebida que ele considerava bárbara por envolver crueldade com a vaca. A crueldade, ou qualquer coisa que se aproximasse da crueldade, sempre o revoltou. Mas não é para elogiar suas virtudes que nos encontramos, mas para uma tarefa mais difícil. É difícil elogiar adequadamente suas qualidades, mas é mais difícil substituí-las. A vós, camaradas, cabe esta noite escolher, entre os presentes, o homem que será Quinta-feira. Se nenhum camarada sugerir um nome, só posso dizer a mim mesmo que aquele caro dinamitista, que se foi de nós, carregou para os abismos desconhecidos o último segredo de sua virtude e de sua inocência."

Houve uma onda de aplausos quase inaudível, como às vezes se ouve na igreja. Em seguida, um homem grande, com uma longa e venerável barba branca, talvez o único trabalhador real presente, levantou-se pesadamente e disse:

"Eu proponho que o camarada Gregory seja eleito Quinta-feira", e sentou-se pesadamente novamente.

"Alguém apoia?", perguntou o Presidente.

Um homenzinho com casaco de veludo e barba pontuda apoiou.

"Antes de colocar o assunto à votação", disse o Presidente, "convocarei o camarada Gregory para fazer uma declaração."

Gregory se levantou em meio a um grande estrondo de aplausos. Seu rosto estava mortalmente pálido, de modo que, em contraste, seu estranho cabelo ruivo parecia quase escarlate. Mas ele estava sorrindo e totalmente à

vontade. Ele havia se decidido e via sua melhor política bem clara à sua frente, como uma estrada branca. Sua melhor chance era fazer um discurso ameno e ambíguo, que deixasse na mente do detetive a impressão de que a irmandade anarquista era afinal um caso muito brando. Ele acreditava em seu próprio poder literário, em sua capacidade de sugerir tons finos e escolher palavras perfeitas. Pensou que com cuidado poderia ter sucesso, apesar de todas as pessoas ao seu redor, em transmitir uma impressão da instituição, sutil e delicadamente falsa. Syme havia pensado que os anarquistas, sob toda a sua bravata, estavam apenas brincando de idiota. Não poderia ele agora, na hora do perigo, fazer com que Syme pensasse novamente?

"Camaradas", começou Gregory, em voz baixa mas penetrante, "não é necessário que eu lhes diga qual é a minha política, pois é a sua também. Nossa crença foi caluniada, foi desfigurada, foi totalmente confusa e oculta, mas nunca foi alterada. Aqueles que falam sobre anarquismo e seus perigos vão a todos os lugares e em qualquer lugar para obter suas informações, exceto para nós, exceto para a fonte. Eles aprendem sobre anarquistas em romances baratos; eles aprendem sobre anarquistas de jornais de comerciantes; eles aprendem sobre anarquistas no *Ally Sloper's Half-Holiday* e no *Sporting Times*.[1] Eles nunca aprendem sobre anarquistas com anarquistas. Não temos chance de negar as calúnias montanhosas que são lançadas sobre nossas cabeças de um extremo a outro da Europa. O homem que sempre ouviu que somos pragas ambulantes nunca ouviu nossa resposta. Eu sei que ele não vai ouvir esta noite, embora minha vontade fosse rasgar o teto. Pois é bem fundo na terra que os perseguidos têm permissão de se reunir, como os cristãos se reuniam nas catacumbas. Mas se, por algum acidente incrível, houvesse aqui esta noite um homem que

durante toda a sua vida nos entendeu imensamente mal, eu faria esta pergunta a ele: ‘Quando aqueles cristãos se encontraram naquelas catacumbas, que tipo de reputação moral eles tinham nas ruas acima? Que histórias foram contadas sobre suas atrocidades de um romano instruído para outro? Suponha’ (eu diria a ele), ‘suponha que estamos apenas repetindo aquele paradoxo ainda misterioso da história. Suponha que parecemos tão chocantes quanto os cristãos porque somos realmente tão mansos quanto eles.’”

Os aplausos que saudaram as frases iniciais foram ficando cada vez mais fracos, e na última palavra pararam repentinamente. No abrupto silêncio, o homem com a jaqueta de veludo disse, em uma voz alta e estridente:

“Eu não sou manso!”

“O camarada Witherspoon nos diz”, resumiu Gregory, “que ele não é manso. Ah, quão pouco ele se conhece! Suas palavras são, de fato, extravagantes; sua aparência é feroz, e até (para um gosto comum) pouco atraente. Mas apenas os olhos de uma amizade tão profunda e delicada como a minha podem perceber o fundamento profundo de uma mansidão sólida que está na base dele, profundo demais até para ele ver. Repito, nós somos os verdadeiros primeiros cristãos, só que viemos tarde demais Nós somos simples, pois eles reverenciam os simples — veja o camarada Witherspoon. Nós somos modestos, como eles eram modestos — olhe para mim. Nós somos misericordiosos”

“Não, não!”, gritou o Sr. Witherspoon com a jaqueta de veludo.

“Eu digo que somos misericordiosos”, repetiu Gregory furioso, “como os primeiros cristãos eram misericordiosos. No entanto, isso não os impediu de serem acusados de comer carne humana. Nós não comemos carne humana...”

“Vergonha!”, gritou Witherspoon. “Por que não?”

“O camarada Witherspoon”, disse Gregory, com uma alegria febril, “está ansioso para saber por que ninguém o

come (risos). Em nossa sociedade, pelo menos, que o ama sinceramente, que se baseia no amor...”

“Não, não!”, disse Witherspoon, “abaixo o amor.”

“Que se baseia no amor”, repetiu Gregory, rangendo os dentes, “não haverá dificuldade quanto aos objetivos que devemos perseguir como um corpo, ou que eu deveria perseguir, se fosse escolhido como o representante desse corpo. Soberbamente descuidado de as calúnias que nos representam como assassinos e inimigos da sociedade humana, devemos perseguir com coragem moral e pressão intelectual silenciosa, os ideais permanentes de fraternidade e simplicidade.”

Gregory retomou seu assento e passou a mão pela testa. O silêncio foi repentino e constrangedor, mas o Presidente levantou-se como um autômato e disse com uma voz incolor:

“Alguém se opõe à eleição do camarada Gregory?”

A assembleia parecia vaga e inconscientemente desapontada, e o camarada Witherspoon movia-se inquieto em sua cadeira e murmurava em sua barba espessa. Pela pura pressa da rotina, entretanto, a moção teria sido colocada e conduzida. Mas quando o Presidente estava abrindo a boca para colocá-la, Syme pôs-se de pé e disse em voz baixa:

“Sim, Sr. Presidente, eu me oponho.”

O fato mais eficaz na oratória é uma mudança inesperada na voz. O Sr. Gabriel Syme evidentemente entendia de oratória. Tendo dito essas primeiras palavras formais em um tom moderado e com uma breve simplicidade, ele fez sua palavra seguinte soar e disparar na abóboda como se uma das armas tivesse disparado.

“Camaradas!” ele gritou, com uma voz que fez todos saltarem de suas botas, “viemos aqui para isso? Viemos ao subsolo como ratos para ouvir uma conversa assim? Essa é uma conversa que poderíamos ouvir enquanto comíamos pãezinhos no deleite da Escola Dominical. Nós alinhamos

estas paredes com armas e fechamos aquela porta com a morte para que ninguém venha e ouça o camarada Gregory nos dizendo: ‘Seja bom e você será feliz’, ‘A honestidade é a melhor política’ e ‘A virtude é sua própria recompensa?’. Não havia uma palavra no discurso do camarada Gregory que um cura não pudesse ouvir com prazer (escutem, escutem). Mas eu não sou um cura (aplausos) e não ouvi isso com prazer (aplausos renovados). O homem que está apto a ser um bom cura não está apto a ser um Quinta-feira resoluto, vigoroso e eficiente (escutem, escutem).”

“O camarada Gregory disse-nos, em tom muito apologético, que não somos os inimigos da sociedade. Mas digo que somos os inimigos da sociedade, e tanto pior para a sociedade. Somos os inimigos da sociedade, pois a sociedade é inimiga da humanidade, seu mais antigo e mais impiedoso inimigo (escutem, escutem). O camarada Gregory nos disse (se desculpando novamente) que não somos assassinos. Aí estou de acordo. Não somos assassinos, somos algozes (vivas).”

Desde que Syme havia se levantado, Gregory ficara sentado olhando para ele, seu rosto estava aparvalhado de espanto. Assim, na pausa, seus lábios de argila se separaram, e ele disse, com uma nitidez automática e sem vida:

“Seu hipócrita maldito!”

Syme olhou diretamente para aqueles olhos assustadores com os seus olhos azul-claros e disse com dignidade:

“O camarada Gregory me acusa de hipocrisia. Ele sabe tão bem quanto eu que estou cumprindo todos os meus compromissos e não fazendo nada além do meu dever. Não meço palavras. Não tenho a pretensão de fazê-lo. Digo que o camarada Gregory é inadequado para ser Quinta-feira por todas as suas qualidades amáveis. Ele não está apto para ser Quinta-feira por causa de suas qualidades amáveis. Não

queremos o Supremo Conselho Anarquista infectado com uma misericórdia sentimental (escutem, escutem). Não é hora para polidez cerimonial, tampouco tempo para a modéstia cerimonial. Eu me coloco contra o camarada Gregory como me colocaria contra todos os governos da Europa, porque o anarquista que se entregou à anarquia esqueceu a modéstia tanto quanto esqueceu o orgulho (vivas). Não sou um homem em tudo. Eu sou uma causa (vivas renovados). Eu me coloco contra o camarada Gregory tão impessoalmente e quanto calmamente, porque deveria escolher uma pistola em vez de outra naquele suporte na parede; e eu digo que em vez de ter Gregory e seus métodos de leite e água no Conselho Supremo, eu me ofereceria para a eleição...”

Sua frase foi abafada por uma enxurrada ensurdecedora de aplausos. Os rostos, que haviam ficado cada vez mais ferozes com a aprovação à medida que seu discurso se tornava mais e mais intransigente, agora estavam distorcidos por sorrisos de antecipação ou divididos por gritos de alegria. No momento em que ele se anunciou como pronto para se candidatar ao posto de Quinta-feira, um rugido de empolgação e assentimento irrompeu e tornou-se incontrolável, e no mesmo momento Gregory pôs-se de pé com espuma na boca e gritou contra a gritaria.

“Parem, seus malditos loucos!”, ele gritou, no topo de uma voz que rasgava sua garganta. “Pare, seus...”

Mas mais alto do que os gritos de Gregory e mais alto do que o rugido da sala veio a voz de Syme, ainda falando em um estrondo de trovão impiedoso:

“Eu não vou ao Conselho para refutar essa calúnia que nos chama de assassinos; Eu vou merecê-la (gritos altos e prolongados). Ao padre que diz que esses homens são inimigos da religião, ao juiz que diz que esses homens são inimigos da lei, ao parlamentar gordo que diz que esses homens são inimigos da ordem e da decência pública, a todos responderei: ‘Vocês são falsos reis, mas são

verdadeiros profetas. Eu vim para destruí-los e cumprir vossas profecias'."

O clamor pesado foi morrendo gradualmente, mas antes que cessasse Witherspoon saltou de pé, com o cabelo e a barba arrepiados, e disse:

"Proponho, como uma emenda, que o camarada Syme seja nomeado para o cargo."

"Parem com tudo isso, eu lhes digo!", gritou Gregory, com rosto e mãos frenéticos. "Parem com isso, é tudo..."

A voz do Presidente cortou seu discurso com um sotaque frio.

"Alguém apoia esta emenda?", ele disse.

Um homem alto e cansado, com olhos melancólicos e barba de queixo americano, foi observado no banco de trás levantando-se lentamente. Gregory estava a gritar há algum tempo; agora havia uma mudança em seu sotaque, mais chocante do que qualquer grito.

"Eu acabo com tudo isso!", ele disse, em uma voz pesada como pedra. "Este homem não pode ser eleito. Ele é um..."

"Sim", disse Syme, imóvel, "o que é ele?"

A boca de Gregory trabalhou duas vezes sem som; então, lentamente, o sangue começou a rastejar de volta para seu rosto morto.

"Ele é um homem bastante inexperiente em nosso trabalho", disse, sentando-se abruptamente.

Antes que ele tivesse feito isso, o homem longo e magro com a barba americana estava novamente em pé e estava repetindo em um tom americano altamente monótono:

"Eu imploro para apoiar a eleição do camarada Syme."

"A emenda será, como de costume, colocada em primeiro lugar", disse Buttons, o Presidente, com rapidez mecânica. "A questão é que o camarada Syme..."

Gregory voltou a ficar de pé, ofegante e impetuoso.

"Camaradas", gritou ele, "não sou um louco."

"Oh, oh!", disse o Sr. Witherspoon.

“Eu não sou um louco”, reiterou Gregory, com uma sinceridade assustadora que por um momento balançou a sala, “mas lhes dou um conselho que podem chamar de louco, se quiserem. Não, não vou chamá-lo de conselho, pois não posso lhes dar nenhuma razão para isso. Vou chamar de uma ordem. Chamem-na de uma ordem louca, mas ajam de acordo. Ataquem-me, mas me ouçam! Matem-me, mas me obedeçam! Não elejam este homem.”

A verdade é tão terrível, mesmo nos grilhões, que por um momento a vitória esguia e insana de Syme balançou como um junco. Mas você não poderia ter adivinhado pelos olhos azuis sombrios de Syme. Ele apenas começou:

“O camarada Gregory ordena...”

Em seguida, o encanto foi quebrado, e um anarquista chamou Gregory:

“Quem é você? Você não é Domingo;” e outro anarquista acrescentou em uma voz mais pesada, “E você não é Quinta-feira.”

“Camaradas”, gritou Gregory, em uma voz como a de um mártir que em um êxtase de dor passou além do sofrimento, “não é nada para mim se vocês me detestam como um tirano ou me detestam como um escravo. Se não aceitarem minha ordem, aceitem minha degradação. Eu me ajoelho diante de vocês. Eu me jogo a seus pés. Eu imploro. Não elejam este homem.”

“Camarada Gregory”, disse o Presidente após uma pausa dolorosa, “isso não é realmente digno.”

Pela primeira vez no processo, houve por alguns segundos um verdadeiro silêncio. Em seguida, Gregory caiu para trás em sua cadeira, uma ruína pálida de um homem, e o Presidente repetiu, como um mecanismo de relógio, de repente começou de novo:

“A debate é que o camarada Syme seja eleito para o cargo de Quinta-feira no Conselho Geral.”

O rugido aumentou como o mar, as mãos ergueram-se como uma floresta, e três minutos depois o Sr. Gabriel

Syme, do Serviço da Polícia Secreta, foi eleito para o cargo de Quinta-feira no Conselho Geral dos Anarquistas da Europa.

Todos na sala pareciam sentir o rebocador esperando no rio, a espada e o revólver, esperando na mesa. No instante em que a eleição terminou e se tornou irrevogável, e Syme recebeu o documento provando sua eleição, todos se levantaram e os grupos incendiados se moveram e se misturaram na sala. Syme se viu, de uma forma ou de outra, cara a cara com Gregory, que ainda o olhava com um olhar de ódio atordoado. Eles ficaram em silêncio por muitos minutos.

“Você é um demônio!”, disse Gregory por fim.

“E você é um cavalheiro”, disse Syme com gravidade.

“Foi você quem me prendeu nessa armadilha”, começou Gregory, balançando da cabeça aos pés, “me prendeu nessa...”

“Fale com bom senso”, disse Syme brevemente. “Em que tipo de parlamento diabólico você me prendeu, se chegar a esse ponto? Você me fez jurar antes de fazê-lo. Talvez nós dois estejamos fazendo o que pensamos ser certo. Mas o que pensamos que é certo é tão diferente que pode não haver nada entre nós em forma de concessão. Não há nada possível entre nós, exceto a honra e a morte”, e ele puxou a grande capa sobre os ombros e pegou o frasco da mesa.

“O barco está pronto”, disse o Sr. Buttons, subindo apressado. “Seja bom o suficiente para seguir este caminho.”

Com um gesto que revelava o caixeiro, ele conduziu Syme por uma passagem curta e forrada de ferro, o ainda agoniado Gregory seguindo febrilmente em seus calcanhares. No final do corredor havia uma porta, que Buttons abriu bruscamente, mostrando uma imagem azul e prata repentina do rio enluarado, que parecia uma cena de teatro. Perto da abertura estava um rebocador a vapor

escuro e pequeno, como um dragão bebê com um olho vermelho.

Quase no ato de subir a bordo, Gabriel Syme voltou-se para o boquiaberto Gregory.

“Você manteve sua palavra”, disse ele gentilmente, com o rosto na sombra. “Você é um homem de honra, e eu lhe agradeço. Você manteve isso mesmo em um pequeno detalhe. Houve uma coisa especial que você me prometeu no início do caso, e que você certamente me proporcionou no final.”

“O que você quer dizer?”, gritou o caótico Gregory. “O que eu te prometi?”

“Uma noite muito divertida”, respondeu Syme, e fez uma saudação militar com a bengala enquanto o barco a vapor se afastava.

CAPÍTULO IV

A HISTÓRIA DE UM DETETIVE

Gabriel Syme não era apenas um detetive que fingia ser poeta; ele era realmente um poeta que se tornou um detetive. Nem era seu ódio pela anarquia hipócrita. Ele era um daqueles que são impelidos cedo na vida a uma atitude muito conservadora pela estupidez estonteante da maioria dos revolucionários. Ele não a havia alcançado por nenhuma tradição mansa. Sua respeitabilidade era espontânea e repentina, uma rebelião contra a rebelião. Ele vinha de uma família de excêntricos, em que todas as pessoas mais velhas tinham todas as ideias mais modernas. Um de seus tios sempre andava sem chapéu, e outro havia feito uma tentativa malsucedida de andar com um chapéu e nada mais. Seu pai cultivava a arte e a autorrealização; sua mãe buscava simplicidade e higiene. Portanto, a criança, durante seus anos mais tenros, desconhecia qualquer bebida entre os extremos do absinto e do cacau, dos quais não gostava. Quanto mais sua mãe pregava uma abstinência mais do que puritana, mais seu pai se expandia para uma latitude mais do que pagã; e quando o primeiro começou a impor o vegetarianismo, o último já havia chegado ao ponto de defender o canibalismo.

Estando cercado por todo tipo concebível de revolta desde a infância, Gabriel tivera de se revoltar contra algo, assim se revoltou contra a única coisa que restou — sanidade. Mas havia nele apenas o suficiente do sangue

desses fanáticos para tornar até mesmo seu protesto pelo bom senso um pouco forte demais para ser sensato. Seu ódio pela ilegalidade moderna também foi coroado por um acidente. Aconteceu quando estava andando em uma rua secundária no instante de um atentado com dinamite. Ele ficou cego e surdo por um momento e então viu a fumaça se dissipando, as janelas quebradas e os rostos ensanguentados. Depois disso, continuou como de costume — quieto, cortês, bastante gentil; mas havia um ponto em sua mente que não era lógico. Ele não considerava os anarquistas, como muitos de nós, como um punhado de homens mórbidos, combinando ignorância com intelectualismo. Ele os considerava um perigo enorme e impiedoso, como uma invasão chinesa.

Despejava continuamente nos jornais e em suas cestas de papéis uma torrente de contos, versos e artigos violentos, alertando os homens sobre esse dilúvio de negações bárbaras. Mas parecia não estar se aproximando de seu inimigo e, o que era pior, não estava mais perto de viver. Enquanto caminhava pela margem do Tâmisa, mordendo amargamente um charuto barato e meditando sobre o avanço da Anarquia, não havia nenhum anarquista com uma bomba no bolso tão selvagem ou tão solitária quanto ele. Na verdade, sempre imaginava que o governo estava sozinho e desesperado, de costas para a parede. Ele era muito quixotesco para se importar de outra forma.

Outrora caminhava no talude sob um pôr do sol vermelho escuro. O rio vermelho refletia o céu vermelho e ambos refletiam sua raiva. O céu, de fato, estava tão escuro, e a luz no rio relativamente tão lúgubre, que a água quase parecia uma chama mais feroz do que o pôr do sol que a espelhava. Parecia um fluxo de fogo literal serpenteando sob as vastas cavernas de um país subterrâneo.

Syme era pobre naquela época. Usava um chapéu alto preto e antiquado; andava envolto em uma capa ainda mais antiquada, preta e esfarrapada; e a combinação dava-lhe a

aparência dos primeiros vilões de Dickens e Bulwer Lytton. Além disso, sua barba e cabelos amarelos estavam mais despenteados e leoninos do que quando apareceram muito tempo depois, cortados e pontudos, nos gramados de Saffron Park. Um charuto comprido e magro, comprado no Soho por dois pence, destacava-se por entre os dentes cerrados e, no conjunto, parecia um espécime muito satisfatório dos anarquistas contra os quais havia jurado uma guerra santa. Talvez tenha sido por isso que um policial no talude falou com ele e disse: “boa noite”.

Syme, em crise de seus medos mórbidos pela humanidade, parecia ferido pela mera impassibilidade do automático oficial, uma mera massa azulada no crepúsculo.

“Uma boa noite, não é?”, ele disse bruscamente. “Vocês companheiros chamariam de boa noite o fim do mundo. Vejam aquele maldito sol vermelho e aquele maldito rio! Eu digo a você que se fosse literalmente sangue humano, derramado e brilhando, você ainda estaria aqui tão sólido como sempre, procurando por algum pobre vagabundo inofensivo a quem pudesse mandar seguir em frente. Vocês, policiais, são cruéis com os pobres, mas eu poderia perdoar até a sua crueldade se não fosse pela sua calma.”

“Se estivermos calmos”, respondeu o policial, “é a calma da resistência organizada.”

“Hã?” disse Syme, olhando fixamente.

“O soldado deve ficar calmo no meio da batalha”, prosseguiu o policial. “A compostura de um exército é a ira de uma nação.”

“Meu Deus, as Board Schools!” disse Syme. “Isso é educação não denominacional?”

“Não”, disse o policial com tristeza, “nunca tive nenhuma dessas vantagens. As Board Schools vieram depois da minha época. A educação que tive foi muito rude e antiquada, infelizmente.”

“Onde você a recebeu?”, perguntou Syme, pensativo.

“Oh, em Harrow”, disse o policial.

As simpatias de classe que, por mais falsas que sejam, são as coisas mais verdadeiras em tantos homens, irrompeu de Syme antes que ele pudesse controlá-las.

“Mas, bom Deus, homem”, disse ele, “você não devia ser policial!”

O policial suspirou e balançou a cabeça.

“Eu sei”, disse ele solenemente, “eu sei que não sou digno.”

“Mas por que você entrou para a polícia?”, perguntou Syme com rude curiosidade.

“Pelo mesmo motivo que você abusou da polícia”, respondeu o outro. “Descobri que havia uma abertura especial no serviço para aqueles cujos temores pela humanidade estavam mais preocupados com as aberrações do intelecto científico do que com as erupções normais e desculpáveis, embora excessivas, da vontade humana.”

“Se você quer deixar sua opinião clara”, disse Syme, “suponho que sim. Mas, quanto a ser claro, é a última coisa que você faz. Como é que um homem como você pode estar falando de filosofia com um capacete azul às margens do Tamisa?”

“Você evidentemente não ouviu falar do último desenvolvimento em nosso sistema policial”, respondeu o outro. “Não estou surpreso com isso. Estamos escondendo isso da classe instruída, porque essa classe contém a maioria de nossos inimigos. Mas você parece estar exatamente no estado de espírito certo. Eu acho que você quase pode se juntar a nós.”

“Junte-se a você em quê?”, perguntou Syme.

“Eu vou te dizer”, disse o policial lentamente. “Esta é a situação: o chefe de um dos nossos departamentos, um dos detetives mais célebres da Europa, há muito considera que uma conspiração puramente intelectual em breve ameaçaria a própria existência da civilização. Ele tem certeza de que os mundos científicos e os artísticos estão silenciosamente amarrados em uma cruzada contra a

Família e o Estado. Ele formou, portanto, um corpo especial de policiais, policiais que também são filósofos. Cabe a eles acompanhar o início dessa conspiração, não apenas de um criminoso, mas em um sentido controverso Eu mesmo sou um democrata e estou plenamente ciente do valor do homem comum em questões de valor ou virtude comuns. Mas obviamente seria indesejável empregar o policial comum em uma investigação que também é uma caça à heresia."

Os olhos de Syme brilhavam com uma curiosidade simpática.

"O que fazes, então?", ele disse.

"O trabalho do policial filosófico", respondeu o homem de azul, "é ao mesmo tempo mais ousado e mais sutil do que o do detetive comum. O detetive comum vai a botecos para prender ladrões; vamos a festas de chá artísticas para detectar pessimistas. O detetive comum descobre em um livro-razão ou em um diário que um crime foi cometido. Descobrimos em um livro de sonetos que um crime será cometido. Temos de rastrear a origem desses pensamentos terríveis que finalmente levam os homens ao fanatismo intelectual e ao crime intelectual. Chegamos bem a tempo de evitar o atentado em Hartlepool, e isso foi inteiramente devido ao fato de que nosso Sr. Wilks (um jovem inteligente) entendia perfeitamente um triolé."

"Você quer dizer", perguntou Syme, "que há realmente tanta conexão entre o crime e o intelecto moderno quanto tudo isso?"

"Você não é suficientemente democrático", respondeu o policial, "mas tinha razão quando disse há pouco que nosso tratamento normal para com o pobre criminoso era um negócio bastante brutal. Digo que às vezes fico farto do meu ofício quando vejo como perpetuamente significa apenas uma guerra contra os ignorantes e desesperados. Mas este nosso novo movimento é um assunto muito diferente. Negamos a suposição esnobe dos ingleses de que

os iletrados são criminosos perigosos. Lembramo-nos dos imperadores romanos. Lembramos os grandes envenenadores príncipes da Renascença. Dizemos que o criminoso perigoso é o criminoso instruído. Dizemos que o criminoso mais perigoso agora é o filósofo moderno totalmente sem lei. Comparados a ele, os ladrões e bígamos são homens essencialmente morais; meu coração está com eles. Eles aceitam o ideal essencial do homem; eles apenas procuram erroneamente. Os ladrões respeitam a propriedade. Eles simplesmente desejam que a propriedade se torne sua propriedade, para que possam respeitá-la mais perfeitamente. Mas os filósofos não gostam da propriedade como propriedade; eles desejam destruir a própria ideia de posse pessoal. Os bígamos respeitam o casamento, ou não seguiriam a formalidade altamente cerimonial e até ritualística da bigamia. Entretanto os filósofos desprezam o casamento como casamento. Os assassinos respeitam a vida humana; eles simplesmente desejam alcançar uma maior plenitude de vida humana em si mesmos, pelo sacrifício do que lhes parece serem vidas inferiores. Mas os filósofos odeiam a própria vida, a sua tanto quanto a de outras pessoas.”

Syme juntou as mãos.

“Como isso é verdade”, exclamou ele. “Eu sentia isso desde a minha infância, mas nunca pude afirmar a antítese verbal. O criminoso comum é um homem mau, mas pelo menos ele é, por assim dizer, um homem bom condicional. Ele diz que se apenas um certo obstáculo fosse removido — digamos um tio rico — estaria então preparado para aceitar o universo e louvar a Deus. Ele é um reformador, mas não um anarquista. Ele deseja limpar o edifício, mas não destruí-lo. Porém o filósofo maligno não está tentando alterar as coisas, mas aniquilá-las. Sim, o mundo moderno manteve todas aquelas partes do trabalho policial que são realmente opressivas e ignominiosas, a perseguição dos pobres, a espionagem dos desafortunados. Desistiu de seu trabalho

mais digno, o castigo de poderosos traidores no Estado e de poderosos heresiarcas na Igreja. Os modernos dizem que não devemos punir os hereges. Minha única dúvida é se temos o direito de punir qualquer outra pessoa."

"Mas isso é um absurdo!" gritou o policial, apertando as mãos com uma excitação incomum em pessoas de sua figura e uniforme, "mas é intolerável! Não sei o que você está fazendo, você está desperdiçando sua vida. Você precisa, você deve juntar-se ao nosso exército especial contra a anarquia. Os seus exércitos estão em nossas fronteiras. Seu raio está pronto para cair. Mais um momento, e você pode perder a glória de trabalhar conosco, talvez a glória de morrer com os últimos heróis do mundo."

"É uma oportunidade a não se perder, com certeza", concordou Syme, "mas ainda não entendo muito bem. Sei tão bem como qualquer pessoa que o mundo moderno é cheio de homenzinhos sem lei e pequenos movimentos malucos. Mas, por mais bestas que sejam, geralmente têm o único mérito de discordar um do outro. Como você pode falar que eles lideram um exército ou lançam um raio. O que é essa anarquia?"

"Não confunda", respondeu o policial, "com aqueles surtos fortuitos de dinamite da Rússia ou da Irlanda, que são na verdade surtos de homens oprimidos, se não equivocados. Este é um vasto movimento filosófico, consistindo em um anel externo e um interno. Você pode até chamar o anel externo de leigos e o anel interno de sacerdotes. Eu prefiro chamar o anel externo de seção inocente, o anel interno de seção supremamente culpada. O anel externo — a massa principal de seus apoiadores — são meramente anarquistas, isto é, homens que acreditam que as regras e fórmulas destruíram a felicidade humana. Eles acreditam que todos os resultados negativos do crime humano são os resultados do sistema que o chamou de crime. Eles não acreditam que o crime cria a punição. Eles acreditam que a punição criou o crime. Eles acreditam que

se um homem seduzisse sete mulheres, ele naturalmente se afastaria tão inocente quanto as flores da primavera. Eles acreditam que se um homem furasse um bolso, ele naturalmente se sentiria maravilhosamente bem. A estes eu chamo de seção inocente."

"Ah!" exclamou Syme.

"Naturalmente, portanto, essas pessoas falam sobre 'um tempo feliz chegando;' 'o paraíso do futuro;' 'a humanidade libertada da escravidão do vício e da virtude', e assim por diante. E assim também os homens do círculo interno falam — o sacerdócio sagrado. Eles também falam às multidões que aplaudem sobre a felicidade do futuro e da humanidade finalmente libertada. Mas em suas bocas" — e o policial abaixou a voz — "em suas bocas essas frases felizes têm um significado horrível. Eles não têm ilusões; são intelectuais demais para pensar que o homem nesta terra pode ser totalmente livre do pecado original e da luta. E eles querem a morte. Quando dizem que a humanidade será finalmente livre, eles querem dizer que a humanidade cometerá suicídio. Quando falam de um paraíso sem certo ou errado, querem dizer o túmulo. Eles têm apenas dois objetivos: destruir primeiro a humanidade e depois a si próprios. É por isso que jogam bombas em vez de usar pistolas. As fileiras inocentes estão desapontadas porque a bomba não matou o rei; mas o sumo sacerdócio está feliz porque matou alguém."

"Como posso me juntar a vocês?" perguntou Syme, com certa paixão.

"Eu sei com certeza que há uma vaga no momento", disse o policial, "pois tenho a honra de estar um tanto na confiança do chefe de quem falei. Você realmente deveria vir vê-lo. Ou melhor, não devo dizer para vê-lo, ninguém nunca o vê; mas você pode falar com ele, se quiser."

"Telefone?" perguntou Syme, com interesse.

"Não", disse o policial placidamente, "ele gosta de ficar sempre sentado em um quarto escuro como breu. Ele diz

que isso torna seus pensamentos mais claros. Venha comigo."

Um tanto atordoado e consideravelmente animado, Syme permitiu-se ser conduzido a uma porta lateral na longa fileira de edifícios da Scotland Yard. Quase antes de saber o que estava fazendo, ele foi passado pelas mãos de cerca de quatro funcionários intermediários e de repente foi levado a uma sala, cuja escuridão abrupta o assustou como um clarão de luz. Não era a escuridão comum, na qual as formas podem ser vagamente traçadas; era como ficar subitamente cego.

"Você é o novo recruta?" perguntou uma voz pesada.

E de uma forma estranha, embora não houvesse a sombra de uma forma na escuridão, Syme sabia de duas coisas: primeiro, que vinha de um homem de estatura enorme; e segundo, que o homem estava de costas para ele.

"Você é o novo recruta?" disse o chefe invisível, que parecia ter ouvido tudo a respeito. "Tudo bem. Você está alistado."

Syme, completamente emocionado, lutou debilmente contra essa frase irrevogável.

"Eu realmente não tenho experiência", ele começou.

"Ninguém tem experiência", disse o outro, "da Batalha do Armagedom."

"Mas eu sou realmente incapaz..."

"Você está disposto, isso é o suficiente", disse o desconhecido.

"Bem, na verdade", disse Syme, "não conheço nenhuma profissão em que a mera boa vontade seja o teste final."

"Sim", disse o outro, "mártires. Estou condenando vocês à morte. Bom dia."

Foi assim que, quando Gabriel Syme saiu de novo para a luz carmesim da noite, com seu chapéu preto surrado e sua capa surrada e sem lei, ele saiu como membro do Novo Corpo de Detetives para a frustração da grande

conspiração. Seguindo o conselho de seu amigo, o policial (profissionalmente inclinado ao esmero), ele aparou o cabelo e a barba, comprou um bom chapéu, vestiu-se com um requintado terno de verão cinza-azulado claro, com uma flor amarelo-claro na botoeira e, em suma, tornou-se aquela pessoa elegante e bastante insuportável que Gregory encontrou pela primeira vez no pequeno jardim do Saffron Park. Antes de finalmente deixar as instalações da polícia, seu amigo deu-lhe um pequeno cartão azul, no qual estava escrito “A Última Cruzada” e um número, o símbolo de sua autoridade oficial. Colocou-o com cuidado no bolso superior do colete, acendeu um cigarro e saiu para rastrear e lutar contra o inimigo em todas as salas de estar de Londres. Aonde sua aventura o levou, nós já vimos. Por volta da uma e meia numa noite de fevereiro, ele se viu fumegando em um pequeno rebocador pelo silencioso Tâmisa, armado com uma bengala-espada e um revólver, o Quinta-feira devidamente eleito do Conselho Central Anarquista.

Quando Syme entrou no rebocador a vapor, teve a sensação singular de entrar em algo inteiramente novo; não apenas na paisagem de uma nova terra, mas até na paisagem de um novo planeta. Isso se devia principalmente à decisão insana, porém sólida, daquela noite, embora em parte também a toda uma mudança no tempo e no céu desde que ele entrara na pequena taverna, cerca de duas horas antes. Cada traço da plumagem apaixonada do nublado pôr do sol foi varrido, e uma lua nua apareceu em um céu nu. A lua estava tão forte e cheia que (por um paradoxo frequentemente notado) parecia um sol mais fraco. Dava, não a sensação de luz da lua brilhante, mas sim de uma luz sem vida do dia.

Sobre toda a paisagem havia uma descoloração luminosa e não natural, como aquele crepúsculo desastroso de que Milton falava como derramado pelo sol em eclipse; de modo que Syme caiu facilmente em seu primeiro pensamento,

que na verdade ele estava em algum outro planeta mais vazio, que circulava em torno de uma estrela mais triste. Mas quanto mais ele sentia essa desolação cintilante na terra enluarada, mais sua própria loucura cavalheiresca brilhava na noite como um grande fogo. Até as coisas comuns que carregava — a comida, o conhaque e a pistola carregada — assumiam exatamente aquela poesia concreta e material que uma criança sente quando leva uma arma em um passeio ou um pão para a cama. A bengala-espada e o frasco de conhaque, embora em si apenas ferramentas de conspiradores mórbidos, tornaram-se as expressões de seu próprio romance mais saudável. A bengala tornou-se quase a espada da cavalaria, e o conhaque o vinho do estribo. Pois mesmo as fantasias modernas mais desumanizadas dependem de alguma figura mais velha e mais simples; as aventuras podem ser loucas, mas o aventureiro deve ser são. O dragão sem São Jorge nem seria grotesco. Portanto, essa paisagem desumana só era imaginativa pela presença de um homem realmente humano. Para a mente exagerada de Syme, as casas e terraços luminosos e desolados junto ao Tamisa pareciam tão vazios como as montanhas da lua. Mas mesmo a lua só é poética porque há um homem na lua.

O rebocador era operado por dois homens e, com muito trabalho, era relativamente lento. A lua límpida que iluminava Chiswick já havia baixado quando eles passaram por Battersea e, quando chegaram, o dia de Westminster já começava a nascer. Quebrando-se como a rachadura de grandes barras de chumbo, mostrando barras de prata; e estas se iluminaram como fogo branco quando o rebocador, mudando seu curso para frente, virou-se para dentro, para um grande cais de desembarque, bem além de Charing Cross.

As grandes pedras do cais pareciam igualmente escuras e gigantescas quando Syme olhou para elas. Eram grandes e pretas contra a enorme alvorada branca. Elas o fizeram

sentir que estava pousando nos degraus colossais de algum palácio egípcio; e, de fato, a coisa combinava com seu humor, pois ele estava, em sua própria mente, subindo para atacar os sólidos tronos de reis horríveis e pagãos. Ele saltou do barco para um degrau pegajoso e ficou firme, uma figura escura e esguia, em meio à enorme alvenaria. Os dois homens no rebocador afastaram-na novamente e subiram o riacho. Eles não haviam pronunciado uma única palavra.

CAPÍTULO V

O FESTIM DO MEDO

A princípio, a grande escada de pedra pareceu a Syme tão deserta quanto uma pirâmide; mas antes de chegar ao topo percebeu que havia um homem inclinado sobre o parapeito do cais a olhar para o outro lado do rio. Como uma figura, ele era bastante convencional, usando um chapéu de seda e uma sobrecasaca do tipo mais formal; ele tinha uma flor vermelha na lapela. À medida que Syme se aproximava dele, passo a passo, ele não mexeu um único fio de cabelo; e Syme pôde chegar perto o suficiente para notar, mesmo à luz fraca e pálida da manhã, que seu rosto era comprido, pálido e intelectual, e terminava em um pequeno tufo triangular de barba escura na ponta do queixo, tudo o mais barbeado. Esse pedaço de cabelo quase parecia um mero descuido; o resto do rosto era do tipo que é mais bem barbeado — bem definido, ascético e em sua maneira nobre. Syme foi se aproximando cada vez mais, notando tudo isso, mas a figura não se mexeu.

No início, um instinto disse a Syme que aquele era o homem com quem deveria encontrar-se. Então, vendo que o homem não deu nenhum sinal, concluiu que não. E agora novamente ele tinha a certeza de que o homem tinha algo a ver com sua louca aventura. Pois o homem permaneceu mais quieto do que seria natural se um estranho tivesse chegado tão perto. Estava tão imóvel quanto uma peça de cera e da mesma forma irritava os nervos. Syme olhou

repetidamente para o rosto pálido, digno e delicado, e o rosto ainda parecia inexpressivo fitando o outro lado do rio. Em seguida tirou do bolso o bilhete de Buttons provando sua eleição e o colocou diante daquele rosto triste e bonito. O homem então sorriu, e seu sorriso foi um choque, pois era todo de um lado, subia na bochecha direita e descia na esquerda.

Não havia nada, racionalmente falando, para assustar ninguém com isso. Muitas pessoas têm esse tique nervoso de um sorriso torto, e em muitas é mesmo atraente. Mas em todas as circunstâncias de Syme, com o amanhecer escuro, e a missão mortal, e a solidão nas grandes pedras gotejantes, havia algo de enervante nisso. Havia o rio silencioso e o homem silencioso, um homem até de rosto clássico. E houve o último toque de pesadelo no qual aquele sorriso de repente mudou.

O espasmo do sorriso foi instantâneo, e o rosto do homem caiu imediatamente em sua harmoniosa melancolia. Ele falou sem maiores explicações ou indagações, como um homem falando com um velho colega.

“Se subirmos em direção à Leicester Square”, disse ele, “chegaremos apenas a tempo para o café da manhã. Domingo sempre insiste em tomar o café da manhã cedo. Você dormiu um pouco?”

“Não”, disse Syme.

“Nem eu”, respondeu o homem em um tom normal. “Vou tentar ir para a cama depois do café da manhã.”

Ele falava com civilidade casual, mas com uma voz totalmente morta que contradizia o fanatismo de seu rosto. Parecia quase como se todas as palavras amigáveis fossem para ele conveniências sem vida, e que sua única vida era o ódio. Após uma pausa, o homem falou novamente.

“Claro, o secretário do ramo lhe contou tudo o que pode ser contado. Mas a única coisa que nunca pode ser contada

é a última ideia do Presidente, pois suas ideias crescem como uma floresta tropical. Assim, caso você não saiba, é melhor eu dizer a você que ele está cumprindo sua ideia de nos esconder ao não nos escondermos até as extremidades mais extraordinárias agora. Originalmente, é claro, nos encontramos em uma cela subterrânea, assim como sua filial. Então, Domingo nos fez ficar em um quarto particular em um restaurante comum. Ele disse que, se não parecesse estarmos nos escondendo, ninguém nos caçaria. Bem, ele é o único homem na terra, eu sei; mas às vezes eu realmente acho que seu cérebro enorme está ficando um pouco louco em sua velhice. Por enquanto, nós nos exibimos perante o público. Tomamos nosso café da manhã em uma varanda — em uma varanda, imagine só — com vista para a Leicester Square."

"E o que as pessoas dizem?" perguntou Syme.

"É muito simples o que dizem", respondeu seu guia. "Eles dizem que somos cavalheiros muito alegres que fingem ser anarquistas."

"Parece-me uma ideia muito inteligente", disse Syme.

"Inteligente! Deus destrua sua impudência! Inteligente!" gritou o outro com uma voz súbita e estridente, tão surpreendente e discordante quanto seu sorriso torto. "Depois de ver Domingo por uma fração de segundo, você vai parar de chamá-lo de inteligente."

Com isso, emergiram de uma rua estreita e viram o sol da manhã enchendo a Leicester Square. Nunca se saberá, suponho, por que esta praça em si deveria parecer tão estranha e, de certa forma, tão continental. Nunca se saberá se foi o olhar estrangeiro que atraiu os estrangeiros ou os estrangeiros que lhe deram o olhar estrangeiro. Mas, nesta manhã em particular, o efeito parecia singularmente brilhante e claro. Entre a praça aberta e as folhas iluminadas pelo sol e a estátua e os contornos sarracenos da Alhambra, parecia a réplica de algum lugar público francês ou mesmo espanhol. E esse efeito aumentou em

Syme a sensação, que em muitas formas ele sentira durante toda a aventura, a assustadora sensação de ter entrado em um novo mundo. Na verdade, ele comprava charutos ruins em Leicester Square desde menino. Mas, ao dobrar a esquina e ver as árvores e as cúpulas mouriscas, poderia jurar que estava se transformando em uma praça desconhecida ou outra em alguma cidade estrangeira.

Em um canto da praça projetava-se uma espécie de quina de um hotel próspero, mas tranquilo, a maior parte se encontrava a uma rua atrás. Na parede havia uma grande janela francesa, provavelmente a janela de um grande café; e do lado de fora dessa janela, quase literalmente pairando sobre a praça, havia uma varanda com contraforte formidável, grande o suficiente para conter uma mesa de jantar. Na verdade, continha uma mesa de jantar, ou mais estritamente uma mesa de café da manhã; e em volta da mesa do desjejum, brilhando ao sol e evidente para a rua, estava um grupo de homens barulhentos e faladores, todos vestidos na insolência da moda, com coletes brancos e grandes botões. Algumas de suas piadas quase podiam ser ouvidas do outro lado da praça. Em seguida, o severo Secretário deu seu sorriso não natural, e Syme entendeu que aquela turbulenta festa do desjejum era o conclave secreto dos Dinamitistas Europeus.

Assim, enquanto Syme continuava a olhar para eles, viu algo que nunca tinha visto antes. Ele não o tinha visto literalmente porque era grande demais para ser visto. Na extremidade mais próxima da varanda, bloqueando uma grande parte da perspectiva, estavam as costas de uma grande montanha humana. Quando Syme o viu, o seu primeiro pensamento foi que o peso dele devia quebrar a varanda de pedra. Sua vastidão não residia apenas no fato de ser anormalmente alto e incrivelmente gordo. Aquele homem fora planejado enormemente em suas proporções originais, como uma estátua esculpida deliberadamente como colossal. Sua cabeça, coroada com cabelos brancos,

vista de trás parecia maior do que uma cabeça deveria ser. As orelhas que se destacavam pareciam maiores do que orelhas humanas. Ele fora terrivelmente aumentado em escala; e essa sensação de tamanho era tão impressionante, que, quando Syme o viu, todas as outras figuras pareceram subitamente diminuir e tornarem-se anãs. Eles ainda estavam sentados lá como antes com suas flores e sobrecasacas, mas agora parecia como se o grande homem estivesse recebendo cinco crianças para o chá.

Quando Syme e o guia se aproximaram da porta lateral do hotel, um garçom apareceu sorrindo com todos os dentes da boca.

“Os cavalheiros estão lá em cima, senhor”, disse ele. “Eles conversam e riem do que dizem. Eles dizem que vão jogar bombas contra o rei.”

E o garçom saiu apressado com um guardanapo no braço, muito satisfeito com a singular frivolidade dos cavalheiros lá em cima.

Os dois homens subiram as escadas em silêncio.

Syme nunca pensara em perguntar se o homem monstruoso que quase enchia e arrebentava a varanda era o grande Presidente de quem os outros temiam. Ele sabia que assim era, com uma certeza inexplicável, mas instantânea. Syme, de fato, era um daqueles homens abertos a influências psicológicas ainda mais anônimas, em um grau um pouco perigoso para a saúde mental. Totalmente destituído de medo dos perigos físicos, ele era muito sensível ao cheiro do mal espiritual. Já duas vezes naquela noite pequenas coisas sem sentido o espiaram quase lascivamente, e lhe deram a sensação de estar se aproximando cada vez mais do quartel-general do inferno. E esse sentimento tornou-se irresistível à medida que se aproximava do grande Presidente.

A forma que assumiu era infantil, mas odiosa. Enquanto ele caminhava pela sala interna em direção à varanda, a grande face de Domingo ficava cada vez maior; e Syme

sentiu-se dominado pelo temor de que, quando estivesse bem perto, o rosto ficasse demasiado grande para ser possível, e de que gritasse em voz alta. Ele lembrou que quando criança não olhava para a máscara de Mêmnon no Museu Britânico, porque era um rosto demasiado grande.

Com um esforço, mais corajoso do que saltar de um penhasco, ele foi até uma cadeira vazia à mesa do desjejum e se sentou. Os homens o saudaram com zombarias bem-humoradas, como se sempre o tivessem conhecido. Ele se acalmou um pouco olhando para os casacos convencionais e a cafeteira sólida e brilhante; em seguida olhou novamente para Domingo. Seu rosto era muito grande, mas ainda era possível para um homem.

Na presença do Presidente, toda a companhia parecia bastante comum; nada neles chamava a atenção a princípio, exceto que, por capricho do Presidente, haviam sido vestidos com uma respeitabilidade festiva, o que dava à refeição o aspecto de um café da manhã de casamento. No entanto um homem se destacava mesmo sob um olhar superficial. Ele pelo menos era um Dinamitista comum. Ele usava, de fato, o colarinho alto e a gravata de cetim que eram o uniforme da ocasião; mas dessa coleira brotava uma cabeça bastante incontrolável e inconfundível, um arbusto desconcertante de cabelo e barba castanhos que quase obscurecia os olhos como os de um Skye terrier. Entretanto os olhos pareciam fora do emaranhado e eram os olhos tristes de um servo russo. O efeito desta figura não foi terrível como o do Presidente, mas tinha todo o ar diabólico que pode vir do grotesco. Se daquele colarinho surgisse abruptamente a cabeça de um gato ou de um cachorro, não poderia ter havido um contraste mais idiota.

O nome do homem, ao que parecia, era Gogol; ele era polonês e, nesse círculo de dias, era chamado de Terça-Feira.

Sua alma e palavras eram incuravelmente trágicas; ele não podia forçar-se a desempenhar o papel próspero e frívolo exigido dele pelo Presidente Domingo. E, de fato, quando Syme entrou, o Presidente, com aquele ousado desrespeito à suspeita pública que era sua política, estava na verdade zombando de Gogol por sua incapacidade de assumir as graças convencionais.

“Nosso amigo Terça-Feira”, disse o Presidente em uma voz profunda, ao mesmo tempo calma e volumosa, “nosso amigo Terça-Feira não parece entender a ideia. Ele se veste como um cavalheiro, mas parece ser uma alma grande demais para comportar-se como tal. Ele insiste nos costumes do conspirador do palco. Agora, se um cavalheiro anda por Londres de cartola e sobrecasaca, ninguém precisa saber que ele é um anarquista. Mas se um cavalheiro colocar uma cartola e uma sobrecasaca, e então anda sobre as mãos e joelhos — bem, ele pode atrair a atenção. É isso que o irmão Gogol faz. Ele anda sobre as mãos e os joelhos com uma diplomacia tão inesgotável que, a esta altura, acha bastante difícil andar ereto.”

“Não sou bom em disfarces”, disse Gogol mal-humorado, com um forte sotaque estrangeiro; “Não tenho vergonha da causa.”

“Sim, você é, meu rapaz, e também a sua causa”, disse o Presidente com bom humor. “Você se esconde tanto quanto qualquer um; mas você não consegue fazer isso, você vê, pois é um idiota! Você tenta combinar dois métodos inconsistentes. Quando um chefe de família encontra um homem debaixo da cama, ele provavelmente fará uma pausa para notar a circunstância. Mas se ele encontrar um homem embaixo da cama de cartola, você concordará comigo, meu querido Terça-Feira, que provavelmente ele nunca se esquecerá. Ora, quando você foi encontrado sob a cama do almirante Biffin...”

“Eu não sou bom em enganar”, disse Terça-Feira melancolicamente, corando.

“Certo, meu rapaz, certo”, disse o Presidente com uma cordialidade ponderada, “você não é bom em nada.”

Enquanto essa conversa continuava, Syme olhava com mais firmeza para os homens ao seu redor. Ao fazer isso, gradualmente sentiu toda a sensação de algo espiritualmente estranho retornar-lhe.

A princípio ele pensara que todos tinham estatura e trajes comuns, com a evidente exceção do cabeludo Gogol. Mas, ao olhar para os outros, começou a notar em cada um deles exatamente o que vira no homem à beira do rio, um detalhe demoníaco em algum lugar. Aquela risada torta, que de repente desfiguraria o belo rosto de seu guia original, era típica de todos esses tipos. Cada homem tinha algo sobre si, percebido talvez no décimo ou vigésimo olhar, que não era normal e que dificilmente parecia humano. A única metáfora que ele conseguia pensar era esta, que todos eles pareciam ser como os homens elegantes e de presença, com o toque adicional dado em um espelho falso e curvo.

Apenas os exemplos individuais expressam essa excentricidade meio disfarçada. O cicerone original de Syme trazia o título de Segunda-Feira; ele era o secretário do Conselho, e seu sorriso torto era visto com mais terror do que qualquer coisa, exceto a horrível e feliz risada do Presidente. Mas agora que Syme tinha mais espaço e luz para observá-lo, houve outros toques. Seu belo rosto estava tão emaciado, que Syme achava que devia ter sido desperdiçado com alguma doença; mas de alguma forma a própria angústia de seus olhos escuros negava isso. Não era nenhum mal físico que o incomodava. Seus olhos estavam vivos com a tortura intelectual, como se pensamento puro fosse dor.

Ele era típico de cada um da tribo; cada um sutil e diferentemente errado. Ao lado dele sentou-se Terça-Feira, o desgrenhado Gogol, um homem obviamente louco. A seguir Quarta-Feira, um tal Marquês de Saint Eustache, uma

figura bastante característica. Os primeiros olhares não encontraram nada de incomum nele, exceto que era o único homem à mesa que usava as roupas da moda como se fossem realmente suas. Tinha uma barba negra francesa cortada quadrada, e uma sobrecasaca inglesa preta cortada ainda mais quadrada. Mas Syme, sensível a tais coisas, sentiu de alguma forma que o homem carregava consigo uma atmosfera rica, uma atmosfera rica que sufocava. Isso lembrava irracionalmente os odores sonolentos e as lâmpadas mortas dos poemas mais sombrios de Byron e Poe. Com isso, veio a sensação de que estava vestido, não com cores mais claras, mas com materiais mais suaves; seu negro parecia mais rico e mais quente do que os tons escuros sobre ele, como se fosse composto de uma cor profunda. Seu casaco preto parecia apenas preto por ser um roxo muito denso. Sua barba negra parecia apenas preta por ser de um azul muito profundo. E na escuridão e espessura da barba, sua boca vermelho-escura se mostrava sensual e desdenhosa. Fosse o que fosse, não era francês; poderia ser um judeu; poderia ser algo mais profundo ainda no coração escuro do Oriente. Nos azulejos persas de cores vivas e nas fotos que mostram tiranos caçando, você pode ver aqueles olhos amendoados, aquelas barbas azuis-escura, aqueles lábios cruéis e vermelhos.

Depois veio Syme, e a seguir um homem muito velho, o Professor de Worms, que ainda mantinha a cadeira de Sexta-Feira, embora todos os dias se esperasse que sua morte a deixasse vazia. Salvo por seu intelecto, ele estava na última dissolução da decadência senil. Seu rosto estava tão cinza quanto sua longa barba grisalha, sua testa estava levantada e finalmente fixada em uma ruga de leve desespero. Em nenhum outro caso, nem mesmo no de Gogol, o brilho jovial da veste matinal expressava um contraste mais doloroso. Pois a flor vermelha em sua lapela aparecia contra um rosto que estava literalmente descolorido como chumbo; todo o efeito horrível era como

se alguns dândis bêbados tivessem colocado suas roupas sobre um cadáver. Quando ele se levantava ou se sentava, o que era com muito trabalho e perigo, algo pior era expresso do que a mera fraqueza, algo indefinidamente ligado ao horror de toda a cena. Não exprimia meramente decrepitude, mas decomposição. Outra fantasia odiosa cruzou a mente trêmula de Syme. Ele não conseguia deixar de pensar que sempre que o homem se mexesse, uma perna ou braço poderia cair.

Bem no final estava sentado o homem chamado Sábado, o mais simples e o mais desconcertante de todos. Era um homem baixo e atarracado, com um rosto escuro e quadrado, bem barbeado, um médico que atendia pelo nome de Bull. Ele tinha aquela combinação de *savoir-faire* com uma espécie de aspereza bem cuidada que não é incomum em jovens médicos. Carregava suas roupas elegantes com confiança ao invés de facilidade, e usava principalmente um sorriso fixo. Não havia nada de estranho nele, exceto que usava um par de óculos escuros quase opacos. Pode ter sido apenas um *crescendo* de fantasia nervosa que acontecera antes, mas aqueles discos pretos eram terríveis para Syme; eles o recordavam de contos medonhos parcialmente lembrados, de alguma história sobre moedas sendo colocadas nos olhos dos mortos. Os olhos de Syme sempre captavam os óculos escuros e o sorriso cego. Se o professor moribundo os usasse, ou mesmo o pálido Secretário, teriam sido apropriados. Mas para aquele homem mais jovem e mais grosseiro, pareciam apenas um enigma. Eles tiravam a revelação do rosto. Você não poderia dizer o que seu sorriso ou sua seriedade significavam. Em parte por isso, e em parte porque ele tinha uma virilidade vulgar que faltava na maioria dos outros, parecia a Syme que aquele poderia ser o mais perverso de todos aqueles homens perversos. Syme até pensou que aqueles olhos poderiam estar tapados porque eram demasiado assustadores para se verem.

CAPÍTULO VI

A REVELAÇÃO

Tais eram os seis homens que juraram destruir o mundo. Repetidamente Syme se esforçou para reunir o bom senso na presença deles. Às vezes via por um instante que essas noções eram subjetivas, que ele estava apenas olhando para homens comuns, um dos quais era velho, outro nervoso, outro míope. A sensação de um simbolismo não natural sempre lhe voltava. Cada figura parecia estar, de alguma forma, no limite das coisas, assim como a teoria deles estava no limite do pensamento. Ele sabia que cada um desses homens estava no extremo, por assim dizer, de alguma estrada selvagem de raciocínio. Ele só podia imaginar, como em alguma fábula do velho mundo, que se um homem seguisse para o oeste até o fim do mundo, ele encontraria algo — digamos uma árvore — que fosse mais ou menos uma árvore, uma árvore possuída por um espírito; e que se ele seguisse para o leste até o fim do mundo, encontraria outra coisa que não era totalmente ela mesma — uma torre, talvez, cuja própria forma era perversa. Assim, essas figuras pareciam erguer-se, violentas e inexplicáveis, contra um horizonte infinito, visões do além. Os confins da terra estavam se aproximando.

A conversa continuava constante enquanto ele observava a cena; e um dos contrastes daquela desconcertante mesa do desjejum era o contraste entre o tom fácil e discreto da conversa e seu terrível

significado. Eles estavam mergulhados na discussão de um enredo real e imediato. O garçom do andar de baixo falara muito bem ao dizer que falavam de bombas e reis. Apenas três dias depois, o czar se encontraria com o presidente da República Francesa em Paris, e sobre seus ovos com bacon em sua varanda ensolarada aqueles cavalheiros radiantes decidiram como ambos deveriam morrer. Até o instrumento foi escolhido; o Marquês de barba negra, ao que parecia, deveria carregar a bomba.

Normalmente falando, a proximidade daquele crime positivo e objetivo teria acalmado Syme e o curado de todos os seus tremores meramente místicos. Ele não teria pensado em nada além da necessidade de salvar pelo menos dois corpos humanos de serem despedaçados com ferro e gás ruidoso. Mas a verdade é que a essa altura ele começou a sentir um terceiro tipo de medo, mais penetrante e prático do que sua repulsa moral ou sua responsabilidade social. Muito simplesmente, ele não tinha medo pelo presidente francês ou pelo czar; começou a temer por si mesmo. A maioria dos faladores não prestavam muita atenção nele, debatendo agora com os rostos mais próximos e quase uniformemente sérios, exceto quando por um instante o sorriso do Secretário se estendeu por seu rosto como um relâmpago denteado se espalhava pelo céu. Mas havia uma coisa persistente que primeiro perturbou Syme e, por fim, o aterrorizou. O Presidente estava sempre o olhando, com firmeza e com grande e desconcertante interesse. O homem enorme estava bastante quieto, mas seus olhos azuis saltavam de sua cabeça. E estavam sempre fixados em Syme.

Syme sentiu-se impelido a pular da varanda. Quando os olhos do Presidente estavam sobre ele, sentia-se como se fosse feito de vidro. Quase não tinha dúvida de que, de alguma forma silenciosa e extraordinária, Domingo descobrira que ele era um espião. Ele olhou pela balaustrada da varanda e viu um policial, parado

distraidamente logo abaixo, olhando para as grades brilhantes e as árvores iluminadas pelo sol.

Então caiu sobre ele a grande tentação que o atormentaria por muitos dias. Na presença desses homens poderosos e repulsivos, que eram os príncipes da anarquia, quase se esquecera da figura frágil e fantasiosa do poeta Gregory, mero esteta do anarquismo. Até pensava nele agora com uma antiga gentileza, como se eles tivessem brincado juntos quando crianças. Mas lembrou-se de que ainda estava ligado a Gregory por uma grande promessa. Ele havia prometido nunca fazer exatamente o que agora se sentia quase no ato de fazer. Havia prometido não pular daquela sacada e falar com aquele policial. Ele tirou a mão fria da balaustrada de pedra fria. Sua alma balançou em uma vertigem de indecisão moral. Só tinha que romper o fio de um voto precipitado feito a uma sociedade vil, e toda a sua vida poderia ser tão aberta e ensolarada quanto a praça abaixo dele. Ele tinha, por outro lado, apenas que manter sua antiquada honra e se entregar centímetro a centímetro ao poder deste grande inimigo da humanidade, cujo próprio intelecto era uma câmara de tortura. Sempre que olhava para a praça, via o policial confortável, um pilar do bom senso e da ordem comum. Sempre que olhava para a mesa do desjejum, via o Presidente ainda estudando-o silenciosamente com olhos grandes e insuportáveis.

Em toda a torrente de seus pensamentos, houve duas ideias que nunca lhe passaram pela cabeça. Em primeiro lugar, nunca lhe ocorreu duvidar que o Presidente e seu Conselho poderiam esmagá-lo se ele continuasse a estar sozinho. O lugar pode ser público, o projeto pode parecer impossível. Mas Domingo não era o homem que se portaria tão facilmente sem ter, de alguma forma ou lugar, aberto sua armadilha de ferro. Fosse por veneno anônimo ou um repentino acidente de rua, por hipnotismo ou pelo fogo do inferno, Domingo certamente poderia atingi-lo. Se ele

desafiasse o homem, provavelmente estaria morto, endurecido ali em sua cadeira ou muito depois como por uma doença inocente. Se chamasse a polícia e prontamente, prendesse todos, contasse tudo e colocasse contra eles toda a energia da Inglaterra, provavelmente escaparia; certamente não de outra forma. Estavam numa varanda cheia de cavalheiros com vista para uma praça iluminada e movimentada; mas ele não se sentia mais seguro com eles do que se estivessem num barco cheio de piratas armados olhando para o mar vazio.

Houve um segundo pensamento que nunca lhe ocorrera. Nunca lhe ocorrera ser espiritualmente conquistado para o inimigo. Muitos modernistas, acostumados a um fraco culto ao intelecto e à força, podem ter vacilado em sua lealdade sob a opressão de uma grande personalidade. Eles podem ter chamado Domingo de super-homem. Se tal criatura fosse concebível, ele se parecia, de fato, um pouco com ela, com sua abstração de sacudir a terra, como uma estátua de pedra caminhante. Ele poderia ter sido chamado de algo acima do homem, com seus grandes planos, que eram muito óbvios para serem detectados, com seu rosto grande, que era muito franco para ser entendido. Mas essa era uma espécie de mesquinhez moderna a que Syme não conseguia afundar, mesmo em sua extrema morbidez. Como qualquer homem, ele era covarde o suficiente para temer uma grande força; mas não era covarde o suficiente para admirá-la.

Os homens comiam enquanto falavam e, mesmo nisso, eram típicos. O Dr. Bull e o Marquês se serviam casualmente e convencionalmente das melhores coisas da mesa — faisão frio ou torta de Estrasburgo. Mas o Secretário era vegetariano e falava seriamente do assassinato projetado por meio de um tomate cru e três quartos de um copo de água morna. O velho Professor tinha um desleixo que sugeria uma segunda infância doentia. E mesmo o Presidente Domingo preservava seu curioso predomínio da

mera massa. Pois ele comia como vinte homens; comia incrivelmente, com um apetite fresco e assustador, de modo que era como assistir a uma fábrica de salsichas. No entanto, continuamente, depois de engolir uma dúzia de bolinhos ou beber um litro de café, era encontrado com a grande cabeça de lado a olhar para Syme.

“Muitas vezes me pergunto”, disse o Marquês, dando uma grande mordida em uma fatia de pão com geleia, “se não seria melhor fazê-lo com uma faca. Muitas das melhores coisas foram executadas com uma faca. E seria uma emoção nova enfiar uma faca em um presidente francês e torcê-la.”

“Você está errado”, disse o Secretário, unindo as sobrancelhas negras. “A faca era apenas a expressão da velha disputa pessoal com um tirano pessoal. A dinamite não é apenas nossa melhor ferramenta, mas nosso melhor símbolo. É um símbolo tão perfeito para nós quanto o incenso para as orações dos cristãos. Ela se expande; só destrói porque se alarga; mesmo assim, o pensamento só destrói porque se alarga. O cérebro de um homem é uma bomba”, gritou ele, abrandando repentinamente a sua estranha paixão e golpeando com violência o próprio crânio. “Meu cérebro parece uma bomba, noite e dia. Ele deve se expandir! Ele deve se expandir! O cérebro de um homem deve se expandir, mesmo se destruir o universo.”

“Eu não quero o universo destruído ainda”, disse o marquês. “Quero fazer um monte de coisas bestiais antes de morrer. Pensei em uma ontem na cama.”

“Não, se o único fim do ato for o nada”, disse o Dr. Bull com seu sorriso de esfinge, “dificilmente vale a pena fazer.”

O velho Professor estava olhando para o teto com olhos opacos.

“Todo homem sabe em seu coração”, disse ele, “que nada vale a pena ser feito.”

Houve um silêncio singular, e então o Secretário disse:

“Estamos saindo, no entanto, do ponto. A única questão é como Quarta-Feira deve desferir o golpe. Acho que todos devemos concordar com a ideia original de uma bomba. Quanto aos arranjos reais, devo sugerir que amanhã de manhã ele deve ir antes de tudo para...”

O discurso foi interrompido sob uma vasta sombra. O Presidente Domingo pôs-se de pé, parecendo encher o céu acima deles.

“Antes de discutirmos isso”, disse ele em uma voz baixa e calma, “vamos para uma sala privada. Tenho algo muito particular a dizer-lhes.”

Syme levantou-se antes de qualquer um dos outros. O instante da escolha finalmente chegou, a pistola estava em sua cabeça. Na calçada, antes que pudesse ouvir o policial se mexendo e batendo os pés, porque a manhã, embora clara, estava fria.

Um realejo na rua de repente brotou com um solavanco em uma melodia jovial. Syme ficou tenso, como se fosse um clarim antes da batalha. Ele se viu cheio de uma coragem sobrenatural que veio do nada. Aquela música tilintante parecia cheia da vivacidade, da vulgaridade e do valor irracional dos pobres, que em todas aquelas ruas sujas se apegavam às decências e às caridades da cristandade. Sua brincadeira juvenil de ser um policial havia sumido de sua mente; não se considerava o representante do corpo de cavalheiros transformados em policiais extravagantes, nem do velho excêntrico que vivia no quarto escuro. Mas sentia-se o embaixador de todas essas pessoas comuns e bondosas da rua, que todos os dias marchavam para a batalha ao som do realejo. E esse alto orgulho de ser humano o elevou inexplicavelmente a uma altura infinita acima dos homens monstruosos ao seu redor. Por um instante, pelo menos, ele olhou para todas as suas excentricidades extensas do pináculo estrelado do lugar-comum. Sentia em relação a eles toda aquela superioridade inconsciente e elementar que um homem valente sente

sobre feras poderosas ou um homem sábio sobre erros poderosos. Ele sabia que não possuía nem a força intelectual e nem a força física do Presidente Domingo; mas naquele momento não se importou mais com o fato de não ter os músculos de um tigre ou um chifre no nariz como um rinoceronte. Tudo foi absorvido pela certeza final de que o Presidente estava errado e de que o realejo estava certo. Ressoou em sua mente aquele truísmo terrível e irrespondível, da Canção de Roland: — [2]

“Païens ont tort et Chrétiens ont droit.”

que no francês antigo nasalado tem o tinido e o gemido do grandioso ferro. Esta liberação de seu espírito do peso de sua fraqueza partiu com uma decisão bastante clara de abraçar a morte. Se o pessoal do realejo era capaz de cumprir suas obrigações do velho mundo, ele também poderia. O próprio orgulho em cumprir sua palavra era que ele a estava cumprindo com os canalhas. Seria seu último triunfo sobre aqueles lunáticos, descer para seu quarto escuro e morrer por algo que eles não podiam nem mesmo entender. O realejo parecia dar a melodia da marcha com a energia e os ruídos misturados de uma orquestra inteira; e ele podia ouvir profundo e ribombante, sob todas as trombetas da soberba da vida, os tambores da soberba da morte.

Os conspiradores já estavam passando pela janela aberta e entrando nas salas de trás. Syme foi o último, aparentemente calmo, mas com todo o cérebro e o corpo pulsando em um ritmo romântico. O Presidente os conduziu por uma escada lateral irregular, que devia ser usada por criados, até uma sala escura, fria e vazia, com mesa e bancos, como uma sala de reuniões abandonada. Quando todos entraram, ele fechou e trancou a porta.

O primeiro a falar foi Gogol, o irreconciliável, que parecia explodir em queixas inarticuladas.

“Então! Então!” ele gritou, com uma excitação obscura, seu forte sotaque polonês tornando-se quase impenetrável. “Você diz que não se esconde. Você diz que se mostra. É tudo bobagem. Quando você quer falar sobre importância, você se põe em uma caixa escura!”

O Presidente pareceu aceitar a sátira incoerente do estrangeiro com todo o bom humor.

“Você ainda não pode compreender, Gogol”, disse ele de maneira paternal. “Quando eles nos ouvem falando besteiras naquela varanda, eles não se importarão para onde iremos depois. Se tivéssemos vindo aqui primeiro, teríamos todo o pessoal na fechadura. Você parece não saber nada sobre a humanidade.”

“Eu morro por eles”, gritou o polonês com grande excitação, “e mato ali os opressores. Não me importo com esses jogos de dissimulação. Eu golpearei o tirano em praça aberta.”

“Entendo, entendo”, disse o Presidente, balançando a cabeça gentilmente enquanto se sentava à cabeceira de uma longa mesa. “Você morre pela humanidade primeiro, e depois se levanta e fere seus opressores. Então está tudo bem. Agora posso pedir-lhe para controlar seus belos sentimentos e sentar-se com os outros cavalheiros a esta mesa. Pela primeira vez esta manhã, algo inteligente será dito.”

Syme, com a prontidão perturbada que demonstrara desde a convocação original, sentou-se primeiro. Gogol sentou-se por último, resmungando em sua barba castanha sobre compromisso. Ninguém, exceto Syme, parecia ter noção do golpe que estava para cair. Quanto a ele, tinha apenas a sensação de um homem subindo no cadafalso com a intenção, pelo menos, de fazer um bom discurso.

“Camaradas”, disse o Presidente, levantando-se de repente, “já lançamos essa farsa por tempo suficiente. Chamei vocês aqui para contar uma coisa tão simples e chocante que até os garçons do andar de cima (há muito

acostumados com nossas leviandades) notariam alguma nova seriedade na minha voz. Camaradas, estávamos discutindo planos e nomeando lugares. Proponho, antes de mais nada, que esses planos e lugares não sejam votados nesta reunião, mas sejam deixados totalmente sob o controle de algum membro confiável. Eu sugiro o camarada Sábado, o Dr. Bull."

Todos o olharam; em seguida todos saltaram em seus assentos, pois as palavras seguintes, embora não fossem altas, tinham uma ênfase viva e sensacional. Domingo bateu na mesa.

"Nem uma palavra a mais sobre os planos e locais deve ser dita nesta reunião. Nenhum pequeno detalhe sobre o que pretendemos fazer deve ser mencionado nesta assembleia."

Domingo passara sua vida surpreendendo seus seguidores; mas parecia que ele nunca os tinha realmente surpreendido até agora. Todos se moviam febrilmente em seus assentos, exceto Syme, que se manteve rígido, com a mão no bolso e na alça de seu revólver carregado. Quando o ataque a ele viesse, venderia sua vida muito caro. Descobriria pelo menos se o Presidente era mortal.

Domingo continuou tranquilamente:

"Vocês provavelmente entenderão que só existe um motivo possível para proibir a liberdade de expressão neste festival de liberdade. Estranhos que nos escutam nada importam. Eles presumem que estamos brincando. Mas o que teria importância, mesmo para a morte, seria haver alguém entre nós que não fosse dos nossos, que conhece nosso grave propósito, mas não o compartilha, que..."

O Secretário gritou de repente, como uma mulher.

"Não pode ser!" ele gritou, saltando. "Não pode..."

O Presidente bateu com a mão grande e achatada na mesa como a barbatana de um peixe enorme.

"Sim", disse ele lentamente, "há um espião nesta sala. Há um traidor nesta mesa. Não vou perder mais palavras. O

nome dele...”

Syme levantou-se parcialmente da cadeira, o dedo firme no gatilho.

“O nome dele é Gogol”, disse o Presidente. “É esse trapaceiro cabeludo que finge ser polonês.”

Gogol levantou-se de um salto, uma pistola em cada mão. Com o mesmo lampejo, três homens saltaram em sua garganta. Até o Professor fez um esforço para se levantar. Mas Syme pouco viu da cena, pois ficou cego por uma escuridão benéfica; ele havia afundado em seu assento estremecendo, em uma paralisia de alívio arrebatado.

CAPÍTULO VII

A CONDUTA INEXPLICÁVEL DO PROFESSOR DE WORMS

“Sentem-se”, disse Domingo com uma voz que usou uma ou duas vezes em sua vida, uma voz que fazia os homens soltarem espadas desembainhadas.

Os três que haviam se levantado afastaram-se de Gogol e o próprio personagem equívoco voltou a sentar-se.

“Bem, meu homem”, disse o Presidente vivamente, dirigindo-se a ele como alguém se dirige a um total estranho, “você vai me fazer o favor de colocar a mão no bolso superior do colete e me mostrar o que tem aí?”

O suposto polonês estava um pouco pálido sob seu emaranhado de cabelos escuros, mas colocou dois dedos no bolso com aparente frieza e tirou uma tira de cartão azul. Quando Syme o viu sobre a mesa, acordou novamente para o mundo exterior. Pois embora o cartão ficasse no outro extremo da mesa, e ele não pudesse ler nada da inscrição nele, tinha uma semelhança surpreendente com o cartão azul em seu próprio bolso, o cartão que foi dado a ele quando se juntou à polícia antianarquista.

“Eslavo patético”, disse o Presidente, “trágico filho da Polônia, você está preparado na presença daquele cartão a negar que está nesta assembleia — devemos dizer *de trop*?”

“Certo, oh!” disse o antigo Gogol. Todos pularam ao ouvir uma voz clara, comercial, e um tanto londrina saindo

daquela floresta de cabelos estrangeiros. Era irracional, como se um chinês de repente tivesse falado com sotaque escocês.

“Imagino que você compreenda perfeitamente sua posição”, disse Domingo.

“Pode apostar”, respondeu o polonês. “Vejo que é uma apreensão justa. Tudo o que digo é que não acredito que nenhum polonês pudesse ter imitado meu sotaque como eu imitei o dele.”

“Eu admito o ponto”, disse Domingo. “Eu acredito que seu próprio sotaque seja inimitável, embora eu deva praticar no meu banho. Importa-se de deixar a sua barba juntamente ao cartão?”

“Nem um pouco”, respondeu Gogol; e com um dedo ele arrancou toda a cobertura desgrenhada da cabeça, emergindo com cabelos finos e ruivos e um rosto pálido e atrevido. “Estava quente”, acrescentou.

“Eu farei a justiça de lhe dizer”, disse Domingo, não sem uma espécie de admiração brutal, “que você parece ter mantido a calma sob isso. Agora me escute. Eu gosto de você. A consequência é que isso iria me incomodar por cerca de dois minutos e meio se eu soube que você morreu em tormentos. Bem, se você algum dia contar à polícia ou a qualquer alma humana sobre nós, terei aqueles dois minutos e meio de desconforto. No seu desconforto não vou me alongar. Bom dia. Cuidado com o degrau.”

O detetive ruivo que se disfarçara de Gogol se levantou sem dizer uma palavra e saiu da sala com um ar de total indiferença. No entanto, o espantado Syme foi capaz de perceber que essa facilidade foi subitamente assumida; pois houve um ligeiro tropeço do lado de fora da porta, o que mostrou que o detetive de partida não se preocupou com o degrau.

“O tempo está voando”, disse o Presidente em sua maneira mais alegre, depois de olhar para o relógio, que, como tudo nele parecia maior do que deveria ser. “Devo

partir imediatamente; devo assumir a presidência de uma reunião humanitária.”

O Secretário virou-se para ele com as sobrancelhas ativas.

“Não seria melhor”, disse um pouco rispidamente, “discutir mais detalhes de nosso projeto, agora que o espião nos deixou?”

“Não, eu acho que não”, disse o Presidente com um bocejo que parecia um terremoto discreto. “Deixe como está. Deixe Sábado resolver isso. Eu devo ir. Almoçamos aqui no próximo domingo.”

Mas as últimas cenas barulhentas haviam agitado os nervos quase nus do Secretário. Ele era um daqueles homens que são conscienciosos até no crime.

“Devo protestar, Presidente, que a coisa é irregular”, disse ele. “É regra fundamental de nossa sociedade que todos os planos sejam debatidos na íntegra pelo conselho. Claro, eu agradeço totalmente a sua premeditação quando na presença real de um traidor...”

“Secretário”, disse o Presidente sério, “se você levar a cabeça para casa e fervê-la como a um nabo, pode ser útil. Não posso garantir. Mas pode.”

O Secretário recuou com uma espécie de raiva equina.

“Eu realmente não consigo entender...” ele começou no ataque.

“É isso, é isso”, disse o Presidente, balançando a cabeça muitas vezes. “É aí que você falhou o suficiente. Você falhou em entender. Por que, seu burro dançarino”, ele rugiu, levantando-se, “você não queria ser ouvido por um espião, não é? Como você sabe que não está sendo ouvido agora?”

E com essas palavras ele abriu caminho para fora da sala, tremendo com um desprezo incompreensível.

Quatro dos homens deixados para trás ficaram boquiabertos atrás dele, sem qualquer vislumbre aparente de seu significado. Só Syme tinha um brilho que o congelou até os ossos. Se as últimas palavras do Presidente

significaram alguma coisa, significavam que Syme depois de tudo, não passara despercebido. Elas queriam dizer que, embora Domingo não pudesse denunciá-lo como a Gogol, ainda não podia confiar nele como nos outros.

Os outros quatro levantaram-se mais ou menos resmungando e foram buscar o almoço em outro lugar, pois já passava bem do meio-dia. O Professor foi por último, muito lenta e dolorosamente. Syme ficou sentado muito depois de os outros terem partido, revirando a sua estranha posição. Ele havia escapado de um raio, mas ainda estava sob uma nuvem. Por fim, levantou-se e saiu do hotel para a Leicester Square. O dia claro e frio tinha ficado ainda mais frio, e quando ele saiu para a rua foi surpreendido por alguns flocos de neve. Enquanto ainda carregava a bengala-espada e o resto da bagagem portátil de Gregory, ele havia jogado a capa no chão e a deixara em algum lugar, talvez no rebocador a vapor, talvez na varanda. Esperando, portanto, que a chuva de neve fosse leve, ele saiu da rua por um momento e parou sob a porta de uma pequena e gordurosa loja de perucas, cuja janela da frente estava vazia, exceto por uma doentia senhora de cera em vestido de noite.

A neve, entretanto, começou a engrossar e cair rapidamente; e Syme, tendo encontrado um olhar para a senhora de cera suficiente para deprimir o seu espirito, olhou para a rua branca e vazia. Ficou consideravelmente surpreso ao ver, parado do lado de fora da loja e olhando pela janela, um homem. Sua cartola estava carregada de neve como o chapéu do Pai Natal, a nuvem branca subia em torno de suas botas e tornozelos; mas parecia que nada poderia afastá-lo da contemplação da boneca de cera incolor em vestido de noite sujo. Que qualquer ser humano ficasse em tal tempo olhando para uma loja assim já era motivo de admiração para Syme; mas sua admiração ociosa se transformou de repente em um choque pessoal; pois percebeu que o homem ali parado era o velho paralítico

Professor de Worms. Dificilmente seria o lugar para uma pessoa de sua idade e enfermidades.

Syme estava pronto a acreditar em qualquer coisa sobre as perversões dessa irmandade desumanizada; mas mesmo ele não conseguia acreditar que o Professor havia se apaixonado por aquela senhora de cera em particular. Ele só podia supor que a doença do homem (seja lá o que fosse) envolvia alguns acessos momentâneos de rigidez ou transe. Ele não estava inclinado, entretanto, a sentir neste caso qualquer preocupação muito compassiva. Pelo contrário, felicitou-se pelo fato de que o ataque do Professor em sua caminhada elaborada e manca lhe tornaria mais fácil escapar-se e deixá-lo a quilômetros atrás. Pois Syme antes de qualquer coisa tinha ânsia de se livrar de toda a atmosfera venenosa, mesmo que apenas por uma hora. Assim poderia organizar seus pensamentos, formular sua política e decidir finalmente se deveria ou não manter a fé em Gregory.

Afastou-se pela neve dançante, subiu duas ou três ruas, desceu por duas ou três outras e entrou em um pequeno restaurante no Soho para almoçar. Tomou parte, pensativo, de quatro pratos pequenos e pitorescos, bebeu meia garrafa de vinho tinto, e por fim, ainda pensativo, um café puro e um charuto preto. Ele havia se sentado no salão superior do restaurante, que estava cheio do tilintar de facas e da tagarelice de estrangeiros. Lembrou-se que nos velhos tempos tinha imaginado que todos esses estrangeiros inofensivos e bondosos fossem anarquistas. Ele estremeceu, lembrando-se do que era a realidade. Mas mesmo o tremor teve a deliciosa vergonha de escapar. O vinho, a comida comum, o lugar familiar, os rostos de homens naturais e faladores, quase o faziam sentir como se o Conselho dos Sete Dias tivesse sido um pesadelo; e embora soubesse que era uma realidade objetiva, pelo menos estava distante. Casas altas e ruas populosas se interpunham entre ele e sua última visão dos vergonhosos sete; ele estava livre

na Londres livre, e bebendo vinho entre os livres. Com uma ação um pouco mais fácil, pegou o chapéu e a bengala e desceu as escadas até a loja abaixo.

Quando entrou no salão, ficou paralisado e enraizado no lugar. Em uma mesinha, perto da janela vazia e da rua branca de neve, estava sentado o velho Professor anarquista sobre um copo de leite, com o rosto lívido levantado e as pálpebras pendentes. Por um instante, Syme ficou tão rígido quanto a bengala em que se apoiava. Então, com um gesto de pressa casual, ele passou pelo Professor, abrindo a porta e batendo-a atrás de si, e ficou do lado de fora na neve.

“Estará aquele velho cadáver a seguir-me?” perguntou a si mesmo, mordendo o bigode amarelo. “Fiquei muito tempo naquele salão, para que até pés de chumbo pudessem me alcançar. Um conforto é, com uma caminhada rápida, posso colocar um homem assim tão longe quanto Tombuctu. Ou sou muito fantasioso? Estará realmente a seguir-me? Certamente Domingo não seria um tolo a ponto de enviar um homem coxo, seria?”

Ele partiu em um ritmo acelerado, girando e girando sua bengala, na direção de Covent Garden. Enquanto cruzava o grande mercado, a neve aumentava, tornando-se ofuscante e confusa à medida que a tarde começava a escurecer. Os flocos de neve o atormentavam como um enxame de abelhas prateadas. Entrando em seus olhos e barba, acrescentando sua ininterrupta futilidade a seus nervos já irritados; e quando chegou em ritmo acelerado ao início da Fleet Street, perdeu a paciência e, encontrando uma casa de chá dominical, entrou nela para se abrigar. Pediu outra xícara de café preto como desculpa. Mal o tinha feito, quando o Professor de Worms entrou mancando pesadamente na loja, sentou-se com dificuldade e pediu um copo de leite.

A bengala de Syme caíra de sua mão com um grande estrondo, revelando o aço oculto. Mas o Professor não olhou

em volta. Syme, que normalmente era um personagem calmo, estava literalmente boquiaberto como um rústico impressionado com um truque de mágica. Ele não tinha visto nenhuma carruagem a segui-lo; ele não ouvira nenhuma roda fora da loja; para todas as aparências mortais, o homem viera a pé. Mas o velho só conseguia andar como uma lesma e Syme caminhava como o vento. Ele se levantou e agarrou sua bengala, meio maluco com a contradição da mera aritmética, e saiu pela porta de vaivém, deixando o café intocado. Um ônibus indo até Bank passou chacoalhando com uma rapidez incomum. Ele deu uma corrida violenta de cem metros para alcançá-lo; mas conseguiu saltar, balançando no para-lama e, parando por um instante para ofegar, subiu até o topo.

Virando-se bruscamente, ele viu subindo cada vez mais alto nos degraus do ônibus uma cartola suja e pingando neve, e sob a sombra de sua aba o rosto míope e os ombros trêmulos do Professor de Worms, que se sentou com o cuidado característico e se envolveu até o queixo na manta impermeável.

Cada movimento da figura cambaleante e das mãos vagas do velho, cada gesto incerto e cada pausa tomada pelo pânico pareciam colocar fora de questão que ele estava desamparado, que estava na última debilidade do corpo. Ele se movia centímetros, se abaixava com pequenos suspiros de cautela. E, no entanto, a menos que as entidades filosóficas chamadas tempo e espaço não tenham vestígio mesmo de uma existência prática, parecia bastante inquestionável que ele havia corrido atrás do ônibus.

Syme pôs-se ereto sobre o carro oscilante e, depois de olhar desesperadamente para o céu invernal, que ficava cada vez mais sombrio, desceu correndo os degraus. Ele reprimiu um impulso elementar de pular para a calçada.

Muito confuso para olhar para trás ou raciocinar, ele correu para um dos pequenos pátios ao lado da Fleet Street como um coelho corre para um buraco. Tinha uma

vaga ideia, se aquele incompreensível fantoche velho o estava realmente perseguindo, que naquele labirinto de ruelas logo poderia afastá-lo do rastro. Ele mergulhou dentro e fora daquelas vielas tortuosas, que mais pareciam rachaduras do que vias públicas; e quando completou cerca de vinte esquinas alternadas traçando um polígono impensável, ele parou para ouvir qualquer som de perseguição. Não havia nenhum; de qualquer forma, não poderia ter havido muitos, pois as ruelas estavam densas com a neve silenciosa. Em algum lugar atrás do Red Lion Court, no entanto, notou um ponto onde algum cidadão enérgico havia removido a neve por um espaço de cerca de vinte metros, deixando à vista as pedras úmidas e brilhantes do calçamento. Ele pensou pouco nisso ao passar por ali, apenas mergulhando em mais um braço do labirinto. Mas quando algumas centenas de metros adiante ele parou novamente para escutar, seu coração também parou, pois ouviu daquele espaço de pedras ásperas o barulho da muleta e os pés laboriosos do aleijado infernal.

O céu acima estava carregado com nuvens de neve, deixando Londres em uma escuridão e opressão prematura para aquela hora da noite. De cada lado de Syme, as paredes do beco eram cegas e inexpressivas; não havia janela pequena ou qualquer tipo de abertura. Ele sentiu um novo impulso de sair dessa colmeia de casas e entrar mais uma vez na rua aberta e iluminada por lâmpadas. Mesmo assim, divagou e se esquivou por um longo tempo antes de atingir a via principal. Quando fez isso, ele a atingiu muito mais longe do que imaginava. Ele saiu para o que parecia ser o vasto e vazio de Ludgate Circus e viu a Catedral de St. Paul projetando-se no céu.

A princípio, ele ficou surpreso ao encontrar essas grandes ruas tão vazias, como se uma pestilência tivesse varrido a cidade. Então disse a si mesmo que certo grau de vazio era natural; primeiro porque a tempestade de neve era perigosamente profunda e, segundo, porque era

domingo. E com a palavra domingo ele mordeu o lábio; a palavra seria dali em diante um trocadilho indecente. Sob a névoa branca de neve no alto do céu, toda a atmosfera da cidade se transformou em um tipo muito estranho de crepúsculo verde, como um mundo submarino. O pôr do sol selado e taciturno atrás da cúpula escura de St. Paul tinha cores esfumadas e sinistras — cores de verde doentio, vermelho sem vida ou bronze em decomposição, que eram brilhantes o suficiente para enfatizar a sólida brancura da neve. Mas, exatamente contra essas cores sombrias, erguia-se a massa negra da catedral; e no topo da catedral havia um respingo aleatório e uma grande mancha de neve, ainda agarrada como a um pico alpino. Ela havia caído acidentalmente, mas apenas caído a ponto de cobrir a cúpula pela metade, de seu ponto mais alto, e destacar em prata perfeita o grande orbe e a cruz. Quando Syme viu esta, endireitou-se subitamente e fez uma saudação involuntária com a bengala.

Ele sabia que aquela figura maligna, sua sombra, estava rastejando rápida ou lentamente atrás dele, e não se importava. Parecia ser um símbolo da fé e valor humano que enquanto os céus escureciam, aquele lugar elevado da terra brilhava. Os demônios podem ter capturado o céu, mas ainda não capturaram a cruz. Ele teve um novo impulso de arrancar o segredo daquele dançante, saltitante e perseguidor paralítico; e à entrada do pátio que dava para a Ludgate Circus, ele se virou, com a bengala na mão, para enfrentar seu perseguidor.

O Professor de Worms dobrou lentamente a esquina do beco irregular atrás dele, sua forma não natural delineada contra uma lâmpada a gás solitária, lembrando irresistivelmente aquela figura muito imaginativa nas canções de ninar, “o homem torto que andou uma milha tortuosa”. Ele realmente parecia ter sido retorcido pelas ruas tortuosas que tinha atravessado. Chegando mais perto e mais perto, a luz da lamparina brilhando em seus óculos

levantados, seu rosto erguido e paciente. Syme esperava por ele como São Jorge esperou pelo dragão, como um homem espera por uma explicação final ou pela morte. E o velho Professor aproximou-se dele e passou como se fosse um completo estranho, sem nem mesmo piscar as pálpebras tristes.

Algo nessa inocência silenciosa e inesperada deixou Syme numa fúria final. O rosto e as maneiras sem cor do homem pareciam afirmar que todo o seguimento fora um acidente. Syme foi galvanizado por uma energia que estava entre a amargura e uma explosão de escárnio infantil. Fez um gesto selvagem como se fosse tirar o chapéu do velho, gritou algo como “Pegue-me se puder”, e saiu correndo pela clara e ampla Ludgate Circus. A ocultação era impossível agora; e olhando por cima do ombro, podia ver a figura escura do velho cavalheiro vindo atrás dele com passadas largas e oscilantes, como um homem ganhando uma corrida de um quilômetro. Mas a cabeça daquele corpo saltitante ainda era pálida, séria e profissional, como a cabeça de um conferencista sobre o corpo de um arlequim.

Essa perseguição ultrajante cruzou Ludgate Circus, subiu Ludgate Hill, contornou a Catedral de St. Paul, ao longo de Cheapside, e Syme lembrando-se de todos os pesadelos que já tivera. Em seguida Syme fugiu em direção ao rio e acabou quase nas docas. Ele viu as vidraças amarelas de uma taverna baixa e iluminada, atirou-se para dentro dela e pediu uma cerveja. Era uma taverna imunda, salpicada de marinheiros estrangeiros, um lugar onde o ópio podia ser fumado e navalhas serem sacadas.

Um momento depois, o Professor de Worms entrou no local, sentou-se com cuidado e pediu um copo de leite.

CAPÍTULO VIII

O PROFESSOR EXPLICA

Quando Gabriel Syme se viu finalmente instalado em uma cadeira, e diante dele, fixo e definitivo também, as sobrancelhas erguidas e as pálpebras pesadas do Professor, seus medos voltaram totalmente. Afinal, esse homem incompreensível do feroz conselho certamente o havia perseguido. Se o homem tivesse um personagem como paralítico e outro como perseguidor, a antítese poderia torná-lo mais interessante, mas dificilmente mais calmante. Seria um conforto muito pequeno que ele não pudesse descobrir o Professor, se por algum acidente grave o Professor o descobrisse. Syme esvaziou uma caneca inteira de cerveja antes que o Professor tocasse no leite.

Uma possibilidade, entretanto, o manteve esperançoso e ainda indefeso. Era bem possível que esta escapada significasse algo além de uma leve suspeita. Talvez fosse alguma forma ou sinal regular. Talvez a correria tola fosse algum tipo de sinal amigável que ele deveria ter entendido. Talvez fosse um ritual. Talvez o novo Quinta-Feira sempre tenha sido perseguido ao longo de Cheapside, já que o novo Lord Mayor é sempre escoltado ao longo dela. Ele estava apenas selecionando uma investigação provisória, quando o velho Professor defronte simplesmente o interrompeu. Antes que Syme pudesse fazer a primeira pergunta diplomática, o velho anarquista perguntou de repente, sem qualquer tipo de preparação:

“Você é um policial?”

Independentemente do que Syme esperava, ele nunca esperou algo tão brutal e real como aquilo. Mesmo sua grande presença de espírito só conseguiu responder com um ar de jocosidade um tanto desajeitada.

“Um policial?” disse ele, rindo vagamente. “O que te fez pensar em um policial relacionado a mim?”

“O processo foi bastante simples”, respondeu o Professor pacientemente. “Achei que você parecia um policial. E continuo achando agora.”

“Eu tirei um chapéu de policial por engano do restaurante?” perguntou Syme, sorrindo freneticamente. “Por acaso eu tenho um número preso a mim em algum lugar? Minhas botas têm aquela aparência vigilante? Por que eu devo ser um policial? Deixe, deixe-me ser um carteiro.”

O velho Professor abanou a cabeça com uma gravidade que não dava esperanças, mas Syme continuou com uma ironia febril.

“Mas talvez eu tenha entendido mal as delícias de sua filosofia alemã. Talvez policial seja um termo relativo. Em um sentido evolucionário, senhor, o macaco se transforma tão gradualmente em policial, que eu mesmo nunca consigo detectar a sombra. O macaco é apenas o policial que poderia ser. Talvez uma donzela em Clapham Common seja apenas o policial que poderia ter sido. Não me importo de ser o policial que poderia ter sido. Não me importo de ser nada no pensamento alemão.”

“Você está no serviço de polícia?” disse o velho, ignorando todas as zombarias improvisadas e desesperadas de Syme. “Você é um detetive?”

O coração de Syme transformou-se em pedra, mas o seu rosto nunca mudou.

“Sua sugestão é ridícula”, ele começou. “Por que diabos...”

O velho bateu com a mão paralisada com veemência na mesa frágil, quase a quebrando.

“Não me ouviu fazer uma pergunta simples, seu espião tagarela?” ele gritou em uma voz alta e decrépita. “Você é, ou não, um detetive de polícia?”

“Não!” respondeu Syme, como um homem à beira do abismo.

“Você jura”, disse o velho, inclinando-se até ele, seu rosto morto tornando-se, por assim dizer, repulsivamente vivo. “Você jura? Jura? Se jurar falsamente, irá se condenar! Você quer que o diabo dance no seu funeral? Você quer que o pesadelo pouse no seu túmulo? Será que realmente não haverá engano? Você é um anarquista, você é um dinamitista? Acima de tudo, você é ou não é um detetive? Você está ou não na polícia britânica?”

Ele inclinou o cotovelo anguloso sobre a mesa, e colocou sua grande mão solta como uma aba em sua orelha.

“Não sou da polícia britânica”, disse Syme com uma calma insana.

O Professor de Worms caiu para trás em sua cadeira com um curioso ar de colapso gentil.

“É uma pena”, disse ele, “porque eu sou.”

Syme saltou em linha reta, derrubando o banco atrás dele com um estrondo.

“Porque você é o quê?” ele disse densamente. “Você é o que?”

“Eu sou um policial”, disse o Professor com seu primeiro sorriso largo e radiante através de seus óculos. “Mas como você acha que *policial* é apenas um termo relativo, é claro que não tenho nada a ver consigo. Estou na polícia Britânica; mas como você me disse que não está na mesma, só posso dizer que o conheci em um clube de dinamiteiros. Suponho que devo prendê-lo.” E com essas palavras ele colocou sobre a mesa diante de Syme um fac-símile exato do cartão azul que Syme tinha no bolso do colete, o símbolo de seu poder na polícia.

Syme teve por um instante a sensação de que o cosmos tinha virado exatamente de cabeça para baixo, que todas as árvores cresciam para baixo e que todas as estrelas estavam sob seus pés. Então veio lentamente a convicção oposta. Nas últimas vinte e quatro horas, o cosmos estivera realmente de cabeça para baixo, mas agora o universo tinha virado de cabeça para cima novamente. Esse demônio de quem ele havia fugido o dia todo era apenas um irmão mais velho de sua própria casa, que do outro lado da mesa se recostou e riu dele. No momento, ele não fez perguntas detalhadas; só sabia o fato feliz e bobo de que essa sombra, que o perseguira com uma opressão de perigo intolerável, era apenas a sombra de um amigo tentando alcançá-lo. Ele sabia que ao mesmo tempo era um tolo e um homem livre. Pois, com qualquer recuperação da morbidade, deve haver uma certa humilhação saudável. Chega um certo ponto em tais condições quando apenas três coisas são possíveis: primeiro, uma perpetuação do orgulho satânico, em segundo lugar lágrimas e terceiro o riso. O egoísmo de Syme se manteve firme à primeira por alguns segundos, e de repente adotou a terceira. Tirando seu próprio cartão azul da polícia do bolso do colete, ele o jogou sobre a mesa; em seguida jogou a cabeça para trás até que a ponta de sua barba amarela quase apontou para o teto, e berrou com uma risada bárbara.

Mesmo naquele covil compacto, perpetuamente preenchido com o barulho de facas, pratos, latas, vozes clamorosas, lutas repentinas e debandadas, havia algo de homérico na alegria de Syme que fez muitos homens meio embriagados olharem em volta.

“Do que está rindo, chefe?” perguntou um trabalhador curioso das docas.

“De mim mesmo”, respondeu Syme, e mergulhou novamente na agonia de sua reação extática.

“Controle-se”, disse o Professor, “ou ficará histérico. Beba um pouco mais de cerveja. Eu te acompanho.”

“Você ainda não bebeu leite”, disse Syme.

“Meu leite!” disse o outro, em tom de desprezo fulminante e insondável: “Meu leite! Você acha que eu olho para essas coisas bestiais quando estou fora da vista dos malditos anarquistas? Somos todos cristãos nesta sala, embora talvez”, acrescentou, olhando em volta para a multidão cambaleante, “não rigorosos. Terminar meu leite? Grandes demônios! sim, vou terminá-lo!”, e derrubou o copo da mesa, fazendo um estilhaço de vidro e espirrando um fluido prateado.

Syme o olhava com uma curiosidade feliz.

“Agora entendo”, gritou ele; “claro, você não é nem um pouco velho.”

“Não posso arrancar minha cara aqui”, respondeu o Professor de Worms. “É uma maquiagem bastante elaborada. Se eu sou um homem velho, não cabe a mim dizer. Eu fiz trinta e oito anos no meu último aniversário.”

“Sim, mas quero dizer”, disse Syme com impaciência, “não há nada de errado com você.”

“Sim”, respondeu o outro desapaixonadamente. “Estou sujeito a resfriados.”

A risada de Syme diante de tudo isso teve uma grande fraqueza de alívio. Ele riu da ideia do Professor paralítico ser, na verdade, um jovem ator vestido como se fosse encarar as luzes da ribalta. Mas sentiu que teria rido igualmente alto se um pote de pimenta tivesse caído.

O falso Professor bebeu e enxugou sua barba falsa.

“Você sabia”, perguntou ele, “que aquele homem, Gogol, era um de nós?”

“Eu? Não, não sabia”, respondeu Syme com alguma surpresa. “Mas você também não?”

“Eu não sabia mais do que os mortos”, respondeu o homem que se autodenominava de Worms. “Achei que o Presidente estava falando sobre mim e estremeci.”

“E pensei que ele estava falando de mim”, disse Syme, com sua risada um tanto imprudente. “Eu estava com a

mão no revólver o tempo todo.”

“Eu também”, disse o Professor severamente; “Gogol também, evidentemente.”

Syme atingiu a mesa com uma exclamação.

“Ora, éramos três lá!” ele gritou. “Três em sete é um número de luta. Se soubéssemos que éramos três!”

O rosto do Professor de Worms escureceu, e não ergueu os olhos.

“Éramos três”, disse ele. “Se fôssemos trezentos, ainda não poderíamos ter feito nada.”

“Nem se fôssemos trezentos contra quatro?” perguntou Syme, zombando bastante.

“Não”, disse o Professor com sobriedade, “nem se fôssemos trezentos contra Domingo.”

E o simples nome deixou Syme frio e sério; sua risada morreu em seu coração antes de morrer em seus lábios. O rosto do inesquecível Presidente surgiu em sua mente tão surpreendente quanto uma fotografia colorida, e ele observou essa diferença entre Domingo e todos os seus satélites, que seus rostos, por mais ferozes ou sinistros, foram gradualmente borrados pela memória como outros rostos humanos, enquanto os de Domingo parecia tornar-se mais real durante a ausência, como se o retrato pintado de um homem lentamente ganhasse vida.

Os dois ficaram em silêncio por alguns instantes, em seguida a fala de Syme veio com ímpeto, como a súbita espuma de champanhe.

“Professor”, exclamou ele, “é intolerável. Você tem medo deste homem?”

O Professor ergueu as pálpebras pesadas e fitou Syme com uns grandes olhos azuis bem abertos de uma honestidade quase etérea.

“Sim, tenho”, ele disse suavemente. “E você também.”

Syme ficou mudo por um instante. Então se pôs de pé, como um homem insultado, e empurrou a cadeira para longe dele.

“Sim”, disse com uma voz indescritível, “você tem razão. Tenho medo dele. Portanto, juro por Deus que vou procurar este homem a quem temo, até o encontrar e bater-lhe na boca. Se o céu fosse seu trono e a terra seu escabelo, juro que o derrubaria.”

“Como?” perguntou o Professor olhando. “Por quê?”

“Porque tenho medo dele”, disse Syme; “e nenhum homem deve deixar no universo algo de que tenha medo.”

De Worms piscou para ele com uma espécie de espanto cego. Fez um esforço para falar, mas Syme continuou em voz baixa, porém com uma corrente de exaltação desumana:

“Quem condescenderia em derrubar as simples coisas que não teme? Quem se rebaixaria a ser meramente corajoso, como qualquer pugilista comum? Quem se rebaixaria para não ter medo — como uma árvore? Lute contra aquilo que você teme. Você se lembra da velha história do clérigo inglês que deu a última cerimônia ao bandido da Sicília, e como em seu leito de morte o grande ladrão disse: ‘Não posso lhe dar dinheiro, mas posso lhe dar conselhos para o resto da vida: seu polegar na lâmina e golpeie para cima.’ Portanto, eu digo a você, golpeie para cima, se você atacar as estrelas.”

O outro olhou para o teto, um dos truques de sua pose.

“Domingo é uma estrela fixa”, disse ele.

“Você o verá como uma estrela cadente”, disse Syme, pondo o chapéu.

A decisão de seu gesto fez com que o Professor se levantasse vagamente.

“Você tem alguma ideia”, perguntou ele, com uma espécie de perplexidade benevolente, “para onde exatamente está indo?”

“Sim”, respondeu brevemente Syme, “vou impedir que aquela bomba seja lançada em Paris.”

“Você tem alguma concepção de como?” perguntou o outro.

“Não”, disse Syme com igual decisão.

“Você se lembra, é claro”, retomou o soi-disant de Worms, cofiando a barba e olhando pela janela, “que quando nos separamos com bastante pressa, todos os preparativos para tal atrocidade foram deixados nas mãos particulares do Marquês e Dr. Bull. O Marquês provavelmente está atravessando o Canal da Mancha agora. Mas para onde ele irá e o que fará é duvidoso que até mesmo o Presidente saiba; certamente nós não sabemos. O único homem que sabe é o Dr. Bull.”

“Maldição!” exclamou Syme. “E não sabemos onde ele está.”

“Sim”, disse o outro com seu jeito curioso e distraído, “eu mesmo sei onde ele está.”

“Você vai me contar?” perguntou Syme com olhos ansiosos.

“Vou levá-lo lá”, respondeu o Professor, e tirou seu chapéu de um cabide.

Syme ficou o olhando com uma espécie de excitação rígida.

“O que você quer dizer?” perguntou bruscamente. “Você vai se juntar a mim? Vai correr o risco?”

“Jovem”, disse o Professor agradavelmente, “me diverti ao observar que você me acha um covarde. Quanto a isso, direi apenas uma palavra, e será inteiramente à maneira de sua própria retórica filosófica. Você pensa que é possível derrubar o Presidente. Sei que é impossível, mas vou tentar”, e abrindo a porta da taverna, que deixou entrar um sopro de ar amargo, saíram juntos para as ruas escuras junto às docas.

A maior parte da neve havia derretido ou se transformado em lama, mas aqui e ali um montinho ainda parecia cinza em vez de branco na escuridão. As ruelas eram desleixadas e cheias de poças, que refletiam por acaso as lâmpadas acesas de forma irregular, como fragmentos de algum outro mundo destruído. Syme sentiu-

se quase atordoado ao passar por essa confusão crescente de luzes e sombras; mas seu companheiro caminhava com certa vivacidade até onde, no final da rua, um pedaço do rio iluminado por lâmpadas parecia uma barra de fogo.

“Onde você vai?” Syme perguntou.

“Agora mesmo”, respondeu o Professor, “vou dobrar a esquina para ver se o Dr. Bull já foi para a cama. Ele é bem higiênico e se deita cedo.”

“Dr. Bull!” exclamou Syme. “Ele mora na esquina?”

“Não”, respondeu o amigo. “Na verdade, ele mora um pouco longe, do outro lado do rio, mas podemos dizer daqui se ele já se deitou.”

Virando a esquina enquanto falava e de frente para o rio escuro, salpicado de chamas, ele apontou com sua bengala para a outra margem. Nesse ponto, do lado de Surrey, corria para o Tâmisa, parecendo quase se projetar, uma massa e um aglomerado desses cortiços altos, pontilhados de janelas iluminadas, e elevando-se como chaminés de fábrica a uma altura quase insana. Seu porte e posição especiais faziam com que um bloco de edifícios se parecesse especialmente uma Torre de Babel com uma centena de olhos. Syme nunca tinha visto nenhum dos edifícios gigantescos da América, por isso só conseguia pensar naqueles edifícios em sonhos.

Enquanto olhava fixamente, a luz mais alta daquela torre incontavelmente iluminada apagou-se abruptamente, como se aquele Argus negro lhe tivesse piscado com um de seus inúmeros olhos.

O Professor de Worms girou nos calcanhares e bateu com a bengala na bota.

“Estamos muito atrasados”, disse ele, “o higiênico doutor já foi para a cama.”

“O que você quer dizer?” perguntou Syme. “Ele mora lá, então?”

“Sim”, disse de Worms, “atrás daquela janela em particular que você não pode ver. Venha e jante comigo.

Devemos visitá-lo amanhã de manhã.”

Sem mais negociações, ele liderou o caminho por vários atalhos até atingirem o clarão e o clamor da East India Dock Road. O Professor, que parecia conhecer o bairro, dirigiu-se a um lugar onde a fila de lojas iluminadas caía em uma espécie de crepúsculo abrupto e sossegado, em que uma velha pousada branca, totalmente em mau estado, situada a uns seis metros da rua.

“Você pode encontrar boas pousadas inglesas deixadas por acaso em todos os lugares, como fósseis”, explicou o Professor. “Certa vez, encontrei um lugar decente no West End.”

“Suponho”, disse Syme, sorrindo, “que este é o lugar decente correspondente no East End?”

“É”, disse o Professor reverentemente, e entrou.

Naquele lugar eles jantaram e dormiram, ambos muito bem. As ervilhas e o bacon, que aquelas pessoas inexplicáveis cozinhavam bem, a surpreendente saída de um Borgonha de suas adegas, coroaram a sensação de Syme de uma nova camaradagem e conforto. Através de toda essa provação, seu horror principal havia sido o isolamento, e não há palavras para expressar o abismo entre o isolamento e ter um aliado. Pode ser concedido aos matemáticos que quatro é duas vezes dois. Mas dois não é duas vezes um; dois são duas mil vezes um. É por isso que, apesar de uma centena de desvantagens, o mundo sempre retornará à monogamia.

Syme foi capaz de contar pela primeira vez toda a sua história ultrajante, desde a época em que Gregory o levou para a pequena taberna perto do rio. Fez isso ociosa e amplamente, em um monólogo exuberante, como um homem fala com velhos amigos. Por seu lado, também, o homem que se passara pelo Professor de Worms não era menos comunicativo. Sua própria história era quase tão boba quanto a de Syme.

“É um bom disfarce o seu”, disse Syme, esvaziando um copo de Macon; “muito melhor que o do velho Gogol. Mesmo no começo eu achei que ele era um pouco cabeludo.”

“Uma diferença de teoria artística”, respondeu o Professor pensativamente. “Gogol era um idealista. Ele se inventou como o ideal abstrato ou platônico de um anarquista. Mas eu sou um realista. Sou um pintor de retratos. Mas, na verdade, dizer que sou um pintor de retratos é uma expressão inadequada. Eu sou um retrato.”

“Não te entendo”, disse Syme.

“Sou um retrato”, repetiu o Professor. “Sou um retrato do célebre Professor de Worms, que está, creio eu, em Nápoles.”

“Você quer dizer que você é feito como ele”, disse Syme. “Mas ele não sabe que você está tomando a fuça dele em vão?”

“Ele sabe disso com certeza”, respondeu o amigo alegremente.

“Então por que ele o denuncia?”

“Eu o denunciei”, respondeu o Professor.

“Explique-se”, disse Syme.

“Com prazer, se você não se importa em ouvir minha história”, respondeu o eminente filósofo estrangeiro. “Sou ator de profissão e meu nome é Wilks. Quando estava no palco, misturei-me com todos os tipos de companhia boêmia e de patifes. Às vezes, as corridas de cavalo, às vezes a ralé das artes, e ocasionalmente, os refugiados políticos. Em algum covil de sonhadores eLivross, fui apresentado ao grande filósofo niilista alemão, o Professor de Worms. Não colhi muito sobre ele além de sua aparência, que era muito nojenta e que estudei cuidadosamente. Compreendi que ele havia provado que o princípio destrutivo do universo era Deus; portanto, ele insistiu na necessidade de uma energia furiosa e incessante, destruindo todas as coisas em pedaços. Energia, dizia ele,

era tudo. Ele era coxo, míope e parcialmente paralítico. Quando o conheci, estava com um humor frívolo, desgostei tanto dele que resolvi imitá-lo. Se eu fosse um desenhista, teria feito uma caricatura. Eu era apenas um ator, só conseguia representar uma caricatura. Transformei-me no que era para ser um exagero selvagem da velha persona suja do velho Professor. Quando entrei na sala cheia de seus apoiadores, esperava ser recebido com uma gargalhada ou (se estivessem muito longe) com um rugido de indignação pelo insulto. Não consigo descrever a surpresa que senti quando minha entrada foi recebida com um silêncio respeitoso, seguido (quando abri os lábios pela primeira vez) com um murmúrio de admiração. A maldição do artista perfeito caiu sobre mim. Eu tinha sido muito sutil, muito verdadeiro. Eles pensaram que eu realmente era o grande Professor niilista. Eu era um jovem de espírito saudável na época e confesso que foi um golpe. Antes que eu pudesse me recuperar totalmente, no entanto, dois ou três desses admiradores correram até mim irradiando indignação e me disseram que um insulto público fora lançado contra mim na sala ao lado. Eu perguntei sua natureza. Parecia que um sujeito impertinente havia se fantasiado de uma paródia absurda de mim mesmo. Eu tinha bebido mais champanhe do que era bom para mim e, num lampejo de loucura, decidi ver a situação passar. Consequentemente, foi para encontrar o olhar intenso da assembleia e minhas próprias sobrancelhas levantadas e olhos congelados quando o verdadeiro Professor entrou na sala.

“Nem preciso dizer que houve uma colisão. Os pessimistas ao meu redor olhavam ansiosamente de um Professor para o outro, para ver qual era realmente o mais fraco. Mas eu ganhei. Um homem velho com a saúde debilitada, como meu rival, não poderia ser de se esperar que fosse tão impressionantemente fraco como um jovem ator no auge da vida. Veja, ele realmente tinha paralisia e,

trabalhando dentro dessa limitação definitiva, não poderia ser tão paralítico quanto eu. Então ele tentou explodir minha reivindicação intelectualmente. Eu rebati aquilo com uma esquiva muito simples. Sempre que ele dizia algo que ninguém além dele poderia entender, eu respondia com algo que eu mesmo não conseguia entender. ‘Não imagino’, disse ele, ‘que você pudesse ter elaborado o princípio de que a evolução é apenas negação, uma vez que é inerente a ela a introdução de lacunas, que são um elemento essencial da diferenciação.’ Respondi com desdém: ‘Você leu tudo isso em Pinckwerts; a noção de que a involução funcionava eugenicamente foi exposta há muito tempo por Glumpe.’ É desnecessário dizer que nunca existiram pessoas como Pinckwerts e Glumpe. Mas as pessoas ao redor (para minha surpresa) pareciam se lembrar deles muito bem, e o Professor, descobrindo que o método erudito e misterioso o deixava à mercê de um inimigo ligeiramente deficiente em escrúpulos, recorreu a uma forma mais popular de sagacidade. ‘Entendo’, zombou ele, ‘você prevalece como o porco falso em Esopo.’ ‘E você falha’, eu respondi, sorrindo, ‘como o ouriço em Montaigne.’ É preciso dizer que não há ouriço em Montaigne? ‘Seu artifício caiu’, disse ele; ‘também a sua barba.’ Eu não tinha uma resposta inteligente para isso, o que era muito verdadeiro e bastante espirituoso. Mas eu ri muito, e respondi , ‘Como as botas do panteísta’, ao acaso, e girei em meus calcanhares com todas as honras da vitória.. O verdadeiro Professor foi expulso, mas não com violência, embora um homem tenha tentado pacientemente arrancar seu nariz. Ele é agora, creio eu, recebido em toda a Europa como um impostor encantador. Sua aparente seriedade e raiva, você vê, o tornam ainda mais divertido.”

“Bem”, disse Syme, “posso entender que você tenha posto essa barba velha e suja para uma brincadeira noturna, mas não entendo que nunca mais a tire.”

“Esse é o resto da história”, disse o imitador. “Quando eu mesmo deixei a assembleia, seguido de aplausos reverentes, saí mancando pela rua escura, na esperança de estar longe o suficiente para poder andar como um ser humano. Para meu espanto, ao virar a esquina, Senti um toque no ombro e, virando-me, me vi sob a sombra de um enorme policial. Ele me disse que eu era procurado. Tive uma atitude meio paralítica e gritei com forte sotaque alemão: ‘Sim, sou procurado pelos oprimidos do mundo. Você está me prendendo sob a acusação de ser o grande anarquista, Professor de Worms.’ O policial consultou impassivelmente um papel em sua mão, ‘Não, senhor’, disse ele civilizadamente, ‘pelo menos, não exatamente, senhor. Estou te prendendo sob a acusação de não ser o célebre anarquista, Professor de Worms.’ Esta acusação, se fosse mesmo criminosa, era certamente a mais leve das duas, e concordei com o homem, duvidoso, mas não muito desanimado. Fui conduzido a várias salas e, finalmente, à presença de um policial, que explicou que uma séria campanha havia sido aberta contra os centros da anarquia, e que este, meu disfarce bem-sucedido, poderia ser de valor considerável para a segurança pública. Ele me ofereceu um bom salário e este pequeno cartão azul. Embora nossa conversa tenha sido curta, ele me pareceu um homem de grande senso comum e humor; mas eu não posso dizer muito sobre ele pessoalmente, porque...”

Syme largou o garfo e a faca.

“Eu sei”, disse ele, “porque você falou com ele num quarto escuro.”

O Professor de Worms assentiu e esvaziou seu copo.

CAPÍTULO IX

O HOMEM DE ÓCULOS

“O Borgonha é algo animador”, disse o Professor tristemente, enquanto pousava o copo.

“Você não parece estar”, disse Syme; “você bebe como se fosse um remédio.”

“Você deve desculpar minha atitude”, disse o Professor tristemente, “minha posição é bastante curiosa. Por dentro estou realmente explodindo de alegria infantil; mas agi tão bem como o paralítico Professor que agora não posso parar. Mesmo quando estou entre amigos e não preciso me disfarçar, ainda não consigo deixar de falar devagar e franzir a testa — como se fosse minha testa. Posso ser muito feliz, você entende, mas apenas em uma forma paralisante. As exclamações mais alegres saltam no meu coração, mas saem da minha boca bastante diferente. Você deveria me ouvir dizer: ‘Anime-se, velho idiota!’ Isso traria lágrimas aos seus olhos.”

“É verdade”, disse Syme; “mas não posso deixar de pensar que, além de tudo isso, você está realmente um pouco preocupado.”

O Professor se assustou um pouco e olhou-o com firmeza.

“Você é um sujeito muito inteligente”, disse ele, “é um prazer trabalhar com você. Sim, tenho uma nuvem bastante pesada sobre minha cabeça. Há um grande problema a

enfrentar”, e ele afundou a testa careca em suas duas mãos.

Então disse em voz baixa:

“Você sabe tocar piano?”

“Sim”, disse Syme, simplesmente maravilhado, “devo ter um bom toque.”

Em seguida, como o outro não falou, ele acrescentou:

“Eu acredito que a grande nuvem foi levantada.”

Depois de um longo silêncio, o Professor disse da sombra cavernosa de suas mãos:

“Teria sido muito bom se você pudesse trabalhar com uma máquina de escrever.”

“Obrigado”, disse Syme, “você me lisonjeia.”

“Ouça-me”, disse o outro, “e lembre-se de quem temos que ver amanhã. Você e eu vamos tentar algo que é muito mais perigoso do que tentar roubar as joias da coroa de dentro da Torre de Londres. Estamos tentando roubar um segredo de um homem muito astuto, muito forte e muito perverso. Acredito que não haja homem, exceto o Presidente, é claro, que seja tão seriamente surpreendente e formidável quanto aquele sujeitinho sorridente de óculos. Talvez ele não tenha o entusiasmo incandescente *até a morte*, o martírio louco pela anarquia, que marca o Secretário. Mas esse fanatismo no Secretário tem um sofrimento humano e é quase um traço redentor. Porém o pequeno doutor tem uma sanidade brutal que é mais chocante do que a doença do Secretário. Você não percebe sua virilidade e vitalidade detestáveis. Ele salta como uma bola de borracha. Pode acreditar, Domingo não estava dormindo (será que ele dorme?) quando trancou todos os planos deste atentado na cabeça redonda e sombria do Dr. Bull.”

“E você acha”, disse Syme, “que esse monstro único se acalmará se eu tocar piano para ele?”

“Não seja um idiota”, disse seu mentor. “Mencionei o piano porque desenvolve dedos rápidos e independentes.

Syme, se vamos passar por esta entrevista e sairmos sãos ou vivos, devemos ter algum código de sinais entre nós que esse bruto não veja. Eu fiz uma grosseira cifra alfabética correspondendo aos cinco dedos — assim, veja", e ele agitou com os dedos na mesa de madeira — "M A L, mal, uma palavra que podemos exigir com frequência."

Syme serviu-se de outra taça de vinho e começou a estudar o esquema. Ele era anormalmente rápido com seu cérebro em quebra-cabeças e com suas mãos em prestidigitação, e não demorou muito para aprender como poderia transmitir mensagens simples pelo que pareceriam ser batidas ociosas em uma mesa ou no joelho. Mas o vinho e a companhia sempre tinham o efeito de inspirá-lo a uma engenhosidade farsesca, e o Professor logo se viu lutando com a vasta energia da nova linguagem, à medida que ela passava pelo cérebro aquecido de Syme.

"Devemos ter algumas palavras-chave", disse Syme sério — "palavras que provavelmente precisaremos, nuances de significado. Minha palavra favorita é 'coevo'. Qual é a sua?"

"Pare de bancar o tolo", disse o Professor queixosamente. "Você não sabe o quão sério isso é."

"'Viçosa' também", disse Syme, sacudindo a cabeça com ar sagaz, "devemos ter 'viçosa' — palavra aplicada à grama, não sabe?"

"Você imagina", perguntou o Professor furioso, "que vamos conversar com o Dr. Bull sobre grama?"

"Há várias maneiras de abordar o assunto", disse Syme reflexivamente, "e a palavra introduzida sem parecer forçada. Podemos dizer: 'Dr. Bull, como revolucionário, o senhor lembra que um tirano uma vez nos aconselhou a comer grama; e, de fato, muitos de nós, olhando para a grama viçosa e fresca do verão...'"

"Você entende", disse o outro, "que isto é uma tragédia?"

“Perfeitamente”, respondeu Syme; “sempre seja cômico em uma tragédia. O que mais você pode fazer? Gostaria que essa sua linguagem tivesse um escopo mais amplo. Suponho que não poderíamos estendê-lo dos dedos das mãos aos pés? Isso envolveria tirar nossas botas e meias durante a conversa, que embora discretamente realizada...”

“Syme”, disse o amigo com severa simplicidade, “vá para a cama!”

Syme, entretanto, permaneceu sentado por um tempo considerável, dominando o novo código. Ele foi acordado na manhã seguinte, enquanto o leste ainda estava selado com escuridão, e encontrou seu aliado de barba cinza em pé como um fantasma ao lado de sua cama.

Syme sentou-se, piscando; então lentamente reuniu seus pensamentos, afastou as roupas de cama e se levantou. Pareceu-lhe de alguma forma curiosa que toda a segurança e sociabilidade da noite anterior caíram com as roupas de cama, e levantou-se em um ar de perigo gélido. Ele ainda sentia toda a confiança e lealdade para com seu companheiro; mas era a confiança entre dois homens indo para o cadafalso.

“Bem”, disse Syme com uma alegria forçada enquanto vestia as calças, “sonhei com esse seu alfabeto. Você demorou muito para inventá-lo?”

O Professor não respondeu, mas fitou-o à sua frente com olhos da cor de um mar invernal; então Syme repetiu sua pergunta.

“Eu digo, você demorou muito para inventar tudo isso? Eu sou considerado bom nessas coisas, e foi uma boa hora de trabalho. Você aprendeu tudo na hora?”

O Professor ficou em silêncio; seus olhos estavam bem abertos e ele tinha um sorriso fixo, mas muito pequeno.

“Quanto tempo você demorou?”

O Professor não se mexeu.

“Maldito seja, você não pode responder?” gritou Syme, com uma raiva repentina que continha algo como o

medo. Quer o Professor pudesse ou não responder, ele não o fez.

Syme ficou olhando para o rosto áspero como um pergaminho e os olhos azuis e vazios. Seu primeiro pensamento foi que o Professor tinha enlouquecido, mas seu segundo pensamento foi mais assustador. Afinal, o que ele sabia sobre aquela criatura esquisita que aceitara como amiga sem se importar? O que ele sabia, exceto que o homem estivera no desjejum anarquista e lhe contara uma história ridícula? Quão improvável era que houvesse outro amigo ali ao lado de Gogol! O silêncio desse homem foi uma forma sensacional de declarar guerra? Afinal, esse olhar adamantino era apenas o terrível sorriso de um tríplice traidor, que se virara pela última vez? Levantou-se e apurou os ouvidos neste silêncio cruel. Quase imaginou que podia ouvir dinamitistas vindo capturá-lo se movendo suavemente pelo corredor externo.

Então seus olhos se desviaram para baixo e ele começou a rir. Embora o próprio Professor estivesse lá sem voz como uma estátua, seus cinco dedos mudos estavam dançando vivos sobre a mesa morta. Syme observou os movimentos cintilantes da mão falante e leu claramente a mensagem:

“Só vou falar assim. Precisamos nos acostumar.”

Ele respondeu com a impaciência do alívio:

“Tudo bem. Vamos sair para o café da manhã.”

Eles pegaram seus chapéus e bengalas em silêncio; mas quando Syme pegou na bengala, segurou-a com força.

Pararam por alguns minutos apenas para engolir um café e um sanduíche grosso em uma barraca de café, em seguida fizeram seu caminho através do rio, que sob a luz cinzenta e crescente parecia tão desolado quanto Aqueronte. Chegaram ao fundo do enorme bloco de edifícios que tinham visto do outro lado do rio e começaram em silêncio a subir os degraus de pedra numerosos e nus, parando de vez em quando para fazer breves observações na amurada do corrimão. Quase a cada dois lances, eles

passavam por uma janela; cada janela mostrava-lhes um amanhecer pálido e trágico erguendo-se laboriosamente sobre Londres. De cada um dos inúmeros telhados de ardósia pareciam as ondas de chumbo de um mar cinzento e agitado depois da chuva. Syme estava cada vez mais consciente de que sua nova aventura tinha, de alguma forma, uma qualidade de sanidade fria pior do que as aventuras selvagens do passado. Na noite anterior, por exemplo, os cortiços altos pareciam-lhe uma torre em um sonho. Enquanto subia os degraus cansados e perpétuos, ele ficava assustado e perplexo com sua série quase infinita. Mas não era o terror quente de um sonho ou de qualquer coisa que pudesse ser exagero ou ilusão. Seu infinito era mais como o vazio infinito da aritmética, algo impensável, mas necessário ao pensamento. Ou era como as impressionantes declarações da astronomia sobre a distância das estrelas fixas. Ele estava ascendendo à casa da razão, uma coisa mais horrível do que a própria irracionalidade.

Ao chegarem ao andar do Dr. Bull, uma última janela mostrou-lhes um amanhecer branco e áspero orlado com margens de uma espécie de vermelho vulgar, mais como argila vermelha do que nuvem vermelha. E quando entraram no sótão do Dr. Bull, ele estava cheio de luz.

Syme fora assombrado por uma lembrança semi-histórica relacionada com aqueles quartos vazios e aquele amanhecer austero. No momento em que viu o sótão e o Dr. Bull sentado escrevendo a uma mesa, lembrou-se do que era aquela memória — a Revolução Francesa. Deveria haver o contorno preto de uma guilhotina contra aquele pesado vermelho e branco da manhã. O Dr. Bull vestia apenas camisa branca e calças pretas; sua cabeça escura e repartida poderia muito bem ter acabado de sair da cabeleireira; ele poderia ser Marat ou um Robespierre mais desleixado.

No entanto, quando ele foi visto corretamente, a fantasia francesa caiu. Os jacobinos eram idealistas; havia sobre este homem um materialismo assassino. Sua posição dava-lhe uma aparência um tanto nova. A forte luz branca da manhã vindo de um lado criando sombras nítidas, o fez parecer mais pálido e mais anguloso do que ele parecia no desjejum na varanda. Assim, os dois óculos pretos que protegiam seus olhos podiam realmente ser cavidades pretas em seu crânio, fazendo-o parecer a caveira da Morte. E, de fato, se a própria Morte alguma vez se sentasse a escrever a uma mesa de madeira, seria como ele.

Ele olhou para cima e sorriu brilhantemente quando os homens entraram, e se levantou com a rapidez resiliente de que o Professor havia falado. Colocou cadeiras para os dois e, indo até um prendedor atrás da porta, começou a vestir um colete e um casaco de tweed escuro e áspero; ele o abotoou cuidadosamente e voltou a se sentar à sua mesa.

O bom humor silencioso de suas maneiras deixou seus dois oponentes impotentes. Foi com alguma dificuldade momentânea que o Professor quebrou o silêncio e começou: “Sinto incomodá-lo tão cedo, camarada”, disse ele, com uma retomada cuidadosa da lenta maneira de Worms. “Você, sem dúvida, fez todos os preparativos para o caso de Paris?” Em seguida, acrescentou com infinita lentidão: “Temos informações que tornam intolerável qualquer coisa na natureza de um momento de atraso.”

Dr. Bull sorriu novamente, mas continuou a olhar para eles sem falar. O Professor retomou, pausando antes de cada palavra cansada:

“Por favor, não me ache excessivamente abrupto; mas aconselho que altere esses planos, ou se for muito tarde para isso, siga o seu agente com todo o apoio que puder obter para ele. O camarada Syme e eu tivemos uma experiência que levaria mais tempo para explicar do que dispomos, se formos agir sobre isso. Vou, no entanto, relatar a ocorrência em detalhes, mesmo correndo o risco de

perder tempo, se você realmente sentir que é essencial para o entendimento do problema que temos que discutir.”

Ele estava tecendo suas frases, tornando-as intoleravelmente longas e prolongadas, na esperança de enlouquecer o prático doutorzinho em uma explosão de impaciência que pudesse revelar o jogo. Mas o pequeno Doutor continuou apenas a olhar e a sorrir, e o monólogo se tornava um trabalho árduo. Syme começou a sentir um novo enjoo e desespero. O sorriso e o silêncio do Doutor não eram nada parecidos com o olhar cataléptico e o silêncio horrível que ele enfrentara no Professor meia hora antes. Sobre a maquiagem do Professor e todas as suas excentricidades, sempre havia algo meramente grotesco, como um boneco de pano. Syme lembrou-se das terríveis desgraças da véspera como alguém se lembra de ter medo do bicho-papão na infância. Mas aqui estava a luz do dia; ali estava um homem saudável, de ombros quadrados, de tweed, nada estranho exceto pelo fato de seus óculos horríveis, sem olhar furioso ou sorriso irônico, mas sorrindo com firmeza e sem dizer uma palavra. O todo tinha uma sensação de realidade insuportável. Sob a luz do sol crescente, as cores do Doutor, sua compleição, o padrão de seus tweeds, cresciam e se expandiam escandalosamente, à medida que tais coisas se tornam importantes demais em um romance realista. Mas seu sorriso era muito leve, a pose de sua cabeça educada; a única coisa estranha era seu silêncio.

“Como eu disse”, retomou o Professor, como um homem que labuta na areia pesada, “o incidente que nos ocorreu e nos levou a pedir informações sobre o Marquês, é aquele que você pode achar melhor se narrado; mas como veio no caminho do camarada Syme em vez do meu...”

Suas palavras pareciam estar se arrastando como palavras de um hino; mas Syme, que estava observando, viu seus longos dedos chacoalharem rapidamente na beira

da mesa. Ele decifrou a mensagem: “Você deve continuar. Este diabo me sugou até secar!”

Syme mergulhou na brecha com aquela bravata de improvisação que sempre lhe ocorria quando estava alarmado.

“Sim, a coisa realmente aconteceu comigo”, disse ele apressadamente. “Tive a sorte de começar a conversar com um detetive que me considerou, graças ao meu chapéu, uma pessoa respeitável. Desejando conquistar minha reputação de respeitabilidade, peguei e o deixei muito bêbado no Savoy. Sob essa influência ele se tornou amigável e me disse com tantas palavras que dentro de um ou dois dias eles esperavam prender o Marquês na França. Então, a menos que você ou eu possamos seguir seu rastro...”

O Doutor ainda sorria da maneira mais amigável e seus olhos protegidos ainda eram impenetráveis. O Professor sinalizou a Syme que retomaria a explicação, e recomeçou com a mesma calma elaborada.

“Syme imediatamente trouxe essa informação para mim, e viemos aqui juntos para ver que uso você estaria inclinado a fazer dela. Parece-me inquestionavelmente urgente que...”

Todo esse tempo Syme ficou olhando para o Doutor quase tão firmemente quanto o Doutor olhava para o Professor, mas sem sorrir. Os nervos de ambos os camaradas de armas estavam quase à flor da pele sob a tensão da amabilidade imóvel, quando Syme de repente se inclinou para frente e bateu indolentemente na beira da mesa. Sua mensagem para seu aliado foi: “Eu tenho uma intuição.”

O Professor, mal fazendo uma pausa em seu monólogo, sinalizou de volta: “Então sente-se nela.”

Syme telegrafou: “É extraordinária.”

O outro respondeu: “Podridão extraordinária!”

Syme disse: “Sou um poeta.”

O outro respondeu: “Você é um homem morto.”

Syme tinha ficado bastante vermelho até aos cabelos louros e os seus olhos ardiam febrilmente. Como ele disse, ele tinha uma intuição, que se transformou em uma espécie de certeza vertiginosa. Retomando seus toques simbólicos, sinalizou para o amigo: “Você mal percebe como minha intuição é poética. Ela tem aquela qualidade repentina que às vezes sentimos na chegada da primavera.”

Ele então estudou a resposta nos dedos de seu amigo. A resposta foi: “Vá para o inferno!”

O Professor então retomou seu monólogo meramente verbal dirigido ao Doutor.

“Talvez eu deva dizer”, disse Syme entre os dedos, “que se assemelha ao cheiro repentino do mar que se pode encontrar no coração de uma floresta luxuriante.”

Seu companheiro não quis responder.

“Ou ainda”, tocou Syme, “é positivo, assim como o apaixonado cabelo ruivo de uma bela mulher.”

O Professor continuava seu discurso, mas no meio dele Syme decidiu agir. Inclinou-se do outro lado da mesa, e disse em uma voz que não poderia ser negligenciada:

“Dr. Bull!”

A cabeça elegante e sorridente do Doutor não se mexeu, mas podiam jurar que, por baixo dos óculos escuros, os seus olhos se voltaram para Syme.

“Dr. Bull”, disse Syme, com uma voz peculiarmente precisa e cortês, “poderia me fazer um pequeno favor? Poderia fazer a gentileza de tirar os óculos?”

O Professor girou na cadeira e olhou para Syme com uma espécie de fúria congelada de espanto. Syme, como um homem que jogou a vida e a fortuna na mesa, inclinou-se para frente com uma expressão impetuosa. O doutor não se mexeu.

Por alguns segundos, houve um silêncio em que se ouvia um alfinete cair, dividido uma vez pelo único apito de um

navio distante no Tamisa. Em seguida o Dr. Bull levantou-se lentamente, ainda sorrindo, e tirou os óculos.

Syme levantou-se de um salto, recuando um pouco, como um professor de química após uma explosão bem-sucedida. Seus olhos eram como estrelas e, por um instante, ele só conseguia apontar, sem falar.

O Professor também se pôs de pé, esquecido de sua suposta paralisia. Apoiou-se nas costas da cadeira e olhou duvidosamente para o Dr. Bull, como se o Doutor tivesse se transformado em um sapo diante de seus olhos. E de fato foi uma cena de transformação quase tão grande.

Os dois detetives viram sentado na cadeira diante deles um jovem de aparência muito juvenil, com olhos castanhos muito francos e alegres, uma expressão aberta, roupas londrinas como as de um escrivão, e um ar inquestionável de ser um sujeito bom e bastante comum. O sorriso ainda estava lá, mas podia ser o primeiro sorriso de um bebê.

“Eu sabia que era poeta”, exclamou Syme numa espécie de êxtase. “Eu sabia que minha intuição era tão infalível quanto o Papa. Foram os óculos que fizeram isso! Foram os óculos! Dados aqueles olhos negros bestiais, e todo o resto dele, sua saúde e sua aparência alegre, o tornavam uma vida demoníaca entre os mortos.”

“Certamente faz uma diferença estranha”, disse o Professor, trêmulo. “Mas no que diz respeito ao projeto do Dr. Bull...”

“Dane-se o projeto!” rugiu Syme, fora de si. “Olhe para ele! Olhe para o rosto dele, olhe para o colarinho, olhe para as suas botas abençoadas! Você não acha, não é, que aquela coisa é um anarquista?”

“Syme!” gritou o outro em agonia apreensiva.

“Por Deus”, disse Syme, “vou correr o risco sozinho! Dr. Bull, sou um policial. Aqui está o meu cartão”, e atirou o cartão azul sobre a mesa.

O Professor ainda temia que tudo estivesse perdido; mas era leal. Tirou seu próprio cartão oficial e o colocou ao lado

do de Syme. Então o terceiro homem desatou a rir e, pela primeira vez naquela manhã, eles ouviram sua voz.

“Estou muito feliz que vocês tenham chegado tão cedo”, disse ele, com uma espécie de irreverência de colegial, “pois todos podemos partir para a França juntos. Sim, estou na força com certeza”, e sacudiu levemente um cartão azul como uma questão de educação.

Colocando um chapéu-coco na cabeça e retomando seus óculos de goblin, o Doutor moveu-se tão rapidamente em direção à porta que os outros instintivamente o seguiram. Syme parecia um pouco distraído e, ao passar por baixo da porta, de repente bateu com a bengala no corredor de pedra, fazendo-o ecoar.

“Mas, Senhor Deus Todo-Poderoso”, gritou ele, “se estiver tudo bem, havia mais malditos detetives do que dinamitistas no maldito Conselho!”

“Poderíamos ter lutado facilmente”, disse Bull; “éramos quatro contra três.”

O Professor estava descendo as escadas, mas sua voz veio de baixo.

“Não”, disse a voz, “não éramos quatro contra três — não tínhamos tanta sorte. Éramos quatro contra um.”

Os outros desceram as escadas em silêncio.

O jovem chamado Bull, com uma cortesia inocente que o caracterizava, insistiu em ir por último até chegar à rua; mas ali sua própria rapidez robusta se afirmou inconscientemente, e caminhou rapidamente em direção a um escritório de inquérito ferroviário, falando com os outros por cima do ombro.

“É muito bom conseguir alguns amigos”, disse ele. “Eu estive meio morto com os sustos, estando completamente sozinho. Quase lancei os braços em volta de Gogol e o abracei, o que teria sido imprudente. Espero que vocês não me desprezem por ter estado em pânico.”

“Todos os demônios azuis do inferno azul”, disse Syme, “contribuíram para o meu pavor! Mas o pior demônio era

você e seus óculos infernais.”

O jovem riu encantado.

“Não é uma troça?” ele disse. “Uma ideia tão simples — mas não é minha. Eu não tenho cérebro pra isso. Veja, eu queria entrar no serviço de detetive, especialmente na seção antibombas. Mas, para esse propósito, eles queriam alguém que se fantasiasse de dinamitista; e todos juraram que eu nunca poderia parecer um dinamitista. Disseram que meu andar era respeitável e que, visto de trás, parecia a Constituição britânica. Disseram que eu parecia muito saudável e otimista e muito confiável e benevolente; chamavam-me de todos os tipos de nomes na Scotland Yard. Diziam que se eu fosse um criminoso, poderia ter feito minha fortuna por parecer um homem honesto; mas como tinha a infelicidade de ser um homem honesto, não havia nem a mais remota chance de eu ajudá-los parecendo um criminoso. Mas, da última vez, fui levado diante de algum velho palhaço que estava no alto escalão e que parecia não ter o fim da cabeça sobre os ombros. E lá todos os outros conversaram desesperadamente. Um perguntou se uma barba espessa esconderia meu belo sorriso; outro disse que se pintassem meu rosto eu poderia parecer um anarquista negro; mas este velho respondeu com uma observação extraordinária. ‘Um par de óculos escuros bastará’, disse ele positivamente. ‘Olhe para ele agora; parece um office-boy angelical. Coloquem-no um par de óculos esfumados e as crianças vão gritar ao vê-lo.’ E assim foi, por George! Quando meus olhos estavam cobertos, todo o resto, sorriso, ombros largos e cabelos curtos, me fazia parecer um diabinho perfeito. Como disse, foi bastante simples depois de feito, como milagres; mas essa não era a parte realmente milagrosa. Havia uma coisa realmente surpreendente sobre o negócio, e minha cabeça ainda gira para isso.”

“O que é que foi?” perguntou Syme.

“Eu vou te dizer”, respondeu o homem de óculos. “Aquele peixe grande da polícia, que me avaliou para saber como os óculos escuros combinariam com meu cabelo e meias — por Deus, ele nunca chegou a me ver!”

Os olhos de Syme brilharam repentinamente sobre ele.

“Como foi isso?” ele perguntou. “Achei que você tivesse falado com ele.”

“Então eu fiz”, disse Bull brilhantemente; “mas conversamos em uma sala totalmente escura como um depósito de carvão. Lá, você nunca teria imaginado.”

“Eu não poderia ter concebido isso”, disse Syme gravemente.

“É realmente uma ideia nova”, disse o Professor.

O novo aliado era um turbilhão em questões práticas. No escritório de informações, ele perguntou com brevidade profissional sobre os trens para Dover. Tendo obtido suas informações, colocou a companhia em uma carruagem e antes que tivessem percebido adequadamente o processo ofegante colocou a eles e a si mesmo dentro de um vagão de trem. Eles já estavam no barco para Calais antes que a conversa fluísse livremente.

“Já tinha planejado”, explicou ele, “ir para a França para o meu almoço; mas estou muito feliz por ter alguém para almoçar comigo. Veja, eu tive que mandar aquela besta, o Marquês, com sua bomba, porque o Presidente estava de olho em mim, mas Deus sabe como. Eu vou te contar a história algum dia. Era perfeitamente sufocante. Sempre que tentava escapar, via o Presidente em algum lugar, sorrindo pela janela em arco de um clube ou tirando o chapéu para mim do alto de um ônibus. Eu te digo, você pode dizer o que quiser, aquele sujeito se vendeu ao diabo; ele pode estar em seis lugares ao mesmo tempo.”

“Então você mandou o Marquês embora, eu entendo”, perguntou o Professor. “Foi há muito tempo? Chegaremos a tempo de pegá-lo?”

“Sim”, respondeu o novo guia, “marquei tudo. Ele ainda estará em Calais quando chegarmos.”

“Mas quando o pegarmos em Calais”, disse o Professor, “o que vamos fazer?”

Com essa pergunta, o semblante do Dr. Bull caiu pela primeira vez. Ele refletiu um pouco e então disse:

“Teoricamente, suponho, devemos chamar a polícia.”

“Eu não”, disse Syme. “Teoricamente, eu deveria me afogar primeiro. Prometi a um pobre sujeito, que era um verdadeiro pessimista moderno, com minha palavra de honra não contar à polícia. Não tenho jeito para casuística, mas não posso quebrar minha palavra para um pessimista moderno. É como quebrar a palavra de uma criança.”

“Estou no mesmo barco”, disse o Professor. “Eu tentei contar para a polícia e não consegui, por causa de um juramento idiota que fiz. Veja, quando eu era ator, era uma espécie de fera completa. Perjúrio ou traição são os únicos crimes que nunca cometi. Se eu fizesse isso, não saberia a diferença entre certo e errado.”

“Também passei por tudo isso”, disse o Dr. Bull, “e me decidi. Fiz minha promessa ao Secretário — vocês o conhecem, o homem que sorri de cabeça para baixo. Meus amigos, esse homem é o homem mais infeliz de todos os humanos. Pode ser sua digestão, ou sua consciência, ou seus nervos, ou sua filosofia do universo, mas ele está condenado, ele está no inferno! Bem, eu não posso atacar um homem assim e caçá-lo. É como chicotear um leproso. Pode ser maluquice, mas é assim que me sinto; e esse é o fim de tudo.”

“Não acho que você esteja louco”, disse Syme. “Eu sabia que você decidiria assim quando...”

“Hã?” disse o Dr. Bull.

“Quando tirou os óculos pela primeira vez.”

O Dr. Bull sorriu um pouco e caminhou pelo convés para ver o mar ensolarado. Então voltou caminhando, batendo os

calcanhares descuidadamente, e um silêncio amigável caiu entre os três homens.

“Bem”, disse Syme, “parece que todos temos o mesmo tipo de moralidade ou imoralidade, então é melhor enfrentarmos o fato que vem disso.”

“Sim”, concordou o Professor, “você está certo; e devemos nos apressar, pois posso ver o Nariz Cinzento[3] destacando-se da França.”

“O fato que vem daí”, disse Syme sério, “é que nós três estamos sozinhos neste planeta. Gogol foi-se, só Deus sabe para onde; talvez o Presidente o tenha esmagado como uma mosca. No Conselho somos três homens contra três, como os romanos que dominaram a ponte. Mas estamos em pior situação do que isso, primeiro porque eles podem apelar para sua organização e nós não podemos apelar para a nossa, e segundo porque...”

“Porque um daqueles outros três homens”, disse o Professor, “não é um homem.”

Syme acenou com a cabeça e ficou em silêncio por um ou dois segundos, depois disse:

“Minha ideia é a seguinte. Devemos fazer algo para manter o Marquês em Calais até amanhã ao meio-dia. Revirei mais de vinte esquemas na minha cabeça. Não podemos denunciá-lo como um dinamitista; isso está combinado. Não podemos detê-lo por alguma acusação trivial, pois teríamos que aparecer; ele nos conhece, e ele sentiria o cheiro de um rato. Não podemos fingir mantê-lo em negócios anarquistas; ele pode engolir muito dessa forma, mas nunca a ideia de parar em Calais enquanto o czar fosse com segurança através de Paris. Podemos tentar sequestrá-lo e prendê-lo nós mesmos; mas ele é um homem muito conhecido aqui. Ele tem toda uma escolta de amigos; ele é muito forte e corajoso, e o evento é duvidoso. A única coisa que vejo a fazer é realmente aproveitar as mesmas coisas que estão a favor do Marquês. Vou lucrar com o fato

de que ele é um nobre altamente respeitado. Vou lucrar com o fato de ele ter muitos amigos e se deslocar na melhor sociedade.”

“De que diabos você está falando?” perguntou o Professor.

“Os Symes são mencionados pela primeira vez no século XIV”, disse Syme; “mas há uma tradição de que um deles cavalgou ao lado de Bruce em Bannockburn. Desde 1350 a árvore genealógica é bem clara.”

“Ele perdeu a cabeça”, disse o pequeno Doutor, olhando fixamente.

“Nossos brasões”, continuou Syme calmamente, “são ‘*Argent a chevron gules* ordenados com três cruzetas do campo.’ O tema varia.”

O Professor agarrou Syme rudemente pelo colete.

“Estamos apenas na costa”, disse ele. “Você está enjoado ou gracejando no lugar errado?”

“Minhas observações são quase dolorosamente práticas”, respondeu Syme, sem pressa. “A casa de St. Eustache também é muito antiga. O Marquês não pode negar que é um cavalheiro. Ele não pode negar que sou um cavalheiro. E, a fim de colocar a questão de minha posição social bem além de qualquer dúvida, proponho, na primeira oportunidade, arrancar-lhe o chapéu. Mas aqui estamos no porto.”

Eles foram para a costa sob o sol forte em uma espécie de torpor. Syme, que agora assumira a liderança como Bull fizera em Londres, conduziu-os por uma espécie de desfile marítimo até chegarem a alguns cafés, cercados de vegetação e com vista para o mar. Enquanto caminhava à frente deles, seus passos eram ligeiramente cambaleantes e balançava a bengala como se a uma espada. Ele estava aparentemente indo para o fim da fila de cafés, mas parou abruptamente. Com um gesto brusco, acenou para que se calassem, apontou com um dedo enluvado para uma mesa de café sob um banco de folhagem florida em que estava

sentado o Marquês de St. Eustache, seus dentes brilhando em sua espessa barba negra, e seu ousado rosto moreno sombreado por um chapéu de palha amarelo claro e delineado contra o mar violeta.

CAPÍTULO X

O DUELO

Syme sentou-se à mesa do café com seus companheiros, seus olhos azuis cintilando como o mar brilhante lá embaixo, e com uma impaciência satisfeita, pediu uma garrafa de Saumur. Estava, por algum motivo, em um estado de curiosa hilaridade. Seu ânimo já estava anormalmente alto; eles se levantaram enquanto o Saumur descia e, em meia hora, sua conversa era uma torrente de absurdos. Confessou estar fazendo um plano para a conversa que se seguiria entre ele e o perigoso Marquês, escrevendo-o descontroladamente com um lápis. Foi organizado como um catecismo impresso, com perguntas e respostas, e foi entregue com uma rapidez extraordinária de expressão.

"Vou me aproximar. Antes de tirar-lhe o chapéu, vou tirar o meu. Direi: 'O Marquês de Saint Eustache, acredito.' Ele dirá: 'O célebre Sr.Syme, presumo.' E acrescentará no francês mais requintado: 'Como vai você?' Devo responder no mais requintado sotaque londrino: 'Oh, apenas o mesmo...'"

"Oh, cale-se", disse o homem de óculos. "Controle-se e jogue fora esse pedaço de papel. O que você realmente vai fazer?"

"Mas foi um catecismo adorável", disse Syme pateticamente. "Deixe-me ler para você. Tem apenas quarenta e três perguntas e respostas, e algumas das

respostas do Marquês são maravilhosamente espirituosas. Gosto de ser justo com meu inimigo."

"Mas o que há de bom nisso tudo?" perguntou o Dr. Bull exasperado.

"Isso leva ao meu desafio, você não vê", disse Syme, radiante. "Quando o Marquês der a trigésima nona resposta, que é..."

"Por acaso lhe ocorreu", perguntou o Professor, com uma simplicidade ponderada, "que o Marquês pode não dizer todas as quarenta e três respostas que você escreveu para ele? Nesse caso, eu entendo, seus próprios epigramas podem parecer um pouco mais forçados."

Syme, radiante, atingiu a mesa.

"Ora, como isso é verdade", disse ele, "e nunca pensei nisso. Senhor, o seu intelecto é além do comum. Você fará um nome."

"Oh, você está tão bêbado quanto uma coruja!" disse o Doutor.

"Resta", continuou Syme, bastante imperturbável, "adotar algum outro método de quebrar o gelo (se assim posso expressar) entre mim e o homem que desejo matar. E uma vez que o curso de um diálogo não pode ser previsto por apenas uma das partes (como você observou com tal perspicácia recôndita), a única coisa a ser feita, suponho, é que uma das partes, na medida do possível, faça todo o diálogo por si mesma. E assim farei, por George!" E levantou-se de repente, seu cabelo amarelo balançando na leve brisa do mar.

Uma banda estava tocando em um *café cantante* escondido em algum lugar entre as árvores, e uma mulher acabara cantar. Na cabeça acalorada de Syme, o zurro da banda de metais parecia o jarro e o tilintar daquele realejo em Leicester Square, ao som do qual um dia ele se levantara para morrer. Olhou para a mesinha onde o Marquês estava sentado. O homem agora tinha dois companheiros, solenes franceses em sobrecasacas e

chapéus de seda, um deles com a roseta vermelha da Legião de Honra, evidentemente pessoas de sólida posição social. Além dessas roupas pretas cilíndricas, o Marquês, com seu chapéu de palha solto e roupas leves de primavera, parecia boêmio e até bárbaro; mas parecia um Marquês. Na verdade, pode-se dizer que ele parecia o rei, com sua elegância animal, seus olhos desdenhosos e sua cabeça orgulhosa erguida contra o mar roxo. Mas ele não era um rei cristão, de qualquer forma; era antes um déspota moreno, meio grego, meio asiático, que, nos dias em que a escravidão parecia natural, olhava para o Mediterrâneo, para sua galera e seus escravos gemendo. Assim, Syme pensou, ficaria o rosto castanho-dourado de tal tirano em contraste com as azeitonas verde-escuras e o azul escaldante.

"Você vai discursar na reunião?" perguntou o Professor mal-humorado, vendo que Syme ainda estava sem se mexer.

Syme esvaziou sua última taça de vinho espumante.

"Eu vou", disse ele, apontando para o Marquês e seus companheiros, "aquela reunião. Aquela reunião me desagrada. Vou puxar o nariz grande, feio e cor de mogno daquela reunião."

Ele avançou rapidamente, se não com firmeza. O Marquês, ao vê-lo, ergueu surpreso as sobrancelhas negras assírias, mas sorriu educadamente.

"Você é o Sr. Syme, eu acredito", disse ele.

Syme fez uma reverência.

"E você é o Marquês de Saint Eustache", disse graciosamente. "Permita-me puxar seu nariz."

Inclinou-se para o fazer, mas o Marquês deu um passo para trás, virando a cadeira, e os dois homens de cartola seguraram Syme pelos ombros.

"Este homem me insultou!" disse Syme, com gestos de explicação.

“Insultou você?” gritou o cavalheiro com a roseta vermelha, “quando?”

“Oh, agora mesmo”, disse Syme imprudentemente. “Ele insultou minha mãe.”

“Insultou sua mãe!” exclamou o cavalheiro incrédulo.

“Bem, de qualquer forma”, disse Syme, cedendo um ponto, “minha tia.”

“Mas como o Marquês pode ter insultado sua tia agora?” disse o segundo cavalheiro com alguma admiração legítima. “Ele esteve sentado aqui o tempo todo.”

“Ah, foi o que ele disse!” disse Syme sombriamente.

“Eu não disse absolutamente nada”, disse o Marquês, “exceto algo sobre a banda. Eu apenas disse que gostava de Wagner bem tocado.”

“Foi uma alusão à minha família”, disse Syme com firmeza. “Minha tia interpretava mal Wagner. É um assunto doloroso. Estamos sempre sendo insultados por isso.”

“Isso parece muito extraordinário”, disse o cavalheiro que era *décoré*, olhando duvidosamente para o Marquês.

“Oh, garanto-lhe”, disse Syme com seriedade, “toda a sua conversa foi simplesmente embalada com alusões sinistras às fraquezas da minha tia.”

“Isso não faz sentido!” disse o segundo cavalheiro. “Eu, pelo menos, não disse nada por meia hora, exceto que gostei do canto daquela garota de cabelo preto.”

“Bem, aí está você de novo!” disse Syme indignado. “O de minha tia era vermelho.”

“Parece-me”, disse o outro, “que você está simplesmente procurando um pretexto para insultar o Marquês.”

“Por George!” disse Syme, virando-se para o lado e olhando para ele, “que cara inteligente você é!”

O Marquês ergueu-se com os olhos flamejantes como os de um tigre.

“Procurando uma briga comigo!” ele gritou. “Procurando uma luta comigo! Por Deus! Nunca houve um homem que precisasse procurar por muito tempo. Esses senhores talvez

testemunhem por mim. Ainda faltam quatro horas de luz do dia. Vamos lutar esta tarde.”

Syme curvou-se com uma delicadeza bastante bela.

“Marquês”, disse ele, “sua ação é digna de sua fama e sangue. Permita-me consultar por um momento os cavalheiros em cujas mãos me colocarei.”

Em três longas passadas, juntou-se a seus companheiros, e eles, que tinham visto seu ataque inspirado pelo champanhe e ouvido suas explicações idiotas, ficaram bastante surpresos com o olhar dele. Pois agora à volta estava bastante sóbrio, um pouco pálido, e falava em voz baixa de praticidade ardente.

“Eu consegui”, disse ele com voz rouca. “Eu preparei um embate com a fera. Mas olhem aqui e ouçam com atenção. Não há tempo para falar. Vocês serão meus padrinhos, e tudo deve vir de vocês. Ora vocês devem insistir, e insistir absolutamente, que o duelo ocorra depois das sete da manhã, para me dar a chance de impedi-lo de pegar o trem das 07h45 para Paris. Se ele perder o trem, ele deixará escapar seu crime. Ele não pode recusar-se a ceder nesse ponto tão trivial de tempo e lugar. Mas é isso que ele fará. Ele escolherá um campo em algum lugar perto de uma estação à beira do caminho, onde poderá pegar o trem. Ele é um espadachim muito bom e confiará em me matar a tempo de pegá-lo. Mas eu posso esgrimir também, e acho que posso mantê-lo em jogo, de qualquer maneira, até que o trem se perca. Então, talvez ele possa me matar para consolar seus sentimentos. Vocês entendem? Muito bem então, deixe-me apresentá-los a alguns encantadores amigos meus.” e conduzindo-os rapidamente pelo terraço, apresentou-os aos padrinhos do Marquês por dois nomes muito aristocráticos dos quais nunca tinham ouvido falar.

Syme estava sujeito a espasmos de senso comum singular, que não fazia parte de seu caráter. Eram (como ele disse sobre seu impulso a respeito dos óculos) intuições poéticas e às vezes chegavam à exaltação da profecia.

Ele havia calculado corretamente, neste caso, a política de seu oponente. Quando o Marquês foi informado por seus padrinhos que Syme só poderia lutar pela manhã, deve ter percebido totalmente que um obstáculo havia surgido de repente entre ele e seu negócio de lançamento de bombas na capital. Naturalmente, ele não poderia explicar essa objeção aos amigos, então escolheu o curso que Syme havia previsto. Induziu seus padrinhos a se estabelecerem em um pequeno prado não muito longe da ferrovia, e confiou na fatalidade da primeira investida.

Quando desceu muito friamente para o campo de honra, ninguém poderia ter adivinhado que ele tinha alguma ansiedade sobre uma viagem; suas mãos estavam nos bolsos, o chapéu de palha na nuca, o rosto bonito descarado ao sol. Mas poderia parecer esquisito a um estranho que aparecesse em sua comitiva, não apenas seus padrinhos carregando o estojo da espada, mas dois de seus servos carregando uma valise e uma cesta de almoço.

Ainda bem cedo, o sol banhava tudo com seu calor e Syme ficou vagamente surpreso ao ver tantas flores primaveris douradas e prateadas na grama alta em que todo o grupo estava quase até os joelhos.

Com exceção do Marquês, todos os homens estavam em trajes solenes e melancólicos para a manhã, com chapéus que pareciam chaminés pretas; especialmente o pequeno Doutor, com o acréscimo de seus óculos pretos, parecia um agente funerário cômico. Syme não pôde deixar de sentir um contraste cômico entre esse desfile fúnebre de vestimentas de igreja e a rica e brilhante campina, onde flores silvestres crescem por toda parte. Mas, de fato, esse contraste cômico entre as flores amarelas e os chapéus pretos era apenas um símbolo do contraste trágico entre as flores amarelas e as atividades sombrias. À sua direita havia um pequeno bosque; bem longe, à sua esquerda, ficava a longa curva da linha férrea, que ele estava, por assim dizer, protegendo do Marquês, que era o objetivo e meta de

fuga. À sua frente, atrás do grupo sombrio de seus oponentes, ele podia ver, como uma nuvem tingida, um pequeno arbusto de amendoeiras em flor contra a linha tênue do mar.

O membro da Legião de Honra, cujo nome parecia ser Coronel Ducroix, abordou o Professor e o Dr. Bull com grande educação e sugeriu que a cena terminasse com o primeiro ferimento considerável.

O Dr. Bull, entretanto, tendo sido cuidadosamente instruído por Syme sobre este ponto de política, insistiu, com grande dignidade e em péssimo francês, que deveria continuar até que um dos combatentes estivesse incapacitado. Syme tinha decidido que poderia evitar incapacitar o Marquês, e impedir que este o incapacitasse por pelo menos vinte minutos. Em vinte minutos, o trem para Paris já teria passado.

“Para um homem com a conhecida habilidade e valor de Monsieur de St. Eustache”, disse o Professor solenemente, “deve ser indiferente o método adotado, e nosso constituinte tem fortes razões para exigir um encontro mais longo, razões cuja delicadeza me impede de ser explícito, mas cuja natureza justa e honrada de que eu posso...”

“*Peste!*” Interrompeu o Marquês atrás dele, cujo rosto de repente escureceu, “vamos parar de falar e começar”, e cortou a cabeça de uma flor alta com sua bengala.

Syme compreendeu sua rude impaciência e instintivamente olhou por cima do ombro para ver se o trem estava chegando. Mas não havia fumaça no horizonte.

O Coronel Ducroix se ajoelhou e destrancou a caixa, tirando um par de espadas gêmeas, que captaram a luz do sol e se transformaram em duas rajadas de fogo branco. Ele ofereceu uma ao Marquês, que a arrebatou sem cerimônia, e outra a Syme, que a pegou, dobrou, e posicionou com a maior demora que fosse compatível com sua dignidade.

Em seguida, o Coronel tirou outro par de lâminas, e pegando uma para si mesmo e dando outra ao Dr. Bull, começou a posicionar os homens.

Ambos os combatentes haviam tirado os casacos e coletes e estavam com a espada na mão. Os padrinhos estavam em cada lado da linha de luta com as espadas desembainhadas também, mas ainda sombrios em suas sobrecasacas e chapéus escuros. Os duelistas principais saudaram-se. O Coronel disse baixinho: “Envolvam-se!” e as duas lâminas se tocaram e formigaram.

Quando a trepidação dos ferros unidos subiu pelo braço de Syme, todos os medos fantásticos que foram o tema desta história caíram como os sonhos de um homem que acorda na cama. Lembrava-se deles com clareza e ordem como meras ilusões dos nervos — como o medo do Professor fora o medo dos acidentes tirânicos do pesadelo, e como o medo do Doutor fora o medo do vácuo abafado da ciência. O primeiro era o antigo medo de que qualquer milagre pudesse acontecer; o segundo, o medo moderno mais desesperador de que nenhum milagre pudesse acontecer. Mas Syme viu que esses medos eram fantasias, pois descobriu a si mesmo na presença do grande fato do medo da morte, com seu senso comum grosseiro e impiedoso. Sentia-se como um homem que sonhou a noite toda em cair de precipícios, e acordou na manhã seguinte em que seria enforcado. Pois assim que ele viu a luz do sol percorrer a lâmina encurtada de seu inimigo, e assim que sentiu as duas línguas de aço se tocarem, vibrando como duas coisas vivas, ele soube que seu inimigo era um lutador temível, e que provavelmente sua última hora havia chegado.

Syme sentiu um valor estranho e vívido em toda a terra ao seu redor, na grama sob seus pés; ele sentiu o amor pela vida em todas as coisas vivas. Ele quase podia imaginar que ouvia a grama crescendo; ele quase podia imaginar que, mesmo enquanto estava ali, flores frescas brotavam e

desabrochavam na campina — flores vermelho-sangue, douradas e azul ardentes, preenchendo todo o desfile da primavera. E sempre que seus olhos se desviavam dos olhos calmos, fixos e hipnóticos do Marquês, viam o pequeno tufo de amendoeira contra a linha do céu. Ele teve a sensação de que se por algum milagre ele escapasse, estaria pronto para sentar-se para sempre diante daquela amendoeira, não desejando mais nada no mundo.

Mas enquanto a terra, o céu e tudo mais possuíam a beleza viva de uma coisa perdida, a outra metade de sua cabeça estava clara como vidro, e estava aparando a mira do inimigo com uma espécie de habilidade mecânica da qual ele dificilmente se supunha capaz. Uma vez, a lâmina do inimigo percorrera seu pulso, deixando uma leve mancha de sangue, mas não foi notada, ou foi tacitamente ignorada. De vez em quando ele *replicava*, e uma ou duas vezes quase podia imaginar que sentia sua mira ir certeira, mas como não havia sangue na lâmina ou na camisa, supôs que estava enganado. Então veio uma interrupção e uma mudança.

Correndo o risco de perder tudo, o Marquês, interrompendo seu olhar tranquilo, lançou um olhar por cima do ombro para a linha ferroviária à sua direita. Depois, voltou-se para Syme com um rosto transfigurado no de um demônio e começou a lutar como se tivesse vinte armas. O ataque veio tão rápido e furioso que a única espada brilhante parecia uma chuva de flechas brilhantes. Syme não teve oportunidade de olhar para a ferrovia; mas também não tinha necessidade. Ele podia adivinhar o motivo da súbita loucura de batalha do Marquês — o trem para Paris estava à vista.

Mas a energia mórbida do Marquês se superava. Duas vezes Syme, defendendo-se, lançou a lâmina do oponente bem longe do círculo de luta; e na terceira vez sua *replica* foi tão rápida, que desta vez não houve dúvidas sobre o golpe. A espada de Syme dobrou-se sob o peso do

corpo do Marquês, que se espetara. Syme estava tão certo de ter cravado a lâmina no inimigo como um jardineiro que cravou a pá no chão. No entanto, o Marquês saltou para trás do golpe sem cambalear e Syme ficou a olhar para a ponta da espada como um idiota. Não havia sangue algum nela.

Houve um momento de silêncio rígido, e então Syme por sua vez caiu furiosamente sobre o outro, cheio de uma curiosidade flamejante. O Marquês era provavelmente, de um modo geral, um melhor esgrimista do que ele, como ele havia imaginado no início, mas no momento o Marquês parecia perturbado e em desvantagem. Ele lutava de forma selvagem e até mesmo fraca, e constantemente desviava o olhar para a linha férrea, quase como se temesse mais o trem do que o aço pontudo. Syme, por outro lado, lutava ferozmente, mas ainda com cuidado, em uma fúria intelectual, ansioso para resolver o enigma de sua própria espada sem sangue. Para tanto, ele apontava menos para o corpo do Marquês e mais para sua garganta e cabeça. Um minuto e meio depois, ele sentiu sua lâmina entrar no pescoço do homem abaixo da mandíbula. Saiu limpa. Meio exasperado, ele investiu novamente, e fez o que deveria ser uma cicatriz de sangue na bochecha do Marquês. Mas não havia cicatriz.

Por um momento, o céu de Syme voltou a escurecer com terrores sobrenaturais. Certamente o homem tinha uma vida enfeitiçada. Mas esse novo pavor espiritual era uma coisa mais terrível do que a mera confusão espiritual simbolizada pelo paralítico que o perseguia. O Professor era apenas um gnomo; este homem era um demônio — talvez ele fosse o Diabo! De qualquer forma, isso era certo, que três vezes uma espada humana lhe foi cravada e não deixara marca. Quando Syme teve esse pensamento, recompôs-se e tudo o que havia de bom dentro dele cantou alto no ar como um vento forte canta nas árvores. Ele pensou em todas as coisas humanas em sua história — nas lanternas chinesas em Saffron Park, nos cabelos ruivos da

garota no jardim, nos honestos marinheiros bebendo cerveja no cais, em seus companheiros leais ao lado. Talvez ele tenha sido escolhido como um campeão de todas essas coisas novas e gentis para cruzar espadas com o inimigo de toda a criação. “Afinal”, disse a si mesmo, “sou mais do que um demônio; sou um homem. Posso fazer a única coisa que o próprio Satanás não pode fazer — posso morrer”, e quando a palavra passou por sua cabeça, ele ouviu um barulho fraco e distante, que logo seria o rugido do trem para Paris.

Ele começou a lutar novamente com uma leviandade sobrenatural, como um maometano ansiando pelo Paraíso. À medida que o trem se aproximava, ele imaginava que podia ver as pessoas colocando os arcos de flores em Paris; ele se juntou ao barulho crescente e à glória da grande República cujo portão ele estava guardando contra o Inferno. Seus pensamentos subiam cada vez mais alto com o rugido crescente do trem, que terminou, como se orgulhosamente, em um apito longo e agudo. O trem parara.

De repente, para espanto de todos, o Marquês deu um salto para trás, para longe do alcance da espada adversaria, e jogou fora sua espada. O salto foi maravilhoso, e não menos maravilhoso porque Syme havia mergulhado a espada um momento antes na coxa do homem.

“Pare!” disse o Marquês com uma voz que impelia uma obediência momentânea. “Eu quero dizer uma coisa.”

“Qual é o problema?” perguntou o Coronel Ducroix, olhando fixamente. “Houve jogo sujo?”

“Há jogo sujo em algum lugar”, disse o Dr. Bull, que estava um pouco pálido. “Nosso duelista feriu o Marquês pelo menos quatro vezes, e ele está na mesma.”

O Marquês ergueu a mão com um curioso ar de medonha paciência.

“Por favor, deixe-me falar”, disse ele. “É muito importante. Sr. Syme”, continuou ele, voltando-se para o

oponente, “estamos lutando hoje, se bem me lembro, porque você expressou um desejo (que eu achei irracional) de puxar meu nariz. Você me faria o favor de puxá-lo agora o mais rápido possível? Eu tenho que pegar um trem.”

“Eu protesto contra essa irregularidade”, disse o Dr. Bull indignado.

“Certamente é um tanto oposto ao precedente”, disse o Coronel Ducroix, olhando melancolicamente para seu constituinte. “Há, eu acho, um caso registrado (Capitão Bellegarde e o Barão Zumpt) em que as armas foram trocadas no meio do duelo a pedido de um dos combatentes. Mas dificilmente se pode chamar o nariz de arma.”

“Você vai puxar ou não meu nariz?” disse o Marquês exasperado. “Vamos, vamos, Sr. Syme! Você queria fazer isso, faça! Você não pode ter ideia de como isso é importante para mim. Não seja tão egoísta! Puxe meu nariz de uma vez, eu peço!” e ele se curvou ligeiramente para a frente com um sorriso fascinante. O trem de Paris, ofegante e gemendo, entrou rangendo numa pequena estação atrás da colina vizinha.

Syme teve a sensação que tivera mais de uma vez nessas aventuras — a sensação de que uma onda horrível e sublime se elevara ao céu, estava apenas desabando.

Caminhando em um mundo que ele pouco compreendia, deu dois passos à frente e agarrou o nariz romano do notável nobre. Puxou com força e este saiu em sua mão.

Ele ficou alguns segundos parado com uma solenidade tola, com a tromba de papelão ainda entre os dedos, olhando para ela, enquanto o sol e as nuvens e as colinas arborizadas contemplavam aquela cena imbecil.

O Marquês quebrou o silêncio com uma voz alta e alegre.

“Se alguém tiver alguma utilidade para a minha sobrancelha esquerda”, disse ele, “pode ficar com ela. Coronel Ducroix, aceite minha sobrancelha esquerda! É o tipo de coisa que pode vir a ser útil a qualquer dia”, e ele

gravemente arrancou uma de suas sobrancelhas escuras assírias, trazendo consigo metade de sua testa morena, e educadamente a ofereceu ao Coronel, que ficou sem palavras e vermelho de raiva.

“Se eu soubesse”, ele vociferou, “que estava atuando para um poltrão que se enchumaça para lutar...”

“Oh, eu sei, eu sei!” disse o Marquês, imprudentemente jogando várias partes de si mesmo para a direita e para a esquerda sobre o campo. “Você está cometendo um erro; mas isso não pode ser explicado agora. Estou lhe dizendo que o trem chegou à estação!”

“Sim”, disse o Dr. Bull ferozmente, “e o trem deve sair da estação. Deve partir sem você. Sabemos bem o suficiente para que obra do diabo...”

O misterioso Marquês ergueu as mãos com um gesto desesperado. Ele era um espantalho estranho parado ali ao sol com metade de seu rosto velho arrancado e a outra metade brilhando e sorrindo por baixo.

“Você vai me deixar louco?” ele gritou. “O trem...”

“Você não irá até o trem”, disse Syme com firmeza, e agarrou a espada.

A figura selvagem voltou-se para Syme e parecia estar a preparar-se para um esforço sublime antes de falar.

“Seu grande gordo, desgraçado, de olhos turvos, desajeitado, trovejante, sem cérebro, esquecido por Deus, vacilante, idiota maldito!” ele disse sem respirar. “Seu grande estúpido, de rosto rosado e cabeça de nabo! Seu...”

“Você não irá até o trem”, repetiu Syme.

“E por que raios infernais”, rugiu o outro, “eu deveria querer ir até o trem?”

“Nós sabemos tudo”, disse o Professor severamente. “Você vai a Paris para jogar uma bomba!”

“Vou à Jericó para lançar um Jaguadarte!” gritou o outro, arrancando os cabelos, que se soltaram facilmente. “Vocês todos têm o cérebro amolecido, para que não percebam o que eu sou? Vocês realmente acharam que eu queria pegar

aquele trem? Vinte trens de Paris podem passar para mim. Malditos trens de Paris!”

“Então com o que você se preocupa?” começou o Professor.

“O que é que me preocupa? Não me preocupava em pegar o trem; eu me preocupava se o trem me pegaria, e agora, por Deus! Ele me pegou.”

“Lamento informá-lo”, disse Syme com moderação, “que as suas observações não me impressionam. Talvez se removesse os restos da sua testa original e alguma parte do que antes era seu queixo, seu significado se tornaria mais claro. A lucidez mental se realiza de muitas maneiras. O que você quer dizer com que o trem o pegou? Pode ser minha fantasia literária, mas de alguma forma eu sinto que deveria significar algo.”

“Significa tudo”, disse o outro, “e o fim de tudo. Domingo agora tem-nos na palma da sua mão.”

“Tem-nos!” repetiu o Professor, como se estivesse estupefato. “O que você quer dizer com ‘tem-nos’?”

“A polícia, é claro!” disse o Marquês, e arrancou seu couro cabeludo e metade do rosto.

A cabeça que emergiu era loira, bem penteada e de cabelos lisos, comum na polícia inglesa, mas o rosto era terrivelmente pálido.

“Sou o inspetor Ratcliffe”, disse ele, com uma espécie de pressa que beirava a aspereza. “Meu nome é bem conhecido da polícia, e posso ver muito bem que vocês pertencem a ela. Mas se houver alguma dúvida sobre minha posição, eu tenho um cartão...” e começou a tirar um cartão azul de seu bolso.

O Professor fez um gesto cansado.

“Oh, não mostre isso para nós”, disse ele, fatigado; “temos o suficiente para equipar uma papelaria.”

O homenzinho chamado Bull tinha, como muitos homens que parecem ser de uma vulgaridade vivaz, movimentos bruscos de bom gosto. Aqui ele certamente salvou a

situação. No meio dessa cena de transformação impressionante, ele deu um passo à frente com toda a gravidade e responsabilidade de um padrinho e se dirigiu aos dois padrinhos do Marquês.

“Senhores”, disse ele, “todos nós devemos a vocês um sério pedido de desculpas; mas asseguro-lhes que não foram vítimas de uma piada tão baixa como imaginam, ou de qualquer coisa indigna de um homem de honra. Vocês não desperdiçaram seu tempo; vocês ajudaram a salvar o mundo. Não somos bufões, mas homens muito desesperados em guerra com uma vasta conspiração. Uma sociedade secreta de anarquistas está nos caçando como lebres; não tão malucos desafortunados como podem jogar aqui ou ali uma bomba através da fome ou da filosofia alemã, mas uma igreja rica, poderosa e fanática, uma igreja do pessimismo oriental, que a considera sagrada para destruir a humanidade como vermes. Vocês podem deduzir o quanto eles nos caçam pelo fato de que somos levados a disfarces como aqueles pelos quais me desculpo e a travessuras como esta que vocês suportaram.”

O padrinho mais jovem do Marquês, um homem baixo com bigode preto, curvou-se educadamente e disse:

“Claro, eu aceito as desculpas; mas você, por sua vez, vai me perdoar se eu me recusar a segui-lo mais longe em suas dificuldades e me permitir dizer até logo! A visão de um conhecido e distinto conterrâneo caindo aos pedaços no ar livre é incomum e, no geral, suficiente para um dia. Coronel Ducroix, de forma alguma influenciaria suas ações, mas se sente, como eu, que nossa sociedade atual é um pouco anormal, vou agora caminhar de volta para a cidade.”

O Coronel Ducroix moveu-se mecanicamente, mas depois puxou abruptamente o bigode branco e estourou:

“Não, por George! Eu não vou. Se esses cavalheiros estão realmente em uma bagunça com um monte de destruidores baixos como aquele, eu vou cuidar deles. Eu

lutei pela França, e seria difícil não poder lutar pela civilização.”

O Dr. Bull tirou o chapéu e acenou, comemorando como em uma reunião pública.

“Não faça muito barulho”, disse o inspetor Ratcliffe, “Domingo pode ouvi-lo.”

“Domigo!” gritou Bull, largando o chapéu.

“Sim”, replicou Ratcliffe, “ele pode estar com eles.”

“Com quem?” perguntou Syme.

“Com as pessoas fora daquele trem”, disse o outro.

“O que você diz parece totalmente sem sentido”, começou Syme. “Ora, na verdade... Mas, meu Deus”, gritou ele de repente, como um homem que vê uma explosão muito longe, “por Deus! Se isso for verdade, todos nós do Conselho Anarquista éramos contra a anarquia! Todo homem nascido era um detetive, exceto o Presidente e seu secretário pessoal. O que isso significa?

“Significa!” disse o novo policial com incrível violência. “Isso significa que estamos mortos! Você não conhece Domingo? Você não sabe que suas brincadeiras são sempre tão grandes e simples que nunca se pensa nelas? Você pode pensar em algo mais parecido com Domingo do que isso, que ele deveria colocar todos os seus inimigos poderosos no Conselho Supremo, e então tomar cuidado para que não fosse supremo? Eu digo a você que ele comprou todos os fundos, ele capturou todos os cabos, ele tem o controle de todas as linhas ferroviárias — especialmente *daquela* linha ferroviária!” e apontou um dedo trêmulo em direção à pequena estação à beira do caminho. “Todo o movimento era controlado por ele; metade do mundo estava pronto para se levantar por ele. Mas havia apenas cinco pessoas, talvez, que teriam resistido a ele... e o velho demônio as colocou no Conselho Supremo, para perderem seu tempo vigiando uns aos outros. Idiotas que somos, ele planejou todas as nossas idiotices! Domingo sabia que o Professor perseguiria Syme

por Londres e que Syme lutaria contra mim na França. E ele estava combinando grandes massas de capital e apreendendo grandes linhas telegráficas, enquanto nós, cinco idiotas, corríamos um atrás do outro como um monte de crianças confusas brincando de cabra-cega."

"Bem?" perguntou Syme com certa firmeza.

"Bem", respondeu o outro com súbita serenidade, "ele hoje nos encontrou bancando a cabra-cega em um campo de grande beleza rústica e extrema solidão. Ele provavelmente conquistou o mundo; só lhe resta capturar este campo e todos os idiotas nele. E já que você realmente quer saber qual era minha objeção à chegada daquele trem, eu lhe direi. Minha objeção era que Domingo ou seu secretário naquele momento saíssem dele."

Syme deu um grito involuntário e todos voltaram os olhos para a estação distante. Era bem verdade que uma quantidade considerável de pessoas parecia estar se movendo na direção deles. Mas estavam muito distantes para serem distinguidos de alguma forma.

"Era um hábito do falecido Marquês de St. Eustache", disse o novo policial, exibindo uma pasta de couro, "sempre carregar um par de binóculos de ópera. Ou o Presidente ou o Secretário perseguem-nos com aquela turba. Eles nos pegaram em um lugar agradável e tranquilo, onde não temos a tentação de quebrar nossos juramentos chamando a polícia. Dr. Bull, eu suspeito que você verá melhor através deles do que através de seus próprios óculos altamente decorativos."

Ele entregou o binóculo ao Doutor, que imediatamente tirou os óculos e levou o aparelho aos olhos.

"Não pode ser tão ruim quanto você diz", disse o Professor, um tanto abalado. "Certamente há um bom número deles, mas podem facilmente ser turistas comuns."

"Os turistas comuns", perguntou Bull, com o binóculo nos olhos, "usam máscaras pretas no meio do rosto?"

Syme arrancou-lhe o binóculo das mãos e olhou através deles. A maioria dos homens na multidão que avançava realmente parecia bastante comum; mas era bem verdade que dois ou três dos líderes da frente usavam máscaras pretas quase até a boca. O disfarce era muito completo, especialmente àquela distância, e Syme achou impossível concluir qualquer coisa pelas mandíbulas e queixos bem barbeados dos homens que falavam à frente. Mas logo, enquanto conversavam, todos sorriam, e um deles sorria só de um lado do rosto.

CAPÍTULO XI

OS CRIMINOSOS PERSEGUEM A POLÍCIA

Syme tirou o binóculo dos olhos com um alívio quase medonho.

“O Presidente não está com eles, de qualquer maneira”, disse ele, e enxugou a testa.

“Mas com certeza eles estão no horizonte”, disse o espantado Coronel, piscando e recuperando-se parcialmente da explicação apressada, embora educada, de Bull. “Você poderia reconhecer o seu Presidente entre todas essas pessoas?”

“Será que eu poderia reconhecer um elefante branco entre todas essas pessoas!” respondeu Syme um tanto irritado. “Como você realmente diz, eles estão no horizonte; mas se ele estivesse entre eles... por Deus! Eu acredito que o chão iria tremer.”

Após uma pausa de um instante, o novo homem chamado Ratcliffe disse com decisão sombria:

“Claro que o Presidente não está com eles. Eu gostaria que estivesse. Muito mais provavelmente o Presidente está cavalgando em triunfo por Paris ou sentado nas ruínas da Catedral de St. Paul.”

“Isso é um absurdo!” disse Syme. “Algo pode ter acontecido em nossa ausência; mas ele não pode ter carregado o mundo com uma pressa dessas. É bem verdade”, acrescentou, franzindo a testa em dúvida para os campos distantes que se estendiam em direção à pequena

estação, “é certamente verdade que parece haver uma multidão vindo para cá; mas eles não são todo o exército que você julga.”

“Oh, eles”, disse o novo detetive com desdém; “não, eles não são uma força muito valiosa. Mas deixe-me dizer francamente que eles são calculados com precisão para o nosso valor — não somos muitos, meu rapaz, no universo de Domingo. Ele mesmo conseguiu todas as linhas e telégrafos. Mas liquidar o Conselho Supremo ele considera uma questão trivial, como um cartão-postal; pode ser deixado para seu secretário particular”, e cuspiu na grama.

Então se virou para os outros e disse um tanto austeramente:

“Há muito a ser dito sobre a morte; mas se alguém tiver alguma preferência pela outra alternativa, eu aconselho-o fortemente a andar atrás de mim.”

Com essas palavras, ele virou as costas largas e caminhou com energia silenciosa em direção ao bosque. Os outros olharam por cima dos ombros e viram que a nuvem negra de homens havia se separado da estação e se movia com uma disciplina misteriosa pela planície. Já viam, mesmo a olho nu, manchas pretas nos rostos mais à frente, que marcavam as máscaras que usavam. Eles se viraram e seguiram Ratcliffe, que já havia atingido o bosque e desaparecido entre as árvores cintilantes.

O sol na grama estava seco e quente. Assim, ao mergulhar no bosque, eles tiveram um choque frio da sombra, como de mergulhadores que mergulham em uma piscina escura. O interior do bosque estava repleto de luz solar fragmentada e sombras agitadas. Formavam uma espécie de véu trêmulo, quase relembrando a vertigem de um cinematógrafo. Mesmo as figuras sólidas que caminhavam com ele, Syme mal conseguia ver os padrões de sol e sombra que dançavam sobre eles. Agora a cabeça de um homem estava iluminada como a luz de Rembrandt, deixando tudo o mais obliterado; agora ele tinha novamente

mãos fortes e brancas com rosto negro. O ex-marquês havia puxado o velho chapéu de palha sobre os olhos, e a sombra preta da aba cortava seu rosto tão diretamente em dois que parecia estar usando uma das máscaras pretas de seus perseguidores. A fantasia matizou a sensação de espanto de Syme. Ele estava usando uma máscara? Alguém estava usando máscara? Alguém era alguma coisa? Este bosque de feitiçaria, em que os rostos dos homens ficavam alternadamente pretos e brancos, em que as suas figuras inchavam primeiro na luz do sol e depois desbotavam na noite sem forma, este mero caos de claro-escuro (depois da luz do dia lá fora), parecia a Syme um símbolo perfeito do mundo em que ele se movera por três dias, este mundo onde os homens tiravam suas barbas e seus óculos e seus narizes e se transformavam em outras pessoas. Aquela autoconfiança trágica que sentiu quando acreditou que o Marquês era um demônio, estranhamente desapareceu agora que ele sabia que o Marquês era um amigo. Sentiu-se quase inclinado a perguntar, depois de todas essas perplexidades, o que era um amigo e o que era um inimigo. Havia algo diferente do que parecia? O Marquês tirara o nariz e acabara por ser um detetive. Será que ele não poderia muito bem tirar a cabeça e se tornar um duende? Afinal, não seria tudo como este bosque desconcertante, esta dança de escuridão e luz? Tudo apenas um vislumbre, o vislumbre sempre imprevisto e sempre esquecido. Pois Gabriel Syme tinha encontrado no coração daquele bosque salpicado de sol, o que muitos pintores modernos lá encontraram. Ele havia encontrado o que as pessoas modernas chamam de Impressionismo, que é outro nome para o ceticismo final que não pode encontrar base para o universo.

Enquanto um homem em um sonho ruim se esforça para gritar e acordar, Syme esforçou-se repentinamente para se livrar dessa última e pior de suas fantasias. Com dois passos impacientes, ele alcançou o homem que usava o chapéu de

palha do Marquês, o homem a quem ele viera a chamar de Ratcliffe. Em uma voz exageradamente alta e alegre, ele quebrou o silêncio profundo e puxou conversa.

“Posso perguntar”, disse ele, “para onde vamos todos?”

Tão genuínas haviam sido as dúvidas de sua alma, que ficou muito feliz em ouvir seu companheiro falar em uma voz humana suave.

“Precisamos atravessar a cidade de Lancy até o mar”, disse ele. “Acho que é menos provável que parte do país esteja com eles.”

“O que você quer dizer com tudo isso?” exclamou Syme. “Eles não podem comandar o mundo real dessa maneira. Certamente muitos trabalhadores não são anarquistas e, certamente, se fossem, meras turbas não poderiam derrotar a polícia e os exércitos modernos.”

“Meras turbas!” repetiu seu novo amigo com um bufo de desprezo. “Então você fala sobre turbas e as classes trabalhadoras como se fossem a questão. Você tem aquela eterna ideia idiota de que, se a anarquia viesse, viria dos pobres. Por que deveria? Os pobres têm sido rebeldes, mas nunca foram anarquistas; eles têm mais interesse do que ninguém em haver um governo decente. O homem pobre realmente tem interesse na pátria. O homem rico não tem; ele pode ir para a Nova Guiné em um iate. Os pobres às vezes se opõem a serem mal governados; os ricos sempre se opuseram a serem governados. Os aristocratas sempre foram anarquistas, como você pode ver nas guerras dos barões.”

“Como uma palestra sobre a história da Inglaterra para crianças”, disse Syme, “tudo isso é muito bom; mas ainda não compreendi sua aplicação.”

“Sua aplicação é”, disse seu informante, “que a maioria dos braços direitos do velho Domingo são milionários sul-africanos e americanos. É por isso que ele conseguiu todas as comunicações; e é por isso que os quatro últimos

paladinos da força policial antianarquista estão fugindo por uma floresta como coelhos.”

“Eu posso entender os milionários”, disse Syme pensativo, “eles são quase todos loucos. Mas pegar alguns cavalheiros velhos e perversos com hobbies é uma coisa; pegar grandes nações cristãs é outra. Apostaria o meu nariz (perdoe a alusão) que Domingo ficaria perfeitamente impotente diante da tarefa de converter qualquer pessoa normal e saudável em qualquer lugar.”

“Bem”, disse o outro, “depende muito do tipo de pessoa a que se refere.”

“Bem, por exemplo,” disse Syme, “ele nunca poderia converter aquela pessoa”, e apontou diretamente para a sua frente.

Eles haviam chegado a um espaço aberto de sol, o que parecia expressar a Syme o retorno final de seu próprio bom senso; e no meio dessa clareira na floresta estava uma figura que poderia muito bem representar esse bom senso em uma realidade quase terrível. Queimado pelo sol e manchado de suor, e sério com a gravidade sem fundo de pequenos trabalhos necessários, um pesado camponês francês cortava lenha com uma machadinha. Sua carroça estava a alguns metros de distância, já meio cheia de madeira; e o cavalo que cortava a grama era, como seu mestre, valente, mas não desesperado; como seu mestre, ele era até próspero, mas ainda estava quase triste. O homem era um normando, mais alto do que a média dos franceses e muito anguloso; e sua figura morena ficou escura contra um quadrado de luz solar, quase como uma figura alegórica de trabalho com afrescos em um fundo dourado.

“O senhor Syme está dizendo”, gritou Ratcliffe para o coronel francês, “que este homem, pelo menos, nunca será um anarquista.”

“O senhor Syme tem razão”, respondeu o Coronel Ducroix, rindo, “pelo menos porque tem muitas

propriedades para defender. Mas esqueci-me que em seu país você não está acostumado a ver os camponeses ricos."

"Ele parece pobre", disse o Dr. Bull em dúvida.

"É isso mesmo", disse o Coronel; "é por isso que ele é rico."

"Tenho uma ideia", gritou o Dr. Bull de repente; "quanto custaria para ele nos dar uma carona em sua carroça? Aqueles cães vêm a pé, e em breve poderemos deixá-los para trás."

"Oh, dê-lhe qualquer coisa!", Disse Syme ansiosamente. "Tenho muito dinheiro comigo."

"Isso nunca vai dar certo", disse o Coronel; "ele nunca terá nenhum respeito por você, a menos que você faça uma barganha."

"Oh, se ele pechinchar!" começou Bull impaciente.

"Ele pechincha porque é um homem livre", disse o outro. "Você não entende; ele não veria o significado de generosidade. Ele não está recebendo gorjeta."

E mesmo enquanto pareciam ouvir os passos pesados de seus estranhos perseguidores atrás deles, eles tinham que ficar de pé e bater os pés enquanto o coronel francês falava com o lenhador francês com todas as piadas e discussões do dia de mercado. Ao cabo dos quatro minutos, porém, viram que o Coronel tinha razão, pois o lenhador entrou em seus planos, não com o vago servilismo de um vigarista bem pago, mas com a seriedade de um procurador que havia sido pago adequadamente. Disse-lhes que a melhor coisa que podiam fazer era descer até a pequena estalagem nas colinas acima de Lancy, onde o estalajadeiro, um velho soldado que se tornara devoto em seus últimos anos, certamente simpatizaria com eles e até mesmo correria riscos em seu apoio. Todo o grupo, portanto, empilhou-se no topo das pilhas de madeira e foi balançando na carroça rústica pelo outro lado mais íngreme do bosque. Pesado e desorganizado como era o veículo, andava com rapidez suficiente, e eles logo tiveram a impressão estimulante de

distanciar completamente daqueles, quem quer que fossem, que os estavam caçando. Afinal, o enigma sobre onde os anarquistas haviam conseguido todos aqueles seguidores ainda não estava resolvido. A presença de um só homem bastara para eles; haviam fugido ao primeiro sinal do sorriso deformado do Secretário. Syme de vez em quando olhava por cima do ombro para o exército em seu encalço.

À medida que o bosque ficava mais fino, e depois menor com a distância, ele podia ver as encostas iluminadas pelo sol além e acima dela; através da qual ainda se movia a multidão negra quadrada como um besouro monstruoso. Na luz solar muito forte e com seus próprios olhos muito fortes, que eram quase telescópicos, Syme podia ver aquela massa de homens com toda a clareza. Ele podia vê-los como figuras humanas separadas; mas estava cada vez mais surpreso com a maneira como eles se moviam como um só homem. Eles pareciam estar vestidos com roupas escuras e chapéus simples, como qualquer multidão comum fora das ruas; mas não se propagavam e se espalhavam e seguiam em frente por várias linhas até o ataque, como seria natural em uma turba comum. Eles se moviam com uma espécie de rigidez terrível e perversa, como um exército de autômatos olhando fixamente.

Syme apontou isso para Ratcliffe.

“Sim”, respondeu o policial, “isso é disciplina. Isso é Domingo. Ele está talvez a oitocentos quilômetros, mas todos eles temem-no, como o dedo de Deus. Sim, eles estão marchando regularmente; e pode apostar suas botas que eles estão falando regularmente, sim, e pensando regularmente. Mas o que é importante para nós é que eles estão desaparecendo regularmente.”

Syme assentiu. Era verdade que a mancha negra dos perseguidores ficava cada vez menor à medida que o camponês incitava o cavalo.

O nível da paisagem iluminada pelo sol, embora plana como um todo, diminuía do outro lado do bosque em ondas de forte declive em direção ao mar, de uma forma não muito diferente das encostas mais baixas das colinas de Sussex. A única diferença era que em Sussex a estrada teria sido tortuosa e angular como um pequeno riacho, mas aqui a branca estrada francesa caía íngreme em frente deles como uma cachoeira. Descendo esse declive direto, a carroça balançou em um ângulo considerável e, em poucos minutos, a estrada ficando ainda mais íngreme, eles viram abaixo deles o pequeno porto de Lancy e um grande arco azul do mar. A nuvem itinerante de seus inimigos havia desaparecido totalmente do horizonte.

O cavalo e a carroça deram uma guinada brusca em torno de um aglomerado de olmos, e o focinho do cavalo quase atingiu o rosto de um senhor idoso que estava sentado nos bancos do lado de fora do pequeno café “Le Soleil d'Or”. O camponês resmungou um pedido de desculpas e desceu de seu assento. Os outros também desceram um a um e falaram com o velho cavalheiro com frases fragmentárias de cortesia, pois era bastante evidente por sua maneira expansiva que ele era o dono da pequena taberna.

Era um velho de cabelos brancos, rosto maciço, olhos sonolentos e bigode grisalho; robusto, sedentário e muito inocente, de um tipo que pode ser encontrado com frequência na França, mas ainda é mais comum na Alemanha católica. Tudo sobre ele, seu cachimbo, seu caneco de cerveja, suas flores e sua colmeia, sugeria uma paz ancestral; somente quando seus visitantes ergueram os olhos ao entrarem na estalagem, viram a espada na parede.

O Coronel, que saudou o estalajadeiro como um velho amigo, passou rapidamente pela estalagem e sentou-se para pedir um refresco costumeiro. A decisão militar de sua ação interessou a Syme, que se sentou ao lado dele, e

aproveitou a oportunidade quando o velho estalajadeiro saiu para satisfazer sua curiosidade.

“Posso perguntar-lhe, Coronel”, disse ele em voz baixa, “por que viemos aqui?”

O Coronel Ducroix sorriu por trás de seu bigode branco e eriçado.

“Por duas razões, senhor”, disse ele; “e eu darei primeiro, não a mais importante, mas a mais utilitária. Viemos aqui porque este é o único lugar em um raio de trinta quilômetros em que podemos conseguir cavalos.”

“Cavalos!” repetiu Syme, erguendo os olhos rapidamente.

“Sim”, respondeu o outro; “se vocês realmente querem distanciar seus inimigos, são cavalos ou nada para vocês, a menos, é claro, que tenham bicicletas e automóveis no bolso.”

“E para onde você nos aconselha a ir?” perguntou Syme em dúvida.

“Sem dúvida”, respondeu o Coronel, “é melhor você se apressar para a delegacia de polícia além da cidade. Meu amigo, a quem apadrinhei em circunstâncias um tanto enganosas, parece-me exagerar muito as possibilidades de um levante geral; mas mesmo ele dificilmente sustentaria, suponho, que você não estava seguro junto aos gendarmes.”

Syme assentiu gravemente; então disse abruptamente:

“E sua outra razão para vir aqui?”

“Minha outra razão para vir aqui”, disse Ducroix sobriamente, “é que é bom ver um ou dois homens bons quando um está possivelmente perto da morte.”

Syme ergueu os olhos para a parede e viu um quadro religioso patético e toscamente pintado. Então disse:

“Você está certo”, e quase imediatamente depois, “Alguém tratou sobre os cavalos?”

“Sim”, respondeu Ducroix, “você pode estar certo de que dei ordens no momento em que entrei. Aqueles seus

inimigos não deram a impressão de estar apressados, mas eles estavam realmente se movendo maravilhosamente rápido, como um exército bem treinado. Não fazia ideia de que os anarquistas tinham tanta disciplina. Você não tem um minuto a perder.”

Quase enquanto falava, o velho estalajadeiro de olhos azuis e cabelos brancos entrou vagarosamente no salão, e anunciou que seis cavalos estavam selados do lado de fora.

Seguindo o conselho de Ducroix, os outros cinco se equiparam com alguma forma portátil de comida e vinho e, mantendo suas espadas de duelo como as únicas armas disponíveis, eles avançaram ruidosamente pela estrada íngreme e branca. Os dois criados, que tinham carregado a bagagem do Marquês quando este ainda era marquês, foram deixados para trás, para beber no café, de comum acordo, e não contra sua própria vontade.

A essa altura, o sol da tarde estava se inclinando para oeste e, aos seus raios, Syme podia ver a figura robusta do velho estalajadeiro cada vez menor, mas ainda de pé e olhando para eles em silêncio, com o sol em seus cabelos prateados. Syme tinha uma fantasia fixa e supersticiosa, deixada em sua mente pela frase casual do Coronel, de que este era de fato, talvez, o último estranho honesto que ele deveria ver na terra.

Ele ainda estava olhando para essa figura cada vez menor, que parecia uma mera mancha cinza tocada por uma chama branca contra a grande parede verde da escarpa atrás dele. E enquanto ele olhava para o topo da colina atrás do estalajadeiro, apareceu um exército de homens vestidos de preto e marchando. Pareciam pairar sobre o homem bom e sua casa como uma nuvem negra de gafanhotos. Os cavalos tinham sido selados a tempo.

CAPÍTULO XII

O MUNDO EM ANARQUIA

Incitando os cavalos a galopar, sem respeitar a descida bastante acidentada da estrada, os cavaleiros logo recuperaram sua vantagem sobre os homens em marcha e, por fim, o tamanho dos primeiros edifícios de Lancy impedia a visão de seus perseguidores. Mesmo assim, a viagem tinha sido longa e, quando chegaram ao centro da cidade, o oeste estava se aquecendo com a cor e a qualidade do pôr do sol. O Coronel sugeriu que, antes de se dirigirem finalmente à esquadra, deviam, de passagem, se juntarem a mais uma pessoa que pudesse ser útil.

“Quatro dos cinco homens ricos desta cidade”, disse ele, “são vigaristas comuns. Suponho que a proporção seja bastante igual em todo o mundo. O quinto é um amigo meu e um sujeito muito bom; e o que é ainda mais importante do nosso ponto de vista, ele possui um automóvel.”

“Tenho receio”, disse o Professor com seu jeito alegre, olhando para trás ao longo da estrada branca na qual a mancha negra e rastejante poderia aparecer a qualquer momento, “receio que mal tenhamos tempo para visitas à tarde.”

“A casa do Dr. Renard fica a apenas três minutos daqui”, disse o Coronel.

“Nosso perigo”, disse o Dr. Bull, “não está nem a dois minutos.”

“Sim”, disse Syme, “se formos rápido, devemos deixá-los para trás, pois estão a pé.”

“Ele tem um automóvel”, disse o Coronel.

“Mas podemos não conseguir”, disse Bull.

“Sim, ele está totalmente do nosso lado.”

“Mas ele pode ter saído.”

“Segure a língua”, disse Syme de repente. “Que barulho é esse?”

Por um segundo, todos ficaram parados como estátuas equestres, e por um segundo — por dois, três ou quatro segundos — o céu e a terra pareceram igualmente imóveis. Então todos os seus ouvidos, em agonia de atenção, ouviram ao longo da estrada aquela indescritível emoção e pulsação que só significa uma coisa — cavalos!

O rosto do Coronel mudou instantaneamente, como se um raio o tivesse atingido e, no entanto, o deixado sem feridas.

“Eles nos pegaram”, disse ele, com uma breve ironia militar. “Prepare-se para receber a cavalaria!”

“Onde eles conseguiram os cavalos?” perguntou Syme, enquanto mecanicamente impelia seu corcel para um galope.

O Coronel ficou em silêncio por um momento, depois disse com a voz tensa:

“Eu estava falando com precisão estrita quando disse que o ‘Soleil d'Or’ era o único lugar onde se podiam obter cavalos em um raio de trinta quilômetros.”

“Não!” disse Syme com violência: “Não creio que ele faria isso. Não com todo aquele cabelo branco.”

“Ele pode ter sido forçado”, disse o Coronel gentilmente. “Devem ter pelo menos cem homens, por isso vamos todos ver meu amigo Renard, que tem um automóvel.”

Com essas palavras ele girou seu cavalo repentinamente na esquina de uma rua e a desceu com tal velocidade que

os outros, embora já estivessem galopando, tiveram dificuldade em seguir a cauda voadora de seu cavalo.

O Dr. Renard habitava uma casa alta e confortável no topo de uma rua íngreme, de modo que quando os cavaleiros pousaram em sua porta, puderam mais uma vez ver a sólida crista verde da colina, com a estrada branca atravessando-a, erguendo-se acima de todos os telhados da cidade. Eles respiraram de novo para ver se a estrada ainda estava limpa e tocaram a campainha.

O Dr. Renard era um homem radiante de barba marrom, um bom exemplo daquela classe profissional silenciosa, mas muito ocupada, que a França preservou com ainda mais perfeição do que a Inglaterra. Quando o assunto foi explicado a ele, ele desprezou totalmente o pânico do ex-marquês; disse, com o sólido ceticismo francês, que não havia probabilidade concebível de um levante anarquista geral. “Anarquia”, disse ele, encolhendo os ombros, “é infantilidade!”

“*Et ca*”, gritou o Coronel de repente, apontando sobre o ombro do outro, “e isso é infantilidade, não é?”

Todos olharam em volta e viram uma curva de cavalaria negra passar por cima da colina com toda a energia de Átila. Rapidamente enquanto cavalgavam, no entanto, toda a fileira ainda se mantinha bem unida, e eles podiam ver as viseiras negras da primeira linha tão niveladas quanto uma linha de uniformes. Mas embora o quadrado preto principal fosse o mesmo, embora viajasse mais rápido, havia agora uma diferença sensacional que eles podiam ver claramente na encosta da colina, como se estivessem em um mapa inclinado. A maior parte dos cavaleiros estava em um bloco; mas um cavaleiro voava muito à frente da coluna e, com movimentos frenéticos de mão e calcanhar, incitando seu cavalo cada vez mais rápido, de modo que se poderia imaginar que ele não era o perseguidor, mas o perseguido. Mas mesmo àquela grande distância eles

puderam ver algo tão fanático, tão inquestionável em sua figura, que sabiam que era o próprio Secretário.

“Lamento interromper uma discussão culta”, disse o Coronel, “mas pode me emprestar seu automóvel agora, dentro de dois minutos?”

“Suspeito que todos vocês são loucos”, disse o Dr. Renard, sorrindo sociável; “mas Deus me livre que a loucura interrompa de alguma forma a amizade. Vamos até a garagem.”

O Dr. Renard era um homem moderado com uma riqueza monstruosa; seus aposentos eram como o Museu de Cluny e ele possuía três automóveis. No entanto, parecia usar com muita parcimônia, tendo os gostos simples da classe média francesa, e quando seus impacientes amigos vieram examiná-los, demoraram algum tempo para se assegurarem de que um deles poderia até mesmo ser posto para funcionar. Eles trouxeram este com alguma dificuldade para a rua em frente à casa do Doutor. Quando saíram da garagem escura, ficaram surpresos ao descobrir que o crepúsculo já havia caído com a abrupta da noite nos trópicos. Ou eles ficaram mais tempo do que imaginavam, ou alguma nuvem incomum se formara sobre a cidade. Eles olharam para as ruas íngremes e pareceram ver uma leve névoa subindo do mar.

“É agora ou nunca”, disse o Dr. Bull. “Eu ouço cavalos.”

“Não”, corrigiu o Professor, “um cavalo.”

E, enquanto ouviam, era evidente que o barulho, que se aproximava rapidamente nas pedras barulhentas, não era o barulho de toda a cavalgada, mas o do cavaleiro que a deixara para trás — o insano Secretário.

A família de Syme, como a maioria daqueles que terminam na vida simples, já tivera um automóvel e ele sabia tudo sobre eles. Ele saltou imediatamente para o assento do chofer e, com o rosto vermelho, torcia e puxava o mecanismo desativado. Ele concentrou sua força em uma das alavancas e, em seguida, disse baixinho:

“Eu temo que não vá.”

Enquanto falava, dobrou a esquina um homem, rígido em seu cavalo apressado, com o ímpeto e a rigidez de uma flecha. Ele tinha um sorriso que projetava o queixo como se estivesse deslocado. Passou ao lado do carro parado, no qual o grupo havia entrado, e colocou a mão na frente. Era o Secretário, e sua boca se endireitou na solenidade do triunfo.

Syme apoiava-se com força no volante e não se ouvia nenhum som a não ser o estrondo dos outros perseguidores entrando na cidade. Então ouviu-se repentinamente um berro de ferro raspando e o carro saltou para a frente. Ele arrancou o Secretário da sela, como uma faca é arrancada de sua bainha, arrastou-o terrivelmente por vinte metros, e o deixou jogado na estrada bem na frente de seu cavalo assustado. Quando o carro pegou a esquina da rua com uma curva esplêndida, eles puderam ver os outros anarquistas enchendo a rua e erguendo seu líder caído.

“Não consigo entender por que está tão escuro”, disse o Professor finalmente em voz baixa.

“Vai haver uma tempestade, eu acho”, disse o Dr. Bull. “Eu digo, é uma pena que não temos luz neste carro, apenas para ver.”

“Sim”, disse o Coronel, e pescou do chão do carro uma pesada lanterna de ferro entalhado com uma luz dentro. Era obviamente uma antiguidade, e parecia que seu uso original tinha sido de alguma forma semirreligioso, pois havia um rude molde de uma cruz em um de seus lados.

“Onde diabos você conseguiu isso?” perguntou o Professor.

“Consegui onde consegui o carro”, respondeu o Coronel, rindo, “do meu melhor amigo. Enquanto nosso amigo aqui brigava com o volante, subi correndo os degraus da frente da casa e falei com Renard, que estava de pé em sua própria varanda, você se lembrará. ‘Suponho’, eu disse, ‘não há tempo para conseguir uma lâmpada’. Ele olhou para

cima, piscando amigavelmente para o belo teto arqueado de seu próprio saguão. Dele estava suspensa, por correntes de primorosa ferragem, esta lanterna, um dos cem tesouros de sua casa. Pela simples força, ele arrancou a lâmpada de dentro do próprio teto, estilhaçando os painéis pintados e derrubando dois vasos azuis com sua violência. Então me entregou a lanterna de ferro e eu a coloquei no carro. Não estava certo quando disse que valia a pena conhecer o Dr. Renard?"

"Você estava", disse Syme sério, e pendurou a pesada lanterna na frente. Havia uma certa alegoria de toda a sua posição no contraste entre o automóvel moderno e sua estranha lâmpada eclesiástica. Até então haviam passado pela parte mais tranquila da cidade, encontrando no máximo um ou dois pedestres, que não podiam dar-lhes nenhum indício da paz ou da hostilidade do lugar. Agora, porém, as janelas das casas começavam a ser acesas uma a uma, dando uma maior sensação de habitação e humanidade. O Dr. Bull voltou-se para o novo detetive que comandava a fuga e permitiu-se um dos seus sorrisos naturais e amigáveis.

"Essas luzes fazem a pessoa se sentir mais alegre."

O inspetor Ratcliffe juntou as sobrancelhas.

"Só há um conjunto de luzes que me deixa mais alegre", disse ele, "e são aquelas luzes da delegacia de polícia que posso ver além da cidade. Por favor, Deus, podemos estar lá em dez minutos."

Então todo o bom senso e otimismo de Bull o abandonaram de repente.

"Oh, isso tudo é um absurdo delirante!" ele gritou. "Se você realmente acha que as pessoas comuns em casas comuns são anarquistas, você deve ser mais louco do que um anarquista. Se voltássemos e lutássemos contra aqueles indivíduos, toda a cidade lutaria por nós."

"Não", disse o outro com uma simplicidade inabalável, "a cidade inteira lutaria por eles. Veremos."

Enquanto falavam, o Professor inclinou-se para a frente com repentino entusiasmo.

“Que barulho é esse?” ele disse.

“Oh, os cavalos atrás de nós, suponho”, disse o Coronel. “Eu pensei que tínhamos nos livrado deles.”

“Os cavalos atrás de nós! Não”, disse o Professor, “não são cavalos, e não estão atrás de nós.”

Quase enquanto falava, do outro lado da rua, diante deles, dois vultos brilhantes e barulhentos passaram disparados. Eles desapareceram quase num piscar de olhos, mas todos puderam ver que eram automóveis, e o Professor se levantou com o rosto pálido e jurou que eram os outros dois automóveis da garagem do Dr. Renard.

“Eu lhes digo que eram dele”, repetiu, com olhos selvagens, “e estavam cheios de homens mascarados!”

“Absurdo!” disse o Coronel com raiva. “Dr. Renard nunca lhes daria seus carros.”

“Ele pode ter sido forçado”, disse Ratcliffe calmamente. “A cidade inteira está do lado deles.”

“Você ainda acredita nisso”, perguntou o Coronel, incrédulo.

“Vocês todos vão acreditar em breve”, disse o outro com uma calma desesperadora.

Houve uma pausa intrigada por algum tempo, e então o Coronel começou de novo abruptamente:

“Não, não posso acreditar. A coisa é um absurdo. As pessoas simples de uma pacífica cidade francesa...”

Ele foi interrompido por um estrondo e um clarão de luz, que pareceu perto de seus olhos. Quando o carro acelerou, deixou uma mancha flutuante de fumaça branca atrás de si, e Syme ouviu um tiro estridente passando por seu ouvido.

“Meu Deus!” disse o Coronel, “alguém atirou em nós.”

“Não é preciso interromper a conversa”, disse o sombrio Ratcliffe. “Por favor, retome seus comentários, Coronel. Você estava falando, eu acho, sobre as pessoas comuns de uma pacífica cidade francesa.”

O pasmo Coronel estava longe de se preocupar com a sátira. Ele rolou os olhos por toda a rua.

“É extraordinário”, disse ele, “extraordinário.”

“Uma pessoa meticulosa”, disse Syme, “pode até chamar de desagradável. No entanto, suponho que as luzes apagadas no campo além desta rua sejam as da Gendarmaria.[4] Em breve chegaremos lá.”

“Não”, disse o inspetor Ratcliffe, “nunca chegaremos lá.”

Ele estava se levantando e olhando intensamente para frente. Sentou-se e alisou seu cabelo liso com um gesto cansado.

“O que você quer dizer?” perguntou Bull asperamente.

“Quero dizer que nunca chegaremos lá”, disse o pessimista placidamente. “Eles já têm duas fileiras de homens armados do outro lado da estrada; posso vê-los daqui. A cidade está em armas, como eu disse que estava. Só posso chafurdar no conforto requintado de minha própria exatidão.”

Ratcliffe sentou-se confortavelmente no carro e acendeu um cigarro, mas os outros se levantaram com entusiasmo e olharam para a estrada. Syme diminuiu a velocidade do carro quando seus planos se tornaram duvidosos, e ele finalmente parou-o na esquina de uma rua lateral que descia de forma íngreme até o mar.

A cidade estava quase toda na sombra, mas o sol ainda não havia se posto; onde quer que sua luz nivelada pudesse irromper, ela pintava tudo com um dourado ardente. Nesta rua lateral, a última luz do pôr do sol brilhava tão nítida e estreita quanto um feixe de luz artificial de teatro. Atingiram o carro dos cinco amigos e o iluminaram como uma carruagem em chamas. Porém o resto da rua, especialmente as duas extremidades, estava no crepúsculo mais profundo e, por alguns segundos, eles não conseguiram ver nada. Então Syme, cujos olhos eram os mais penetrantes, soltou um assobio amargo e disse:

“É bem verdade. Há uma multidão ou um exército ou algo parecido do outro lado da rua.”

“Bem, se houver”, disse Bull impaciente, “deve ser outra coisa — uma luta simulada ou o aniversário do prefeito ou algo assim. Não posso e não vou acreditar que pessoas simples e alegres em um lugar como este andem com dinamite nos bolsos. Avance um pouco, Syme, e deixe-nos dar uma olhada neles.”

O carro se arrastou cerca de cem metros adiante, e então todos se assustaram com o Dr. Bull dando uma gargalhada alta.

“Ora, seus canalhas idiotas!” ele gritou, “o que eu disse a vocês. Essa multidão é tão obediente à lei quanto uma vaca, e se não for, está do nosso lado.”

“Como você sabe?” perguntou o Professor, olhando.

“Seu morcego cego”, gritou Bull, “você não vê quem os está liderando?”

Eles espiaram novamente, e então o Coronel, com voz embargada, gritou:

“Ora, é Renard!”

Havia, de fato, uma fileira de figuras indistintas cruzando a estrada e não podiam ser vistas com clareza; mas longe o suficiente para captar o acaso da luz do entardecer, espreitava para cima e para baixo o inconfundível Dr. Renard, de chapéu branco, acariciando sua longa barba castanha e segurando um revólver na mão esquerda.

“Que idiota fui!”, Exclamou o Coronel. “Claro, o querido velho amigo apareceu para nos ajudar.”

O Dr. Bull estava borbulhando de tanto rir, balançando a espada em sua mão tão descuidadamente quanto uma bengala. Ele saltou do carro e correu pelo espaço intermediário, chamando:

“Dr. Renard! Dr. Renard!”

Um instante depois Syme pensou que seus próprios olhos enlouqueciam. Pois o filantrópico Dr. Renard levantou

deliberadamente o revólver e disparou duas vezes contra Bull, de modo que os tiros ecoaram pela estrada.

Quase no mesmo segundo em que uma nuvem branca subiu dessa explosão atroz, uma longa nuvem branca subiu também do cigarro do cínico Ratcliffe. Como todo o resto, ele ficou um pouco pálido, mas sorriu. O Dr. Bull, contra quem as balas foram disparadas, sem acertar seu couro cabeludo, ficou imóvel no meio da estrada sem dar sinal de medo, e então virou-se muito lentamente e rastejou de volta para o carro, e entrou com dois buracos através de seu chapéu.

“Bem”, disse lentamente o fumante, “o que você acha agora?”

“Eu acho”, disse o Dr. Bull com precisão, “que estou deitado na cama do nº 217 dos edifícios Peabody e que logo acordarei com um salto; ou, se não for isso, acho que estou sentado em uma pequena cela acolchoada em Hanwell, e que o médico não pode dar muita importância ao meu caso. Mas se você quiser saber o que eu não penso, eu lhe direi. Não penso o que você pensa. Eu não penso, e nunca vou pensar, que a massa de homens comuns é um bando de pensadores modernos sujos. Não, senhor, sou um democrata e ainda não acredito que Domingo possa converter um marinheiro ou contramestre. Não, eu posso estar louco, mas a humanidade não.”

Syme voltou seus olhos azuis brilhantes para Bull com uma seriedade que normalmente não deixava clara.

“Você é um sujeito muito bom”, disse ele. “Você pode acreditar em uma sanidade que não é meramente sua sanidade. E você está certo o suficiente sobre a humanidade, sobre os camponeses e pessoas como aquele velho estalajadeiro alegre. Mas você não está certo sobre Renard. Eu suspeitei dele desde o início. Ele é racionalista e, o que é pior, é rico. Quando o dever e a religião forem realmente destruídos, será pelos ricos.”

“Eles estão realmente destruídos agora”, disse o homem com o cigarro e levantou-se com as mãos nos bolsos. “Os demônios estão chegando!”

Os homens do carro olharam ansiosos na direção de seu olhar sonhador e viram que todo o regimento no final da estrada avançava sobre eles, o Dr. Renard marchando furiosamente na frente, com a barba voando ao vento.

O Coronel saltou do carro com uma exclamação intolerante.

“Senhores”, gritou ele, “a coisa é incrível. Deve ser uma piada. Se vocês conhecessem Renard como eu, é como chamar a Rainha Vitória de dinamitista. Se vocês colocassem o caráter do homem em sua cabeça...”

“Dr. Bull”, disse Syme sarcasticamente, “pelo menos tem-no em seu chapéu.”

“Eu digo que não pode ser!” gritou o Coronel, esbravejando. “Renard deve explicar. Ele deve explicar para mim”, e avançou.

“Não tenha tanta pressa”, disse o fumante. “Ele vai explicar muito em breve para todos nós.”

Mas o impaciente coronel já estava fora do alcance da voz, avançando em direção ao inimigo que avançava. O excitado Dr. Renard ergueu a pistola novamente, mas ao perceber seu oponente, hesitou, e o Coronel ficou cara a cara com ele com gestos frenéticos de protesto.

“Não adianta”, disse Syme. “Ele nunca vai conseguir nada daquele velho pagão. Eu voto para dirigirmos no meio deles, como as balas atravessaram o chapéu de Bull. Podemos todos ser mortos, mas devemos matar um bom número deles.”

“Eu não vou aceitar”, disse o Dr. Bull, tornando-se mais vulgar na sinceridade de sua virtude. “Os pobres coitados podem estar cometendo um erro. Dê uma chance ao Coronel.”

“Vamos voltar, então?” perguntou o Professor.

“Não”, disse Ratcliffe com uma voz fria, “a rua atrás de nós também estão ocupadas. Na verdade, parece que vejo outro amigo seu, Syme.”

Syme girou com agilidade e olhou para trás, para a trilha que haviam percorrido. Ele viu um corpo irregular de cavaleiros se reunindo e galopando em direção a eles na escuridão. Viu acima da sela da frente o brilho prateado de uma espada, e então, à medida que se aproximava, o brilho prateado do cabelo de um velho. No momento seguinte, com violência destruidora, ele virou o carro e o lançou pela íngreme rua lateral até o mar, como um homem que deseja apenas morrer.

“O que diabos está acontecendo?” gritou o Professor, agarrando seu braço.

“A estrela da manhã caiu!” disse Syme, enquanto o seu próprio carro descia na escuridão como uma estrela cadente.

Os outros não entenderam suas palavras, mas quando olharam para a rua acima, viram a cavalaria hostil virando a esquina e descendo as encostas atrás deles; e acima de tudo cavalgava o bom estalajadeiro, ruborizado com a inocência ígnea da luz da tarde.

“O mundo está louco!” disse o Professor, e enterrou o rosto nas mãos.

“Não”, disse o Dr. Bull com humildade inflexível, “eu estou.”

“O que nós vamos fazer?” perguntou o Professor.

“Neste momento”, disse Syme, com um distanciamento científico, “acho que vamos bater contra um poste de luz.”

No instante seguinte, o automóvel atingiu um objeto de ferro com uma pancada catastrófica. Logo depois, quatro homens haviam se arrastado para fora de um caos de metal, e um poste alto e estreito que se erguia bem na beira da passarela da marinha destacou-se, dobrado e retorcido, como o galho de uma árvore quebrada.

“Bem, nós quebramos alguma coisa”, disse o Professor, com um leve sorriso. “Isso é um pouco reconfortante.”

“Você está se tornando um anarquista”, disse Syme, espanando as roupas com seu instinto de delicadeza.

“Todo mundo está”, disse Ratcliffe.

Enquanto falavam, o cavaleiro de cabelos brancos e seus seguidores vieram trovejando de cima, e quase no mesmo momento, uma fileira escura de homens corria gritando ao longo da orla marítima. Syme agarrou numa espada e levou-a entre os dentes; enfiou duas outras debaixo das axilas, pegou uma quarta na mão esquerda e a lanterna na direita, e saltou da alta passarela para a praia abaixo.

Os outros pularam atrás dele, com uma aceitação comum de tal ação decisiva, deixando os escombros e a multidão reunida acima deles.

“Temos mais uma chance”, disse Syme, tirando o aço da boca. “Seja o que for que todo esse pandemônio signifique, suponho que a delegacia de polícia vai nos ajudar. Não podemos chegar lá, porque eles nos impedem o caminho. Mas há um píer ou quebra-mar que deságua no mar bem aqui, que poderíamos defender por mais tempo do que qualquer coisa mais, como Horácio e sua ponte. Devemos defendê-la até a Gendarmaria aparecer. Fiquem atrás de mim.”

Eles o seguiram enquanto ele descia pela praia, e em um ou dois segundos suas botas pisaram não no cascalho do mar, mas em pedras largas e planas. Marcharam por um longo cais baixo, rompendo para fora com um braço no mar turvo e fervente, e quando chegaram ao fim, sentiram que haviam chegado ao fim de sua história. Eles se viraram e encararam a cidade.

Aquela cidade fora transfigurada em tumulto. Ao longo de toda a passarela de onde eles tinham acabado de pular, havia um fluxo escuro e ruidoso de humanidade, com braços se agitando e rostos ardentes, tateando e olhando furiosamente para eles. A longa linha escura estava

pontilhada de tochas e lanternas; mas mesmo onde nenhuma chama iluminava um rosto furioso, eles podiam ver na figura mais distante, no gesto mais sombrio, um ódio organizado. Estava claro que eles eram os amaldiçoados de todos os homens, e eles não sabiam por quê.

Dois ou três homens, parecendo pequenos e negros macacos, pularam a borda como haviam feito e caíram na praia. Estes vieram arando a areia funda, gritando horrivelmente, e lutaram para entrar no mar ao acaso. O exemplo foi seguido, e toda a massa negra de homens começou a correr e pingar pela borda como melaço negro.

Em primeiro lugar entre os homens na praia, Syme viu o camponês que dirigia sua carroça. Ele mergulhou na arrebentação em uma enorme carroça e sacudiu seu machado para eles.

“Os camponeses!” exclamou Syme. “Eles não revoltam desde a Idade Média.”

“Mesmo que a polícia venha agora”, disse o Professor tristemente, “eles não podem fazer nada com essa turba.”

“Absurdo!” disse Bull desesperadamente; “deve haver algumas pessoas restantes na cidade que são humanas.”

“Não”, disse o desesperado Inspetor, “o ser humano logo estará extinto. Somos os últimos da humanidade.”

“Pode ser”, disse o Professor distraidamente. Depois acrescentou com sua voz sonhadora: “O que é tudo aquilo no final do ‘Dunciad’?[5]

> *‘Nem chama pública; nem privada, ousa brilhar;*
> *Nem resta luz humana, nem vislumbre divino!*
> *Eis! teu terrível Império, Caos, foi restaurado;*
> *A luz morre antes de tua palavra não criadora:*
> *Tua mão, grande Anarca, deixa a cortina cair;*
> *E a escuridão universal enterra tudo.’”*

“Chega!” gritou Bull de repente, “os guardas estão a sair.”

As luzes baixas da delegacia de polícia foram de fato apagadas e quebradas por figuras apressadas, e eles ouviram na escuridão o estrondo e o retinir de uma cavalaria disciplinada.

“Eles estão atacando a turba!” gritou Bull em êxtase ou alarme.

“Não”, disse Syme, “eles se formam ao longo da passarela.”

“Eles estão empunhando as carabinas”, gritou Bull, dançando de entusiasmo.

“Sim”, disse Ratcliffe, “e vão atirar em nós.”

Enquanto falava, ouviu-se um longo estalo de mosquete e as balas pareciam saltar como granizo nas pedras à sua frente.

“Os guardas se juntaram a eles!”, Gritou o Professor, e bateu na testa.

“Estou na cela acolchoada”, disse Bull com firmeza.

Houve um longo silêncio, e então Ratcliffe disse, olhando para o mar enfurecido, numa espécie de roxo acinzentado:

“O que importa quem está louco ou sensato? Estaremos todos mortos em breve.”

Syme voltou-se para ele e disse:

“Você está desesperado, então?”

O Sr. Ratcliffe manteve um silêncio pétreo; então, finalmente, disse calmamente:

“Não; por incrível que pareça, não estou totalmente desesperado. Há uma pequena esperança insana que não consigo tirar da minha mente. O poder de todo este planeta está contra nós, mas não posso deixar de me perguntar se esta pequena esperança boba ainda não tem solução.”

“Em que ou em quem está sua esperança?” perguntou Syme com curiosidade.

“Num homem que nunca vi”, disse o outro, olhando para o mar pesado.

“Eu sei o que você quer dizer”, disse Syme em voz baixa, “o homem do quarto escuro. Mas Domingo já deve tê-lo

matado.”

“Talvez”, disse o outro com firmeza; “mas se for assim, foi o único homem que Domingo encontrou dificuldade em matar.”

“Ouvi o que você disse”, disse o Professor, com suas costas voltadas. “Eu também estou acreditando com força no que nunca vi.”

De repente, Syme, que parecia cego de pensamentos introspectivos, virou-se e gritou, como um homem que acorda do sono:

“Onde está o Coronel? Achei que ele estava conosco!”

“O Coronel! Sim”, gritou Bull, “onde diabos está o Coronel?”

“Ele foi falar com Renard”, disse o Professor.

“Não podemos deixá-lo entre todos aqueles animais”, gritou Syme. “Vamos morrer como cavalheiros se...”

“Não lastime o Coronel”, disse Ratcliffe, com um sorriso de escárnio pálido. “Ele está extremamente confortável. Ele está...”

“Não, não e não!” gritou Syme numa espécie de frenesi, “o Coronel também não! Nunca vou acreditar!”

“Não vai acreditar nos seus olhos?” perguntou o outro, apontando para a praia.

Muitos de seus perseguidores tinham entrado na água sacudindo os punhos, mas o mar estava agitado e eles não conseguiam chegar ao cais. Duas ou três figuras, no entanto, estavam no início da trilha de pedra e pareciam estar avançando cautelosamente por ela. O brilho de uma lanterna casual iluminou os rostos dos dois primeiros. Um rosto usava uma mascarilha preta e, por baixo dela, a boca se contorcia em tal loucura de nervos que o tufo de barba negra girava e girava como uma coisa viva inquieta. O outro era o rosto vermelho e bigode branco do Coronel Ducroix. Eles estavam em uma conversa sincera.

“Sim, ele também se foi”, disse o Professor, sentando-se em uma pedra. “Tudo se foi. Eu fui-me! Não posso confiar

em minha própria maquinaria corporal. Sinto como se minha própria mão pudesse voar e me atingir.”

“Quando minha mão voar”, disse Syme, “ela atingirá outra pessoa”, e ele caminhou ao longo do cais em direção ao Coronel, a espada em uma das mãos e a lanterna na outra.

Como se quisesse destruir a última esperança ou dúvida, o Coronel, que o viu chegando, apontou-lhe o revólver e atirou. O tiro errou Syme, mas acertou sua espada, quebrando-a no punho. Syme correu e balançou a lanterna de ferro acima da cabeça.

“Judas perante Herodes!” disse ele, e derrubou o Coronel nas pedras. Em seguida, virou-se para o Secretário, cuja boca assustadora estava quase espumando agora, e ergueu a lâmpada com um gesto tão rígido e cativante que o homem ficou, por assim dizer, congelado por um momento e forçado a ouvir.

“Você vê esta lanterna?” exclamou Syme com uma voz terrível. “Você vê a cruz esculpida nela e a chama dentro dela? Você não a fez. Você não a acendeu. Homens melhores do que você, homens que podiam acreditar e obedecer, torceram as entranhas do ferro e preservaram a lenda do fogo . Não há uma rua em que você ande, não há um farrapo que você use, que não foi feito como esta lanterna foi, negando sua filosofia de sujeira e ratos. Você não pode fazer nada. Você só pode destruir. Você vai destruir a humanidade; você destruirá o mundo. Deixe isso lhe bastar. No entanto, esta velha lanterna cristã você não destruirá. Ela irá para onde seu império de macacos nunca terá a inteligência de encontrá-la.

Ele atingiu o Secretário uma vez com a lanterna de modo que este cambaleou; e então, girando-a duas vezes sobre a cabeça, atirou-a longe ao mar, onde brilhou como um foguete rugindo e caiu.

“Espadas!” gritou Syme, virando o rosto em chamas para os três atrás dele. “Vamos atacar esses cães, pois chegou a

nossa hora de morrer.”

Seus três companheiros vieram atrás dele com a espada na mão. A espada de Syme foi quebrada, mas ele arrancou uma clava do punho de um pescador, jogando-o no chão. Em um momento eles teriam se lançado sobre a face da turba e perecido, quando uma interrupção veio. O Secretário, desde o discurso de Syme, tinha estado com a mão na cabeça ferida como se estivesse atordoado; de repente tirou sua máscara preta.

O rosto pálido assim exposto à luz da lamparina revelou não tanto raiva quanto espanto. Ele ergueu a mão com ansiosa autoridade.

“Há algum engano”, disse ele. “Sr. Syme, acho que dificilmente entende sua posição. Eu o prendo em nome da lei.”

“Da lei?” disse Syme, e largou a bengala.

“Certamente!” disse o Secretário. “Eu sou um detetive da Scotland Yard”, e tirou um pequeno cartão azul do bolso.

“E o que você acha que somos?” perguntou o Professor, erguendo os braços.

“Vocês”, disse o Secretário rigidamente, “são, como eu sei de fato, membros do Supremo Conselho Anarquista. Disfarçado de um de vocês, eu...”

Dr. Bull jogou sua espada ao mar.

“Nunca houve um Supremo Conselho Anarquista”, disse ele. “Éramos todos policiais idiotas espiando uns aos outros. E todas essas pessoas legais que têm nos acertado com tiros pensaram que éramos os dinamitistas. Eu sabia que não poderia estar errado sobre a multidão", disse ele, sorrindo a enorme multidão, que se estendia ao longe em ambos os lados. “Pessoas vulgares nunca são loucas. Eu também sou vulgar, e eu sei. Agora estou indo até a praia para oferecer uma bebida a todos aqui.”

CAPÍTULO XIII

A PERSEGUIÇÃO AO PRESIDENTE

Na manhã seguinte, cinco pessoas perplexas, mas hilárias, pegaram o barco para Dover. O pobre velho Coronel pode ter tido algum motivo para reclamar, tendo sido primeiro forçado a lutar por duas facções que não existiam e depois derrubado com uma lanterna de ferro. Mas ele era um velho cavalheiro magnânimo e, ficando muito aliviado por nenhuma das partes ter algo a ver com dinamite, despediu-se deles no cais com grande jovialidade.

Os cinco detetives reconciliados tinham centenas de detalhes para explicar uns aos outros. O Secretário teve de contar a Syme como eles começaram a usar máscaras para abordar o suposto inimigo como companheiros conspiradores; Syme teve de explicar como fugiram com tanta rapidez por um país civilizado. Mas, acima de tudo, essas questões de detalhes que poderiam ser explicadas, subiu a montanha central da questão que eles não sabiam explicar. O que significava tudo? Se eram todos oficiais inofensivos, o que era Domingo? Se ele não tinha conquistado o mundo, o que diabos tinha estado a fazer? O inspetor Ratcliffe ainda estava triste com isso.

“Não consigo entender o joguinho do velho Domingo mais do que você”, disse ele. “Mas seja lá o que Domingo for, ele não é um cidadão inocente. Droga! Você se lembra do rosto dele?”

“Admito-te”, respondeu Syme, “que nunca consegui esquecer.”

“Bem”, disse o Secretário, “suponho que possamos descobrir em breve, pois amanhã teremos nossa próxima assembleia geral. Você vai me desculpar”, disse ele, com um sorriso bastante medonho, “por estar bem familiarizado com meus deveres de secretariado.”

“Suponho que você esteja certo”, disse o Professor pensativamente. “Suponho que possamos descobrir através dele; mas confesso que sinto um pouco de medo de perguntar a Domingo quem ele realmente é.”

“Por que”, perguntou o Secretário, “por medo das bombas?”

“Não”, disse o Professor, “por medo do que ele possa me contar.”

“Vamos beber um pouco”, disse o Dr. Bull, após um silêncio.

Durante toda a viagem de barco e trem, eles foram altamente sociáveis, mas instintivamente mantiveram-se juntos. O Dr. Bull, que sempre fora o otimista do partido, esforçou-se para persuadir os outros quatro de que toda a companhia poderia pegar a mesma charrete em Victoria; mas isso foi anulado, e foram em uma carruagem, com o Dr. Bull na boleia, a cantar. Eles terminaram a viagem em um hotel em Piccadilly Circus, por estar perto do desjejum da manhã seguinte em Leicester Square. Mesmo assim, as aventuras do dia não tinham terminado totalmente. O Dr. Bull, insatisfeito com a proposta geral de ir cedo para a cama, saiu do hotel por volta das onze horas para ver e provar algumas das belezas de Londres. Vinte minutos depois, entretanto, ele voltou e fez um grande clamor no corredor. Syme, que primeiro tentou acalmá-lo, foi forçado finalmente a ouvir sua comunicação com uma atenção totalmente nova.

“Eu digo a você que o vi!” disse o Dr. Bull, com forte ênfase.

“Quem?” perguntou Syme rapidamente. “O Presidente?”

“Não tão ruim assim”, disse o Dr. Bull, com risos desnecessários, “não tão ruim assim. Eu o trouxe aqui.”

“Quem está aqui?” perguntou Syme impaciente.

“O homem cabeludo”, disse o outro lúcido, “o homem que costumava ser cabeludo — Gogol. Aqui está ele”, e puxou para frente com uma cotovelada relutante o jovem idêntico que cinco dias antes havia marchado para fora do Conselho com cabelos ruivos ralos e rosto pálido, o primeiro de todos os falsos anarquistas que haviam sido denunciados.

“Por que você se preocupa comigo?” ele gritou. “Vocês me expulsaram como espião.”

“Somos todos espiões!” sussurrou Syme.

“Somos todos espiões!” gritou o Dr. Bull. “Venha e tome uma bebida.”

Na manhã seguinte, o batalhão dos seis reunidos marchou impassível em direção ao hotel em Leicester Square.

“Isso é mais animador”, disse o Dr. Bull; “somos seis homens que vão perguntar a outro o que ele pretende.”

“Acho que é um pouco mais esquisito do que isso”, disse Syme. “Acho que seis homens vão perguntar a um homem o que *eles* pretendem.”

Entraram em silêncio na Praça e, embora o hotel ficasse na esquina oposta, viram imediatamente a pequena sacada e uma figura que parecia grande demais para ela. Ele estava sentado sozinho com a cabeça baixa, debruçado sobre um jornal. Mas todos os seus conselheiros, quem tinha vindo para confrontá-lo, cruzaram aquela praça como se fossem observados do céu por uma centena de olhos.

Haviam discutido muito sobre sua política, sobre se deveriam deixar o Gogol desmascarado de fora e começar diplomaticamente, ou se deveriam trazê-lo e explodir a pólvora imediatamente. A influência de Syme e Bull prevaleceu para o último curso, embora o Secretário até o

fim perguntou-lhes por que atacavam Domingo de forma tão precipitada.

“Meu motivo é bastante simples”, disse Syme. “Eu o ataco precipitadamente porque tenho medo dele.”

Seguiram Syme pela escada escura em silêncio, e todos saíram ao mesmo tempo para a ampla luz do sol da manhã e o amplo sorriso radiante de Domingo.

“Magnifico!” ele disse. “Estou muito feliz em ver todos vocês. Que dia maravilhoso. O Czar está morto?”

O Secretário, que por acaso era o primeiro, projetou-se para um ataque digno.

“Não, senhor”, disse ele severamente “não houve massacre. Trago-lhe notícias de tais espetáculos nojentos.”

“Óculos nojentos?” repetiu o Presidente, com um sorriso brilhante e inquiridor. “Você quer dizer os óculos do Dr. Bull?”

O Secretário se engasgou por um momento, e o Presidente continuou com uma espécie de apelo suave:

“Claro, todos nós temos nossas opiniões e até mesmo nossos olhos, mas realmente chamá-los de nojentos diante do próprio homem...”

O Dr. Bull arrancou os óculos e os quebrou sobre a mesa.

“Meus óculos são horríveis”, disse ele, “mas eu não. Olhe para o meu rosto.”

“Ouso dizer que é o tipo de rosto que cresce em qualquer um”, disse o Presidente, “na verdade, cresce em você; e quem sou eu para discutir com os frutos silvestres da Árvore da Vida? Ouso dizer que vai crescer em mim algum dia.”

“Não temos tempo para tolices”, disse o Secretário, interrompendo de forma selvagem. “Nós vimos o que tudo isso significa. Quem é você? O que é você? Por que você trouxe todos nós aqui? Você sabe quem e o que somos? Você é um homem idiota bancando o conspirador ou um homem inteligente bancando o idiota? Responda-me, eu lhe digo.”

“Candidatos”, murmurou Domingo, “só precisam responder a oito das dezessete perguntas do questionário. Pelo que eu posso entender, vocês querem que eu diga o que eu sou, o que vocês são e o que esta mesa é, e o que este Conselho é, e o que este mundo é, pelo que sei. Bem, irei tão longe para rasgar o véu de um mistério. Se vocês querem saber o que vocês são, vocês são um conjunto de jovens asnos altamente bem-intencionados.”

“E você”, disse Syme, inclinando-se para frente, “o que é?”

“Eu? O que eu sou?” rugiu o Presidente, e ele se ergueu lentamente a uma altura incrível, como uma onda enorme prestes a se arquear acima deles e quebrar. “Você quer saber o que eu sou, não é? Bull, você é um homem de ciência. Arranque as raízes dessas árvores e descubra a verdade sobre elas. Syme, você é um poeta. Olhe para as nuvens da manhã. Mas Eu lhes digo isso, que vocês terão descoberto a verdade sobre a última árvore e a nuvem mais alta antes da verdade sobre mim. Vocês compreenderão o mar, e eu ainda serei um enigma; vocês entenderão o que são as estrelas, e não saberão o que eu sou. Desde o início do mundo, todos os homens me caçaram como um lobo — reis e sábios, poetas e legisladores, todas as igrejas e todas as filosofias. Mas eu nunca fui pego, e os céus cairão na hora que eu recuar. Eu dei a eles um bom movimento para o seu dinheiro, e vou dar agora.”

Antes que um deles pudesse se mover, o homem monstruoso se balançou como um enorme orangotango sobre a balaustrada da varanda. No entanto, antes de cair, ele se ergueu novamente como em uma barra horizontal e, empurrando seu grande queixo para a borda da varanda, disse solenemente:

“Há uma coisa que vou lhes dizer sobre quem eu sou. Eu sou o homem no quarto escuro, que fez de vocês todos policiais.”

Com isso, caiu da varanda, quicando nas pedras lá embaixo como uma grande bola de borracha, e saiu disparando em direção à esquina do Alhambra, onde chamou um cabriolé e saltou para dentro dele. Os seis detetives ficaram pasmos e lívidos à luz de sua última afirmação; mas quando ele desapareceu no cabriolé, os sentidos práticos de Syme voltaram à sua mente e, saltando sobre a varanda com tanta imprudência que quase quebrou as pernas, chamou uma carruagem.

Ele e Bull saltaram juntos na carruagem, o Professor e o Inspetor em outra, enquanto o Secretário e o antigo Gogol subiram numa terceira bem a tempo de perseguir o voador Syme, que perseguia o voador Presidente. Domingo levou-os a uma perseguição selvagem em direção ao noroeste, seu cocheiro, evidentemente sob a influência de incentivos mais do que comuns, incitava o cavalo a uma velocidade vertiginosa. Mas Syme não estava com disposição para delicadezas e levantou-se em sua própria condução gritando: “Pare, ladrão!” até que uma multidão começou a correr ao lado da carruagem, e policiais a parar e a fazer perguntas. Tudo isso influenciou o cocheiro do Presidente, que começou a parecer desconfiado e a desacelerar para um trote. Ele abriu a janela para falar razoavelmente com seu passageiro e, ao fazer isso, deixou o longo chicote cair sobre a frente da cabine. Domingo inclinou-se para a frente, agarrou-o e arrancou-o violentamente das mãos do homem. Em seguida, ficando de pé na frente da carruagem, ele chicoteou o cavalo e rugiu alto, de modo que eles desceram as ruas como uma tempestade. Rua após rua e praça após praça, rodopiou este veículo absurdo, no qual o passageiro incitava os cavalos e o cocheiro tentando desesperadamente pará-los. As outras três carruagens vieram depois (se a frase for permitida para uma carruagem) como cães ofegantes. Lojas e ruas passando como flechas barulhentas.

No mais alto êxtase da velocidade, Domingo virou-se no para-lama onde estava e, colocando sua grande cabeça sorridente para fora da cabine, com o cabelo branco assobiando ao vento, fez uma cara horrível para seus perseguidores, como um garoto colossal. Depois, erguendo rapidamente a mão direita, atirou uma bola de papel na cara de Syme e desapareceu. Syme apanhou a coisa enquanto a afastava instintivamente e descobriu que consistia em dois papéis amassados. Um era endereçado a ele mesmo e o outro ao Dr. Bull, com uma longa, e deve-se temer em parte irônica, série de letras após seu nome. O endereçado ao Dr. Bull era, de qualquer forma, consideravelmente mais longo do que sua mensagem, pois a mensagem consistia inteiramente nas palavras:

“E quanto a Martin Tupper ‘agora’?”

“O que o velho maníaco quer dizer?” perguntou Bull, olhando para as palavras. “O que o seu diz, Syme?”

A mensagem de Syme era, de qualquer modo, mais longa e seguia da seguinte maneira:

“Ninguém se arrependeria de nada na natureza de uma interferência do arquidiácono mais do que eu. Espero que não chegue a esse ponto. Mas, pela última vez, onde estão suas galochas? A coisa está muito ruim, especialmente depois do que disse o tio.”

O cocheiro do Presidente parecia estar recuperando algum controle sobre seu cavalo, e os perseguidores ganharam um pouco de tempo ao entrarem na Edgware Road. E aqui ocorreu o que pareceu aos aliados uma paralisação providencial. O tráfego de todos os tipos desviava para a direita ou para a esquerda ou parava, pois, na longa estrada, vinha o rugido inconfundível que anunciava um carro de bombeiros, que em poucos

segundos passou como um raio de bronze. Mas, rápido como passou, Domingo saltou de sua cabine, pulando sobre o carro de bombeiros, agarrou-o, pendurando-se nele e foi visto enquanto desaparecia na distância barulhenta conversando com o atônito bombeiro com gestos explicativos.

"Atrás dele!" berrou Syme. "Ele não pode se perder agora. Não há como confundir um carro de bombeiros."

Os três cocheiros, que ficaram atordoados por um momento, chicotearam seus cavalos e diminuíram ligeiramente a distância entre eles e sua presa que desaparecia. O Presidente reconheceu essa proximidade indo para a parte de trás do carro, curvando-se repetidamente, atirando beijos com as mãos e finalmente jogando um bilhete dobrado com cuidado no peito do inspetor Ratcliffe. Quando este o abriu, não sem impaciência, descobriu que continha as palavras:

"Voe imediatamente. A verdade sobre os suspensórios das suas calças é conhecida. — UM AMIGO."

O carro de bombeiros havia se dirigido ainda mais ao norte, pra uma região que eles não conheciam; e enquanto o carro corria por uma linha de grades altas sombreadas por árvores, os seis amigos ficaram surpresos, mas um tanto aliviados, ao ver o Presidente pular do carro de bombeiros, embora fosse um capricho qualquer ou pelo crescente protesto dos bombeiros, eles não puderam ver. Antes que as três carruagens, no entanto, pudessem chegar ao local, ele subiu a grade alta como um enorme gato cinzento, jogou-se para o outro lado e desapareceu na escuridão da folhagem.

Com um gesto furioso, Syme parou a carruagem, saltou para fora e pulou também para a escalada. Quando já tinha uma perna por cima da cerca e seus amigos o seguiam, ele virou para eles um rosto que brilhava bastante pálido na sombra.

“Que lugar pode ser esse?” ele perguntou. “Pode ser a casa do velho demônio? Ouvi dizer que ele tem uma casa no norte de Londres.”

“Tanto melhor”, disse o Secretário severamente, plantando um pé em um apoio, “nós o encontraremos em casa.”

“Não, mas não é isso”, disse Syme, franzindo as sobrancelhas. “Eu ouço os ruídos mais horríveis, como demônios rindo, e espirrando, e assoando seus narizes diabólicos!”

“Seus cachorros latindo, é claro”, disse o Secretário.

“Por que não dizer seus besouros-negros a ladrarem!” disse Syme furiosamente, “caracóis latindo! gerânios latindo! Você já ouviu um cachorro latir assim?”

Ele ergueu a mão e saiu da moita um rugido longo, e um rosnado que parecia penetrar na pele e congelar a carne — um rugido baixo e eletrizante que fez o ar pulsar ao redor deles.

“Os cães de Domingo não seriam cães comuns”, disse Gogol, estremecendo.

Syme saltou para o outro lado, mas continuou a ouvir com impaciência.

“Bem, ouça isso”, disse ele, “isso é um cachorro — o cachorro de alguém?”

Em seus ouvidos, irrompeu um grito rouco de coisas protestando e clamando em dor repentina; e então, distante como um eco, o que soou como uma longa trombeta nasal.

“Bem, a casa dele deve ser o inferno!” disse o Secretário; “e se for o inferno, eu vou!” e ele saltou sobre as grades altas quase com um só balanço.

Os outros o seguiram. Eles romperam um emaranhado de plantas e arbustos e saíram em um caminho aberto. Não havia nada à vista, mas o Dr. Bull de repente juntou as mãos.

“Ora, seus idiotas”, gritou ele, “é o Jardim Zoológico!”

Enquanto eles procuravam desesperadamente por qualquer vestígio de sua presa selvagem, um guarda uniformizado veio correndo ao longo do caminho com um homem à paisana.

“Veio por aqui?” arfou o guarda.

“Por aqui, o quê?” perguntou Syme.

“O elefante!” gritou o guarda. “Um elefante enlouqueceu e fugiu!”

“Ele fugiu com um velho cavalheiro”, disse o outro estranho sem fôlego, “um pobre cavalheiro de cabelos brancos!”

“Que tipo de velho cavalheiro?” perguntou Syme com grande curiosidade.

“Um cavalheiro muito grande e gordo, com roupas cinza claro”, disse o guarda ansiosamente.

“Bem”, disse Syme, “se ele é aquele tipo particular de velho cavalheiro, se você tem certeza de que é um velho grande e gordo com roupas cinza, pode acreditar em mim que o elefante não fugiu com ele. Ele é que fugiu com o elefante. Nenhum elefante criado por Deus poderia fugir com ele se ele não consentisse na fuga. E, por um trovão, lá está ele!”

Não havia dúvida sobre isso desta vez. Limpo através de um espaço gramado, a cerca de duzentos metros de distância, com uma multidão gritando e correndo em vão em seus calcanhares, era um enorme elefante cinza em uma caminhada terrível, com sua tromba jogada para fora tão rígida quanto o gurupés de um navio e trombeteando como o trombeta da desgraça. Nas costas do animal que urrava e mergulhava estava sentado o Presidente Domingo com toda a placidez de um sultão, mas incitando o animal a uma velocidade furiosa com algum objeto pontiagudo em sua mão.

“Parem-no!” gritava a população. “Ele sairá pelo portão!”

“É como parar um deslizamento de terra!” disse o guarda. “Ele já está fora do portão!”

E, enquanto falava, um estrondo final e um rugido de terror anunciaram que o grande elefante cinza havia escapado dos portões do Jardim Zoológico e estava descendo a Albany Street como uma espécie de ônibus novo e rápido.

“Grande Senhor!” Bull gritou, “Eu nunca soube que um elefante pudesse ir tão rápido. Bem, devemos tomar as carruagens de novo, se quisermos mantê-lo à vista.”

Enquanto corriam para o portão de onde o elefante havia desaparecido, Syme teve um panorama ofuscante dos estranhos animais nas jaulas por onde passaram. Depois, achou estranho que ele os tivesse visto tão claramente. Lembrava-se especialmente de ter visto pelicanos, com suas gargantas pendentes absurdas. Perguntou-se por que o pelicano era o símbolo da caridade, exceto que ele precisava de uma boa dose de caridade para admirar um pelicano. Ele se lembrou de um calau, que era simplesmente um enorme bico amarelo com um pequeno pássaro amarrado atrás dele. O todo dava-lhe uma sensação, cuja vivacidade não conseguia explicar, de que a Natureza estava sempre fazendo piadas bastante misteriosas. Domingo dissera que eles iriam entendê-lo quando entendessem as estrelas. Ele se perguntou se até mesmo os arcanjos entendiam o calau.

Os seis infelizes detetives atiraram-se nas carruagens e seguiram o elefante que compartilhava do terror que este espalhava pelo longo trecho das ruas. Desta vez, Domingo não mudou, mas ofereceu-lhes o alongamento sólido de suas costas inconscientes, o que os enlouqueceu, se possível, mais do que suas zombarias anteriores. Pouco antes de chegarem a Baker Street, no entanto, ele foi visto jogando algo para o alto, como um menino faz a uma bola com a intenção de pegá-la novamente. Mas, no ritmo da corrida, ela ficou muito para trás, junto à carruagem que trazia Gogol; e na vaga esperança de uma pista ou de algum impulso inexplicável, Gogol parou a carruagem para

pegá-la. Era um pacote bem volumoso, e estava endereçado a ele mesmo. Ao examiná-lo, entretanto, descobriu-se que seu volume consistia em trinta e três pedaços de papel sem valor, enrolados um ao redor do outro. Quando a última cobertura foi arrancada, ela se reduziu a um pequeno pedaço de papel, no qual estava escrito:

“A palavra, imagino, deveria ser ‘cor-de-rosa’.”

O homem outrora conhecido como Gogol não disse nada, mas os movimentos de suas mãos e pés eram como os de um homem incitando um cavalo a novos esforços.

Rua após rua, distrito após distrito, passou o prodígio do elefante fugitivo, chamando multidões a cada janela e conduzindo o tráfego esquerdo e direito. E ainda com toda essa publicidade insana, as três carruagens labutavam atrás dele, até que passaram a ser consideradas parte de uma procissão, talvez a propaganda de um circo. Percorriam um ritmo tal que as distâncias eram encurtadas inacreditavelmente, e Syme viu o Albert Hall em Kensington quando pensou que ainda estava em Paddington. O passo do animal era ainda mais rápido e livre pelas ruas vazias e aristocráticas de South Kensington, e ele finalmente se dirigiu para aquela parte do horizonte onde a enorme roda de Earl's Court se erguia no céu. A roda foi ficando cada vez maior, até encher o céu como a roda das estrelas.

O animal venceu as carruagens. Eles o perderam em várias esquinas e, quando chegaram a um dos portões da Exposição de Earl's Court, foram finalmente bloqueados. Na frente deles estava uma multidão enorme; no meio dela estava um elefante enorme, arfando e estremecendo como essas criaturas disformes fazem. Mas o Presidente havia desaparecido.

“Para onde ele foi?” perguntou Syme, saltando para o chão.

“O cavalheiro correu para a Exposição, senhor!” disse um oficial de uma forma atordoada. Em seguida, acrescentou com voz ofendida: “Cavalheiro engraçado, senhor. Pediu-me para segurar a montada e me deu isto.”

Ele estendeu com desgosto um pedaço de papel dobrado, endereçado: “Para o Secretário do Conselho Central Anarquista.”

O Secretário, furioso, abriu-o e encontrou escrito nele:

“Quando o arenque corre uma milha,
Deixe o secretário sorrir;
Quando o arenque tenta ‘voar’,
Deixe o secretário morrer.
Provérbio rústico.”

“Por que eterno Cristo”, começou o Secretário, “você deixou o homem entrar? As pessoas costumam vir à sua Exposição cavalgando em elefantes raivosos?”

“Veja!” gritou Syme de repente. “Olhe para lá!”

“Olhar para o quê?” perguntou o Secretário ferozmente.

“Olhe para o balão cativo!” disse Syme, apontando em frenesi.

“Por que diabos eu deveria olhar para um balão cativo?” perguntou o Secretário. “O que há de estranho em um balão cativo?”

“Nada”, disse Syme, “exceto que não é cativo!”

Todos eles voltaram os olhos para onde o balão balançava e crescia acima da Exposição em uma corda, como um balão de criança. Um segundo depois, a corda caiu em duas partes logo abaixo do cesto, e o balão, solto, saiu flutuando com a liberdade de uma bolha de sabão.

“Dez mil demônios!” gritou o Secretário. “Ele está metido nisso!” e balançou os punhos para o céu.

O balão, carregado por algum vento fortuito, veio bem acima deles, e eles puderam ver a grande cabeça branca do

Presidente espiando pela lateral e a olhá-los com benevolência.

“Deus abençoe minha alma!” disse o Professor com uma atitude idosa que nunca poderia se desconectar de sua barba descolorida e seu rosto ressequido. “Deus abençoe minha alma! Parece que algo caiu em cima do meu chapéu!”

Ele ergueu a mão trêmula e tirou daquela prateleira um pedaço de papel retorcido, que abriu distraidamente apenas para descobrir que estava desenhado um coração e as palavras:

“Sua beleza não me deixou indiferente. — De BOLINHA DE NEVE.”

Houve um breve silêncio, e então Syme disse, mordendo a barba...

“Não estou derrotado ainda. O maldito deve cair em algum lugar. Vamos segui-lo!”

CAPÍTULO XIV

OS SEIS FILÓSOFOS

Atravessando campos verdes, e rompendo cercas vivas, seis detetives marchavam laboriosamente, a cerca de cinco milhas de Londres. O otimista do grupo havia inicialmente proposto que eles deveriam seguir o balão através do sul da Inglaterra em carruagens. Mas ele acabou se convencendo da recusa persistente do balão em seguir as estradas e da recusa ainda mais persistente dos cocheiros em seguir o balão. Consequentemente, os viajantes incansáveis, embora exasperados, atravessaram matas negras e campos arados até cada um deles se tornar uma figura ultrajante demais para ser confundida com um vagabundo. Aquelas colinas verdes de Surrey viram o colapso final e a tragédia do admirável terno cinza claro com o qual Syme partira de Saffron Park. Seu chapéu de seda fora rasgado sobre a aba por um galho solto, as pontas do casaco rasgavam-se até o ombro por espinhos que prendiam, o barro da Inglaterra estava salpicado até o colarinho; mas ele ainda carregava sua barba amarela com uma determinação silenciosa e furiosa, e seus olhos ainda estavam fixos naquela bola de gás flutuante, que no brilho do pôr do sol parecia colorida como uma nuvem no ocaso.

"Afinal", disse ele, "é muito bonito!"

"É singular e estranhamente lindo!" disse o Professor. "Eu gostaria que o saco de gás bestial explodisse!"

“Não”, disse o Dr. Bull, “espero que não. Pode machucar o velho.”

“Que machuque-o!” disse o vingativo Professor, “machuque-o! Não tanto quanto eu o machucaria se pudesse me levantar com ele. Bolinha de Neve!”

“Não quero que ele se machuque, de alguma forma”, disse o Dr. Bull.

“O que!” gritou o Secretário amargamente. “Você acredita em toda aquela história sobre ele ser nosso homem no quarto escuro? Domingo diria que era qualquer um.”

“Não sei se acredito ou não”, disse Dr. Bull. “Mas não é isso que quero dizer. Não posso desejar que o balão do velho Domingo se arrebente porque...”

“Bem”, disse Syme impaciente, “por quê?”

“Bem, porque ele mesmo é tão alegre como um balão”, disse o Dr. Bull desesperadamente. “Não entendo uma palavra de toda aquela ideia de ele ser o mesmo homem que nos deu todos os nossos cartões azuis. Parece tornar tudo um absurdo. Mas não me importa quem sabe disso, sempre tive uma simpatia pelo velho Domingo, por mais perverso que fosse. Como se ele fosse um grande bebê saltitante. Como posso explicar qual era a minha estranha simpatia? Não me impediu de lutar contra ele como o inferno! Devo dizer que gostei dele por ser tão gordo?”

“Você não vai”, disse o Secretário.

“Agora entendi”, exclamou Bull, “era porque ele era muito gordo e leve. Como um balão. Sempre pensamos nas pessoas gordas como pesadas, mas ele poderia ter dançado contra uma sílfide. Agora vejo o que quero dizer. A força moderada é mostrada na violência, a força suprema é mostrada na leveza. Era como as velhas especulações — o que aconteceria se um elefante pudesse saltar ao céu como um gafanhoto?”

“Nosso elefante”, disse Syme, olhando para cima, “saltou para o céu como um gafanhoto.”

“E de alguma forma”, concluiu Bull, “é por isso que não consigo deixar de gostar do velho Domingo. Não, não é uma admiração pela força, ou qualquer coisa boba assim. Há uma espécie de alegria na coisa, como se ele fosse cheio de boas notícias. Você não sente isso às vezes em um dia de primavera? Você sabe que a natureza prega peças, mas de alguma forma aquele dia prova que são truques bem-humorados. Nunca li a Bíblia, mas a parte da qual riem é verdade literal: ‘Por que pular, ó montes altos?’ Os montes realmente saltam — pelo menos, eles tentam ... Por que eu gosto de Domingo?... como posso dizer a vocês?... porque ele é um saltador.”

Houve um longo silêncio, e então o Secretário disse com uma voz curiosa e tensa:

“Vocês não conhecem Domingo de forma alguma. Talvez porque vocês sejam melhores do que eu e não conhecem o inferno. Eu era um sujeito feroz e um pouco mórbido desde o princípio. O homem que se senta na escuridão, e que escolheu todos nós, me escolheu porque eu tinha toda a aparência maluca de um conspirador — porque meu sorriso era torto e meus olhos eram sombrios, mesmo quando sorria. Mas deve ter havido algo em mim que respondeu aos nervos de todos esses homens anárquicos. Pois quando eu vi Domingo pela primeira vez, ele expressou para mim, não sua vitalidade etérea, mas algo grosseiro e triste na natureza das coisas. Encontrei-o fumando em uma sala crepuscular, uma sala com persiana marrom aberta, infinitamente mais deprimente do que a escuridão genial em que vive nosso mestre. Ele sentou-se em um banco, uma enorme pilha humana, escuro e fora de forma. Ele ouviu todas as minhas palavras sem falar ou mesmo se mexer. Eu derramei meus apelos mais apaixonados e fiz minhas perguntas mais eloquentes. Então, após um longo silêncio, a coisa começou a tremer, e pensei que estava abalado por alguma doença secreta. Ele tremia como uma gelatina viva e repugnante. Isso me lembrou de tudo que eu

já tinha lido sobre os corpos básicos que são a origem da vida — as protuberâncias do mar profundo e o protoplasma. Parecia a forma final da matéria, a mais informe e a mais vergonhosa. Eu só podia dizer a mim mesmo, por seus tremores, que tal monstro poderia ser miserável. E então me ocorreu que a montanha bestial estava tremendo de uma risada solitária, e a risada era para mim. Você me pede para perdoá-lo por isso? Não é pouca coisa ser motivo de riso por algo ao mesmo tempo inferior e mais forte do que você."

"Certamente vocês estão exagerando loucamente", interrompeu a voz clara do inspetor Ratcliffe. "O Presidente Domingo, intelectualmente, é um sujeito terrível, mas não é uma aberração de Barnum[6] como vocês sugerem. Ele me recebeu em um escritório comum, com um casaco xadrez cinza, em plena luz do dia. Falou comigo de uma forma normal. Mas vou lhe dizer o que é um pouco assustador em Domingo. Seu quarto é arrumado, suas roupas são arrumadas, tudo parece em ordem; mas ele é distraído. Às vezes, seus grandes olhos brilhantes ficam completamente cegos. Por horas ele se esquece que você está lá. Ora, a distração é um pouco horrível em um homem mau. Pensamos em um homem mau tão vigilante. Não podemos pensar em um homem mau que seja honesto e sinceramente sonhador, porque não ousamos pensar em um homem mau sozinho consigo mesmo. Um homem distraído significa um homem de boa índole. Significa um homem que, se por acaso te ver, vai se desculpar. Mas como você suportará um homem distraído que, se por acaso te ver, vai te matar? Isso é o que prova os nervos, abstração combinada com crueldade. Os homens sentiram isso algumas vezes quando passaram por florestas selvagens, e sentiram que os animais eram ao mesmo tempo inocentes e impiedosos. Eles podem ignorar ou matar. Você gostaria de

passar dez horas mortais em uma sala com um tigre distraído?”

“E o que você acha de Domingo, Gogol?” perguntou Syme.

“Não penso em Domingo por princípio”, disse Gogol simplesmente, “assim como não olho para o sol ao meio-dia.”

“Bem, esse é um ponto de vista”, disse Syme pensativo. “O que você diz, Professor?”

O Professor caminhava com a cabeça baixa arrastando a bengala, e não respondeu nada.

“Acorde, Professor!” disse Syme cordialmente. “Diga-nos o que você acha de Domingo.”

O Professor finalmente falou muito devagar.

“Acho algo”, disse ele, “que não posso dizer com clareza. Ou melhor, acho algo que nem consigo pensar com clareza. Mas é algo assim. Minha vida anterior, como vocês sabem, foi um pouco extensa e desregrada. Bem, quando eu vi o rosto de Domingo achei que era muito grande — todo mundo acha, mas eu também achei que era muito devasso. O rosto era tão grande, que ninguém conseguia enfocá-lo nem transformá-lo em um rosto. O olho estava tão longe do nariz, que não era um olho. A boca era tanto por si mesma, que era preciso pensar por si mesma. A coisa toda é muito difícil de explicar.”

Ele parou por um momento, ainda arrastando sua bengala, e então continuou:

“Mas coloque desta forma. Subindo uma estrada à noite, eu vi uma lâmpada e uma janela iluminada e uma nuvem que juntos formaram um rosto inconfundível. Se alguém no céu tiver esse rosto, voltarei a reconhecê-lo. No entanto, quando andei um pouco mais longe, descobri que não havia rosto, que a janela estava a dez jardas de distância, a lâmpada a mil, e a nuvem pra além do mundo. Bem, o rosto de Domingo me escapou; correu para a direita e para a esquerda, assim como as imagens casuais fogem. E então

seu rosto me fez, de alguma forma, duvidar se há algum rosto. Não sei se o seu rosto, Bull, é um rosto ou uma combinação de perspectiva. Talvez um dos discos pretos de seus óculos bestiais esteja bem próximo e o outro a cinquenta milhas de distância. Oh, as dúvidas de um materialista não valem nada. Domingo ensinou-me as últimas e as piores dúvidas, as dúvidas de um espiritualista. Sou budista, suponho; e o budismo não é um credo, é uma dúvida. Meu pobre querido Bull, não acredito que você realmente tenha um rosto.

Os olhos de Syme ainda estavam fixos no orbe errante que, avermelhado à luz do entardecer, parecia um mundo mais rosado e inocente.

"Vocês notaram algo estranho", disse ele, "em todas as suas descrições? Cada um de vocês acha Domingo bastante diferente, mas cada um de vocês só pode encontrar uma coisa para compará-lo — o próprio universo. Bull o acha como a terra na primavera, Gogol como o sol ao meio-dia. O Secretário se lembra do protoplasma informe e o Inspetor do abandono das florestas virgens. O Professor diz que ele é como uma paisagem em mutação. Isso é esquisito, mas é mais esquisito ainda que também tive minha estranha noção sobre o Presidente, e também acho que penso nele como penso no mundo inteiro."

"Ande um pouco mais rápido, Syme", disse Bull; "esqueça o balão."

"Quando vi Domingo pela primeira vez", disse Syme lentamente, "só vi suas costas; e quando as vi, soube que ele era o pior homem do mundo. Seu pescoço e ombros eram brutais, como os de algum deus simiesco. Sua cabeça tinha uma inclinação que dificilmente era humana, como a curvatura de um boi. Na verdade, eu imediatamente tive a ideia revoltante de que este não era um homem, mas um animal vestido com roupas de homem."

"Continue", disse o Dr. Bull.

“E então aconteceu uma coisa esquisita. Da rua eu tinha visto suas costas, quando ele estava sentado na varanda. Em seguida entrei no hotel e, passando pelo outro lado, vi seu rosto ao sol. Seu rosto me assustou, como acontecia com todo mundo; mas não porque fosse brutal, não porque fosse mau. Pelo contrário, me assustava porque era tão belo, porque era tão bom.”

“Syme”, exclamou o secretário, “você está doente?”

“Era como o rosto de algum arcanjo ancião, julgando com justiça após guerras heroicas. Havia risos nos olhos, e na boca honra e tristeza. Havia o mesmo cabelo branco, os mesmos ombros grandes vestidos de cinza que eu tinha visto de trás. Mas quando eu o vi por trás tive certeza de que ele era um animal, e quando o vi pela frente, sabia que ele era um deus.”

“Pã”, disse o Professor sonhadoramente, “era um deus e um animal.”

“Depois, e de novo, e sempre”, continuou Syme como um homem falando consigo mesmo, “tem sido para mim o mistério de Domingo, e é também o mistério do mundo. Quando vejo as costas horríveis, tenho certeza que o rosto nobre é apenas uma máscara. Quando vejo o rosto, senão por um instante, eu sei que as costas são apenas uma brincadeira. O mal é tão mau que não podemos deixar de pensar que o bem é um acidente; o bem é tão bom que temos certeza de que o mal pode ser explicado. Mas tudo chegou a uma espécie de pico ontem, quando perseguia Domingo e estava bem atrás dele.”

“Você teve tempo para pensar então?” perguntou Ratcliffe.

“Tempo”, respondeu Syme, “para um pensamento ultrajante. De repente, fui possuído pela ideia de que a parte de trás de sua cabeça cega era realmente seu rosto — um rosto horrível e sem olhos olhando para mim! E imaginei que a figura correndo na minha frente era na verdade uma figura correndo para trás e dançando enquanto corria.”

“Horrível!” disse o Dr. Bull, estremecendo.

“Horrível não é a palavra certa”, disse Syme. “Esse foi exatamente o pior momento da minha vida. E, no entanto, dez minutos depois, quando ele colocou a cabeça para fora da carruagem e fez uma careta como uma gárgula, eu sabia que ele era apenas como um pai brincando de esconde-esconde com seus filhos.”

“É um jogo longo”, disse o Secretário, e franziu a testa para suas botas quebradas.

“Ouça-me”, gritou Syme com extraordinária ênfase. “Devo contar-lhes o segredo do mundo inteiro? É que só conhecemos a parte de trás do mundo. Vemos tudo por trás e parece brutal. Aquilo não é uma árvore, mas a parte de trás de uma árvore. Aquilo não é uma nuvem, mas a parte de trás de uma nuvem. Você não vê que tudo está se curvando e escondendo um rosto? Se pudéssemos ver de frente...”

“Vejam!” gritou Bull clamorosamente, “o balão está descendo!”

Não havia necessidade de gritar para Syme, que nunca tirara os olhos daquilo. Ele viu o grande globo luminoso de repente cambalear no céu, endireitar-se e então afundar lentamente atrás das árvores como um sol poente.

O homem chamado Gogol, que mal tinha falado durante as cansativas viagens, de repente ergueu as mãos como um espírito perdido.

“Ele está morto!” ele gritou. “E agora eu sei que ele era meu amigo — meu amigo na escuridão!”

“Morto!” bufou o Secretário. “Você não vai encontrá-lo morto facilmente. Se ele for jogado para fora do cesto, vamos encontrá-lo rolando como um potro rola no campo, esperneando para se divertir.”

“A bater os cascos”, disse o Professor. “Os potros gostam, e Pã também.”

“Pã de novo!” disse o Dr. Bull irritado. “Você parece pensar que Pã é tudo.”

“E é mesmo”, disse o Professor, “em grego, quer dizer tudo.”

“Não se esqueça”, disse o Secretário, olhando para baixo, “que também quer dizer Pânico.”

Syme ficou parado sem ouvir nenhuma das exclamações.

“Caiu ali”, disse brevemente. “Vamos segui-lo!”

Então acrescentou com um gesto indescritível:

“Oh, se ele nos enganou a todos ao ser morto! Seria como uma de suas partidas.”

Ele caminhou em direção às árvores distantes com uma nova energia, e seus trapos tremulando ao vento. Os outros o seguiram de uma maneira mais dolorida e duvidosa. E quase ao mesmo tempo todos os seis homens perceberam que não estavam sozinhos no pequeno campo.

Do outro lado do quadrado de relva, um homem alto avançava em direção a eles, apoiado em um estranho cajado comprido como um cetro. Ele estava vestido com um terno fino, mas antiquado, com calção até o joelho; sua cor era aquela tonalidade entre o azul, o violeta e o cinza que se vê em certas sombras da floresta. Seu cabelo era cinza esbranquiçado e, à primeira vista, junto com a calção até o joelho, parecia empoado. Seu avanço era muito silencioso; se não fosse a geada prateada sobre sua cabeça, ele poderia ter sido uma das sombras da floresta.

“Cavalheiros”, disse ele, “meu patrão tem uma carruagem esperando por vocês na estrada logo ali.”

“Quem é o seu mestre?” perguntou Syme, sem se mexer.

“Disseram-me que você sabia o nome dele”, disse o homem respeitosamente.

Houve um silêncio, e então o Secretário disse:

“Onde está essa carruagem?”

“Estão esperando há alguns instantes”, disse o estranho. “Meu mestre acabou de voltar para casa.”

Syme olhou para a esquerda e para a direita no pedaço de campo verde em que se encontrava. As sebes eram sebes comuns, as árvores pareciam árvores comuns; no

entanto, ele se sentia como um homem preso na terra das fadas.

Ele olhou o embaixador misterioso de cima a baixo, mas não conseguiu descobrir nada, exceto que o casaco do homem era da cor exata das sombras roxas e que o rosto do homem era da cor exata do céu vermelho, marrom e dourado.

“Mostre-nos o lugar”, disse Syme brevemente, e sem dizer uma palavra o homem de casaco violeta deu as costas e caminhou em direção a uma abertura na cerca viva, que de repente deixou entrar a luz de uma estrada branca.

Quando os seis andarilhos irromperam nesta passagem, eles viram a estrada branca bloqueada pelo que parecia ser uma longa fila de carruagens, tal fila de carruagens como pode fechar o acesso a alguma casa em Park Lane. Ao lado dessas carruagens havia uma fileira de criados esplêndidos, todos vestidos com o uniforme azul-acinzentado, e todos com uma certa qualidade de imponência e liberdade que não pertenceria comumente aos criados de um cavalheiro, mas sim aos funcionários e embaixadores de um grande rei. Havia nada menos que seis carruagens esperando, uma para cada membro do bando esfarrapado e miserável. Todos os criados (como se estivessem em trajes de corte) usavam espadas e, à medida que cada homem subia em sua carruagem, eles as desembainhavam e saudavam com um repentino clarão de aço.

“O que tudo isso pode significar?” perguntou Bull a Syme enquanto se separavam. “Isso é outra piada de Domingo?”

“Não sei”, disse Syme, enquanto se afundava cansado nas almofadas da carruagem; “mas se for, é uma das piadas de que você fala. É uma piada bem-humorada.”

Os seis aventureiros haviam passado por muitas aventuras, mas nenhuma havia sido tão improvável como esta última aventura de conforto. Todos tinham se acostumado com as coisas que corriam mal; mas as coisas de repente indo bem os desnorteava. Eles não podiam

sequer imaginar o que eram as carruagens; bastava-lhes saber que eram carruagens, e carruagens com almofadas. Eles não podiam conceber quem era o velho que os guiava; mas bastava que ele certamente os tivesse conduzido até as carruagens.

Syme avançou por uma escuridão de árvores em total abandono. Era típico dele que, embora tivesse levado o queixo barbado para a frente com ferocidade, enquanto tudo pudesse ser feito; quando todo o negócio foi tirado de suas mãos, ele caiu de costas nas almofadas em um colapso franco.

Muito gradual e vagamente, ele percebeu em quais estradas ricas a carruagem o levava. Viu que passaram pelos portões de pedra do que poderia ser um parque, que eles começaram gradualmente a subir uma colina que, embora arborizada em ambos os lados, era um pouco mais organizada do que uma floresta. Então, começou a crescer nele, como em um homem que acorda lentamente de um sono saudável, um prazer por tudo. Ele sentiu que as sebes eram o que as cercas deveriam ser, paredes vivas; que uma cerca viva é como um exército humano, disciplinado, mas ainda mais vivo. Viu olmos altos atrás das sebes e pensou vagamente como os meninos ficariam felizes escalando ali. Em seguida sua carruagem fez uma curva no caminho e ele viu de repente e silenciosamente, como uma longa e baixa nuvem do ocaso, uma longa e baixa casa, suave à luz suave do pôr do sol. Mais tarde todos os seis amigos compararam suas impressões e discutiram; mas todos concordaram que, de alguma forma inexplicável, o lugar os lembrava de sua infância. Ou era este topo de olmo ou aquele caminho tortuoso, era este pedaço de pomar ou aquele formato de janela; mas cada um deles declarou que podia se lembrar deste lugar antes de se lembrar de sua própria mãe.

Quando as carruagens finalmente chegaram a um grande portão baixo e cavernoso, outro homem com o

mesmo uniforme, mas usando uma estrela prateada no peito cinza do casaco, saiu para recebê-los. Esta pessoa impressionante disse ao perplexo Syme:

“Refrescos serão fornecidos para você em seu quarto.”

Syme, sob a influência do mesmo sono hipnótico de espanto, subiu as grandes escadas de carvalho atrás do respeitoso criado. Entrou em uma esplêndida suíte de aposentos que parecia ter sido projetada especialmente para ele. Caminhou até um espelho comprido com o instinto comum de sua classe, para endireitar a gravata ou alisar o cabelo; e lá viu a figura assustadora que ele era — sangue escorrendo pelo rosto de onde o galho o atingira, seu cabelo se destacando como trapos amarelos de grama podre, suas roupas rasgadas em farrapos longos e oscilantes. Imediatamente todo o enigma surgiu, simplesmente como a questão de como ele havia chegado lá e como ele deveria sair novamente. Exatamente no mesmo momento, um homem de azul, que havia sido nomeado seu criado, disse muito solenemente:

“Eu trouxe suas roupas, senhor.”

“Roupas!” disse Syme com ironia. “Não tenho roupas, exceto essas”, e ele ergueu duas longas tiras de sua sobrecasaca em festões fascinantes, e fez um movimento como se fosse girar como uma bailarina.

“Meu mestre me pede para dizer”, disse o criado, “que haverá um baile de fantasias esta noite, e que ele deseja que você vista a fantasia que eu preparei. Enquanto isso, senhor, há uma garrafa de Borgonha e um pouco de faisão frio, que ele espera que o senhor não recuse, pois faltam algumas horas para a ceia.”

“Faisão frio é uma coisa boa”, disse Syme pensativamente, “e Borgonha é uma coisa formidável. Mas, na verdade, não quero nenhum dos dois tanto quanto quero saber o que diabos tudo isso significa, e que tipo de fantasia você preparou para mim. Onde está?”

O criado ergueu uma espécie de otomana, uma longa cortina azul pavão, mais parecida com um dominó, na frente da qual estava estampado um grande sol dourado e salpicado aqui e ali de estrelas e crescentes flamejantes.

“Você deve estar vestido de Quinta-Feira, senhor”, disse o criado com certa afabilidade.

“Vestido de Quinta-Feira!” disse Syme em meditação. “Não parece um traje muito quente.”

“Oh, sim, senhor”, disse o outro ansiosamente, “o traje de Quinta-Feira é bem quente, senhor. Ele aperta até o queixo.”

“Bem, não entendo nada”, disse Syme, suspirando. “Estou acostumado há tanto tempo com aventuras desconfortáveis, que aventuras confortáveis me deixam atordoado. Ainda assim, posso perguntar por que eu deveria estar particularmente como Quinta-Feira em uma túnica verde manchada de sóis e luas. Esses astros, eu acho, brilham em outros dias. Certa vez eu vi a lua numa terça-feira, eu me lembro.”

“Perdão, senhor”, disse o criado, “uma bíblia também lhe é fornecida”, e com um dedo respeitoso e rígido ele apontou uma passagem no primeiro capítulo de Gênesis. Syme leu pensando. Era aquele em que o quarto dia da semana está associado à criação do sol e da lua. Aqui, porém, eles calcularam a partir de um domingo cristão.

“Isso está ficando cada vez mais selvagem”, disse Syme, enquanto se sentava em uma cadeira. “Quem são essas pessoas que fornecem faisão frio e Borgonha, roupas verdes e Bíblias? Elas fornecem tudo?”

“Sim, senhor, tudo”, disse o criado gravemente. “Devo ajudá-lo com seu traje?”

“Oh, abotoe essa maldita coisa!” disse Syme com impaciência.

Mas embora fingisse desprezar a cerimônia, sentiu uma curiosa liberdade e naturalidade em seus movimentos quando a vestimenta azul e dourada caiu sobre ele; e

quando descobriu que precisava usar uma espada, teve um sonho infantil. Quando saiu da sala, atirou as dobras sobre o ombro com um gesto, sua espada estava inclinada, e ele tinha toda a arrogância de um trovador. Pois esses disfarces não disfarçavam, mas revelavam.

CAPÍTULO XV

O ACUSADOR

Enquanto Syme caminhava ao longo do corredor, viu o Secretário de pé no topo de um grande lance de escadas. O homem nunca lhe pareceu tão nobre. Ele estava envolto em uma longa túnica negra sem estrelas, no centro da qual caía uma faixa ou tira larga de puro branco, como um único raio de luz. O todo parecia uma vestimenta eclesiástica muito severa. Não houve necessidade de Syme buscar em sua memória ou na bíblia para lembrar que o primeiro dia da criação marcou a mera criação da luz das trevas. A própria vestimenta já teria sugerido o símbolo; e Syme sentiu também o quão perfeitamente este padrão de puro branco e preto expressava a alma do Secretário pálido e austero, com sua veracidade desumana e seu frenesi frio, que o fez facilmente fazer guerra aos anarquistas, e ainda assim facilmente se passar por um deles. Syme não se surpreendeu ao notar que, em meio a toda a tranquilidade e hospitalidade do novo ambiente, os olhos daquele homem ainda eram severos. Nenhum cheiro de cerveja ou de pomares poderia impedir o Secretário de ser uma pessoa razoável.

Se Syme pudesse ver a si mesmo, teria percebido que pela primeira vez parecia consigo mesmo e mais ninguém. Pois se o secretário representava aquele filósofo que ama a luz original e informe, Syme era um tipo de poeta que busca sempre fazer a luz em formas especiais,

dividi-la em sol e estrelas. O filósofo pode às vezes amar o infinito; o poeta sempre ama o finito. Para ele, o grande momento não é a criação da luz, mas a criação do sol e da lua.

Enquanto desciam as largas escadas juntos, alcançaram Ratcliffe, que estava vestido de verde primaveril como um caçador, e o padrão em cuja vestimenta era um emaranhado de árvores verdes. Pois ele representava aquele terceiro dia em que a terra e as coisas verdes foram criadas, e seu rosto quadrado e sensível, com seu cinismo nada hostil, parecia bastante apropriado para ele.

Eles foram conduzidos para fora de um portal amplo e baixo até um jardim inglês muito grande, cheio de tochas e fogueiras, sob a luz fragmentada da qual um vasto carnaval de pessoas dançava em trajes variados. Syme parecia ver todas as formas da Natureza imitadas em alguma fantasia maluca. Havia um homem vestido de moinho de vento com velas enormes, um homem vestido de elefante, um homem vestido de balão; os dois últimos, juntos, pareciam manter a linha de suas aventuras ridículas. Syme até viu, com uma emoção esquisita, um dançarino vestido como um enorme calau, com um bico duas vezes maior que ele — o pássaro estranho que se fixou em sua imaginação como uma questão viva enquanto corria pela longa estrada no Jardim Zoológico. No entanto, havia milhares de outros casos semelhantes. Havia um poste de luz dançante, uma macieira dançante, um navio dançante. Alguém poderia pensar que a melodia indomável de algum músico maluco havia colocado todos os objetos comuns do campo e da dança de rua em um bailado eterno. E muito tempo depois, quando Syme estava na meia-idade e em repouso, não podia ver um desses objetos em particular — um poste de luz, uma macieira, ou um moinho de vento — sem pensar que era um folião extraviado daquela festa mascarada.

De um lado do gramado, cheio de dançarinos, havia uma espécie de estrado verde, como nos terraços de jardins tão

antigos.

Ao longo do estrado, em uma espécie de meia-lua, ficavam sete grandes cadeiras, os tronos dos sete dias. Gogol e o Dr. Bull já estavam em seus lugares; o Professor subia para o seu. Gogol, ou Terça-Feira, tinha sua simplicidade bem simbolizada por um traje que representava a divisão das águas, uma túnica que se apartava na testa e caía aos pés, cinza e prata, como uma lâmina de chuva. O Professor, cujo dia era aquele em que os pássaros e peixes — as formas de vida mais rudes — foram criados, tinha um traje roxo escuro, sobre o qual se esparramavam peixes de olhos arregalados e pássaros tropicais ultrajantes, a união de fantasia insondável e de dúvida. Dr. Bull, o último dia da Criação, usava um casaco coberto com animais heráldicos em vermelho e dourado, e em sua crista um homem exuberante. Ele se recostou na cadeira com um largo sorriso, a imagem de um otimista no seu elemento.

Um por um, os errantes subiram a margem e se sentaram em seus estranhos assentos. À medida que cada um deles se sentava, um rugido de entusiasmo se erguia do carnaval, como aquele com o qual as multidões recebem os reis. Taças tilintaram e tochas sacudiram, e chapéus de penas foram jogados ao ar. Os homens para os quais esses tronos foram reservados eram homens coroados com alguns louros extraordinários. Mas a cadeira central estava vazia.

Syme estava à esquerda e o Secretário à direita. O Secretário olhou para Syme através do trono vazio e disse, comprimindo os lábios:

“Não sabemos ainda se ele não está morto no campo.”

Quase ao ouvir as palavras, Syme viu no mar de rostos humanos à sua frente uma alteração assustadora e bela, como se o céu se abrisse atrás da sua cabeça. Mas Domingo havia passado silenciosamente pelaa frente como uma sombra, e sentou-se no assento central. Ele estava vestido

com simplicidade, em um branco puro e terrível, e seu cabelo era como uma chama prateada em sua testa.

Por um longo tempo — pareceram horas — aquele enorme baile de máscaras da humanidade balançou e pisou diante deles ao som de uma música marcial e exultante. Cada casal dançando parecia um romance separado; fosse uma fada dançando com uma caixa de correio ou uma camponesa dançando com a lua; mas em cada caso era, de alguma forma, tão absurdo quanto Alice no País das Maravilhas, porém tão grave e gentil quanto uma história de amor. Por fim, contudo, a multidão começou a diminuir. Casais se afastaram para os passeios no jardim, ou começaram a vagar para aquela extremidade do prédio onde fumavam, fumegando como chaleiras, algumas misturas quentes e perfumadas de cerveja velha ou vinho. Acima de tudo isso, sobre uma espécie de estrutura negra no telhado da casa, rugia em sua cesta de ferro uma gigantesca fogueira, que iluminava o terreno por milhas em redor. Ela lançava o efeito caseiro da luz do fogo sobre a face de vastas florestas de cinza ou marrom, e parecia encher com calor até o vazio da noite alta. No entanto, esta também, depois de um tempo, ficou mais fraca; os grupos sombrios se reuniam cada vez mais em torno dos grandes caldeirões ou passavam, rindo e fazendo barulho, para as passagens internas daquela casa antiga. Logo havia apenas dez retardatários no jardim; pouco depois apenas quatro. Finalmente o último festeiro perdido correu para a casa gritando para seus companheiros. O fogo se extinguira e as estrelas fortes e lentas surgiram. E os sete homens estranhos foram deixados sozinhos, como sete estátuas de pedra em suas cadeiras de pedra. Nenhum deles havia falado uma palavra.

Pareciam não ter pressa em fazê-lo, mas ouviram em silêncio o zumbido dos insetos e o canto distante de um pássaro. Por fim, Domingo falou, mas tão sonhadoramente

que poderia estar continuando uma conversa em vez de começar uma.

“Vamos comer e beber mais tarde”, disse ele. “’Vamos ficar juntos um pouco, nós que nos amamos tão tristemente e lutamos tanto. Parece que me lembro apenas de séculos de guerra heroica, na qual vocês sempre foram heróis — épico sobre épico, ilíada sobre ilíada, e vocês sempre irmãos de armas. Quer tenha sido recentemente (porque o tempo não é nada), ou no início do mundo, eu vos enviei para a guerra. Sentei-me na escuridão, onde não há nada criado, e para vocês eu era apenas uma voz que comanda o valor e uma virtude não natural. Vocês ouviram a voz no escuro, e nunca mais a ouviram. O sol no céu a negou, a terra e o céu a negaram, toda a sabedoria humana a negou. E quando vos encontrei à luz do dia, eu mesmo a neguei.”

Syme mexeu-se bruscamente na cadeira, mas, fora isso, fez-se silêncio e o incompreensível continuou.

“Mas vocês eram homens. Você não esqueceram sua honra secreta, embora todo o cosmos tenha girado uma máquina de tortura para arrancá-la de vocês. Eu sabia o quão perto vocês estavam do inferno. Eu sei como você, Quinta-Feira, cruzou espadas com o rei Satanás, e como você, Quarta-Feira, me invocou numa hora sem esperança.”

Houve um silêncio completo no jardim estrelado, e então o Secretário de sobrancelhas negras, implacável, virou-se em sua cadeira para Domingo e disse em uma voz áspera:

“Quem e o que é você?”

“Eu sou o Sabath”, disse o outro sem se mover. “Eu sou a paz de Deus.”

O Secretário deu um pulo e esmagou seu caro manto com as mãos.

“Eu sei o que você quer dizer”, gritou ele, “e é exatamente isso que não posso perdoar. Sei que você é o contentamento, o otimismo, aquilo a que chamamos, uma reconciliação final. Bem, eu não estou reconciliado. Se foste o homem no quarto escuro, por que foste também Domingo,

uma ofensa à luz do sol? Se foste desde o início nosso pai e nosso amigo, por que foste também o nosso maior inimigo? Choramos, fugimos aterrorizados; o ferro entrou em nossas almas — e você é a paz de Deus! Oh, eu posso perdoar a Deus Sua ira, embora tenha destruído nações; mas não posso perdoá-Lo por sua paz."

Domingo não respondeu uma palavra, mas muito lentamente voltou o rosto de pedra para Syme, como se fizesse uma pergunta.

"Não", disse Syme, "não me sinto tão feroz. Sou grato a você, não apenas pelo vinho e pela hospitalidade aqui, mas por muitas corridas e lutas livres. Mas eu gostaria de saber. Minha alma e meu coração estão tão felizes e tranquilos aqui quanto este velho jardim, mas minha razão ainda clama. Eu gostaria de saber."

Domingo olhou para Ratcliffe, cuja voz clara disse:

"Parece tão *bobo* você ter estado em ambos os lados e lutado contra si mesmo."

Bull disse:

"Não entendo nada, mas estou feliz. Na verdade, vou dormir."

"Não estou feliz", disse o Professor com a cabeça entre as mãos, "porque não entendo. Você me deixou chegar um pouco perto do inferno."

Em seguida Gogol disse, com a simplicidade absoluta de uma criança:

"Eu gostaria de saber por que estou tão dolorido."

Ainda assim, Domingo não disse nada, apenas se sentou com o queixo poderoso sobre a mão e olhou para a distância. Então, finalmente, ele disse:

"Eu ouvi suas reclamações na ordem. E aqui, eu acredito, vem outro reclamar, e nós o ouviremos também."

O fogo decadente no grande fogaréu lançou um último e longo brilho, como uma barra de ouro em chamas, sobre a grama escura. Contra essa faixa de fogo foram delineadas em negro absoluto as pernas caminhantes de uma figura

vestida de preto. Parecia usar um belo terno justo com calção até o joelho como os que usavam os criados da casa, só que não era azul, mas sim preto. Ele tinha, como os criados, uma espécie de espada ao seu lado. Só quando se aproximou bastante do estrado e ergueu o rosto para olhá-los é que Syme viu, com uma nitidez estrondosa, que era o rosto largo, quase de macaco do seu antigo amigo Gregory, com seu cabelo ruivo rançoso e seu sorriso insultuoso.

“Gregory!” exclamou Syme, levantando-se parcialmente da cadeira. “Ora, este é o verdadeiro anarquista!”

“Sim”, disse Gregory, com uma restrição grande e perigosa, “eu sou o verdadeiro anarquista.”

“Chegou o dia”, murmurou Bull, que parecia realmente ter adormecido, “em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, e Satanás veio também entre eles.”

“Você está certo”, disse Gregory, e olhou em volta. “Eu sou um destruidor. Eu destruiria o mundo se pudesse.”

Uma sensação de afeição sob a terra despertou em Syme, e ele falou entrecortado e sem sequência.

“Oh, que homem infeliz”, disse ele, “tente ser feliz! Você é ruivo como sua irmã.”

“Meu cabelo ruivo, como chamas vermelhas, deve queimar o mundo”, disse Gregory. “Eu pensei que eu odiasse tudo, mais do que homens comuns podem odiar qualquer coisa; mas acho que não odeio tudo tanto quanto odeio você!”

“Nunca te odiei”, disse Syme com muita tristeza.

Então, daquela criatura ininteligível, os últimos trovões estouraram.

“Você!” ele gritou. “Você nunca odiou porque nunca viveu. Eu sei o que vocês são, do princípio ao fim — vocês são as pessoas no poder! Vocês são a polícia — os grandes gordos e sorridentes homens de azul e botões! Vocês são a Lei, e nunca foram quebrados. Mas existirá alguma alma livre que não anseia por quebrá-los, só porque vocês nunca

foram quebrados? Nós, os revoltados, falamos todo tipo de bobagem, sem dúvida sobre esse ou aquele crime do Governo. É tudo tolice! O único crime do Governo é governar. O pecado imperdoável do poder supremo é ser supremo. Não vos amaldiçoo por serem cruéis. Não vos amaldiçoo (embora deva) por serem amáveis. Eu vos amaldiçoo por estarem em segurança! Vocês se sentam em suas cadeiras de pedra e nunca descem delas. Vocês são os sete anjos do céu e não tiveram problemas. Oh, eu poderia vos perdoar tudo, vós que governam toda a humanidade, se eu pudesse sentir por uma vez que vocês sofreram por uma hora uma agonia real como eu...”

Syme pôs-se de pé num salto, tremendo da cabeça aos pés.

“Eu vejo tudo”, gritou ele, “tudo o que existe. Por que cada coisa na terra luta uma contra a outra? Por que cada pequena coisa no mundo tem que lutar contra o próprio mundo? Por que uma mosca tem que lutar contra o universo inteiro? Por que um dente-de-leão tem que lutar contra o universo inteiro? Pela mesma razão que eu tive que estar sozinho no terrível Conselho dos Dias. Para que cada coisa que obedece à lei tenha a glória e o isolamento do anarquista. Para que cada homem que luta pela ordem seja um homem tão valente e bom quanto o dinamitista. Para que a verdadeira mentira de Satanás seja lançada de volta na face deste blasfemador, para que por meio de lágrimas e tortura possamos ganhar o direito de dizer a este homem: ‘Você mente!’ Nenhuma agonia pode ser muito grande para adquirir o direito de dizer a este acusador: ‘Nós também sofremos.’

“Não é verdade que nunca fomos quebrados. Fomos quebrados sobre a roda. Não é verdade que nunca descemos desses tronos. Nós descemos ao inferno. Estávamos reclamando de misérias inesquecíveis até mesmo naquele momento quando este homem entrou insolentemente para nos acusar de felicidade. Eu repudio a

calúnia; não temos sido felizes. Posso responder por cada um dos grandes guardiões da Lei a quem ele acusou. Pelo menos..."

Ele havia virado os olhos para ver de repente o grande rosto de Domingo, que exibia um sorriso estranho.

"Você já", gritou Syme com uma voz terrível, "já sofreu?"

Enquanto ele olhava, o grande rosto cresceu para um tamanho terrível, ficou maior do que a máscara colossal de Mêmnon, que o fez gritar quando criança. Tornou-se cada vez maior, enchendo todo o céu; então tudo ficou preto. Apenas na escuridão antes desta destruir totalmente seu cérebro, pareceu-lhe ouvir uma voz distante declarando um lugar-comum que ele já ouvira em algum lugar: "Você pode beber do cálice que eu bebo?"

Quando os personagens nos livros despertam de uma visão, eles comumente se encontram em algum lugar em que podem ter adormecido; bocejam em uma cadeira ou se levantam do campo com os membros doloridos. A experiência de Syme era algo muito mais estranho psicologicamente se houvesse de fato algo irreal, no sentido terreno, nas coisas pelas quais ele havia passado. Pois, embora depois pudesse sempre se lembrar de que desmaiara perante Domingo, ele não conseguia se lembrar de ter voltado a si mesmo. Ele só conseguia se lembrar de que, gradualmente e naturalmente, estava e estivera caminhando por uma estrada rural com um companheiro tranquilo e conversador. Aquele companheiro fizera parte de seu drama recente; era o poeta ruivo Gregory. Eles estavam andando como velhos amigos, e estavam no meio de uma conversa sobre algumas trivialidades. Mas Syme só conseguia sentir uma flutuabilidade anormal no corpo e uma simplicidade cristalina na mente que parecia superior a tudo o que dizia ou fazia. Ele sentia que estava de posse de algumas boas-novas impossíveis, que tornavam todas as

outras coisas uma trivialidade, mas uma trivialidade adorável.

O amanhecer despontava sobre tudo em cores ao mesmo tempo claras e tímidas; como se a Natureza fizesse uma primeira tentativa de amarelo e uma primeira tentativa de cor-de-rosa. Uma brisa soprou tão limpa e doce, que não se poderia pensar que soprava do céu; mas por algum buraco no céu. Syme sentiu uma simples surpresa ao ver que se erguiam à sua volta, dos dois lados da estrada, os edifícios vermelhos e irregulares de Saffron Park. Ele não tinha ideia de que estava perambulando tão perto de Londres. Ele caminhou por instinto ao longo de uma estrada branca, na qual os pássaros madrugadores pulavam e cantavam, e se viu diante de um jardim cercado. Lá ele viu a irmã de Gregory, a garota de cabelo ruivo-dourado, cortando lilases antes do café da manhã, com a grande seriedade inconsciente de uma garota.

O Autor

Gilbert Keith Chesterton, (1874 - 1936), crítico inglês e autor de versos, ensaios, romances e contos, conhecido também por sua exuberância personalidade e figura rotunda.

Chesterton foi educado na St. Paul's School e mais tarde estudou arte na Slade School e literatura na University College, em Londres. Seus escritos até 1910 eram de três tipos. Primeiro, a crítica social, principalmente em seu volumoso jornalismo, foi reunida em *The Defendant* (1901), *Twelve Types* (1902) e *Heretics* (1905). Nele, expressou pontos de vista fortemente pró-Boer na guerra sul-africana. Politicamente, começou como um liberal, mas após um breve período radical tornou-se, com seu amigo cristão e medievalista Hilaire Belloc, um Distributista, favorável à distribuição de terras. Esta fase de seu pensamento é exemplificada por *What's Wrong with the World* (1910).

Sua segunda ocupação era a crítica literária. *Robert Browning* (1903) seguido por *Charles Dickens* (1906) e *Appreciations and Criticisms of the Works of Charles Dickens* (1911), prefácios de romances individuais, que estão entre suas melhores contribuições para a crítica. *Seus George Bernard Shaw* (1909) e *The Victorian Age in Literature* (1913) junto com *William Blake* (1910) e as monografias posteriores *William Cobbett* (1925) e *Robert Louis Stevenson* (1927) têm uma espontaneidade que as coloca acima das obras de muitos críticos acadêmicos.

A terceira grande preocupação de Chesterton era a teologia e o argumento religioso. Ele foi convertido do

anglicanismo ao catolicismo romano em 1922. Embora ele tivesse escrito sobre o cristianismo antes, como em seu livro *Ortodoxia* (1909), sua conversão acrescentou um toque a seus escritos polêmicos, notadamente *The Catholic Church and Conversion* (1926), seus escritos em *G.K.'s Weekly*, e *Avowals and Denials* (1934). Outras obras decorrentes de sua conversão foram *St. Francis of Assisi* (1923), o ensaio de teologia histórica *The Everlasting Man* (1925), *The Thing* (1929; também publicado como *The Thing: Why I Am a Catholic*) e *St. Thomas Aquinas* (1933).

Em seus versos, Chesterton era um mestre nas formas de baladas, como mostra o comovente *Lepanto* (1911). Quando não era muito cômico, seu verso era francamente partidário e didático. Seus ensaios desenvolveram sua irreverência astuta e paradoxal até o ponto máximo de verdadeira seriedade. Ele é visto na sua forma mais feliz em ensaios como *On Running After One's Hat* (1908) e *A Defense of Nonsense* (1901), em que diz que o absurdo e a fé são "as duas supremas afirmações simbólicas da verdade" e "Extrair a alma das coisas com um silogismo é tão impossível quanto extrair o Leviatã com um gancho."

Muitos leitores valorizam mais a ficção de Chesterton. *The Napoleon of Notting Hill* (1904), um romance de guerra civil no subúrbio de Londres, foi seguido pela coleção vagamente entrelaçada de contos, *The Club of Queer Trades* (1905), e o popular romance alegórico *The Man Who Was Thursday* (1908). Mas a associação mais bem-sucedida de ficção com julgamento social está na série de Chesterton sobre o detetive Padre Brown: *The Innocence of Father Brown* (1911), seguido por *The Wisdom of Father Brown* (1914), *The Incredulity of Father Brown* (1926), *The Secret of Father Brown* (1927) e *The Scandal of Father Brown* (1935).

[1] Publicações britânicas do final do século 19.

[2] *A Canção de Roland* (La Chanson de Roland) poema épico do século 11 baseado na Batalha de Roncevaux Pass em 778, durante o reinado de Carlos Magno.

[3] Cabo Griz-Nez.

[4] *Gendarmaria*: força militar, encarregada da realização de funções de polícia no âmbito da população civil.

[5] *O Dunciad* é um poema narrativo de Alexander Pope publicado em três versões diferentes e em épocas diferentes de 1728 a 1743. O poema celebra a deusa *Dulness* e o progresso de seus agentes escolhidos à medida que trazem decadência, imbecilidade e desgosto ao Reino da Grã-Bretanha.

[6] Referência à *P. T. Barnum*, showman e empresário norte-americano, lembrado principalmente por promover as mais famosas críticas ao teatro e por fundar o que viria a se tornar o Ringling Bros. e Barnum & Bailey Circus.